



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
FACULDADE DE LETRAS – FLet
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/MESTRADO – PPGL

WASHINGTON DA SILVA BASTOS

**LENDAS AMAZÔNICAS: REPRESENTAÇÃO DA IMAGINAÇÃO SIMBÓLICA
NARRADA PELOS ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL CAROLINA PEROLINA
RAIMUNDA ALMEIDA, MANAUS-AM**

**MANAUS
2024**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
FACULDADE DE LETRAS – FLet
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/MESTRADO – PPGL

WASHINGTON DA SILVA BASTOS

**LENDAS AMAZÔNICAS: REPRESENTAÇÃO DA IMAGINAÇÃO SIMBÓLICA
NARRADA PELOS ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL CAROLINA PEROLINA
RAIMUNDA ALMEIDA, MANAUS-AM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Cacio José Ferreira

MANAUS
2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bastos, Washington da Silva
B327l Lendas amazônicas: representação da imaginação simbólica
narrada pelos alunos da Escola Municipal Carolina Perolina
Raimunda Almeida, Manaus-AM / Washington da Silva
Bastos . 2024
110 f.: il.; 31 cm.
Orientador: Cacio José Ferreira
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do
Amazonas.
1. Imaginação simbólica. 2. Lendas amazônicas. 3. Literatura e
sala de aula. 4. Narrativas lendárias. I. Ferreira, Cacio José. II.
Universidade Federal do Amazonas III. Título

WASHINGTON DA SILVA BASTOS

**LENDAS AMAZÔNICAS: REPRESENTAÇÃO DA IMAGINAÇÃO SIMBÓLICA
NARRADA PELOS ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL CAROLINA PEROLINA
RAIMUNDA ALMEIDA, MANAUS-AM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Estudos Literários.

Aprovada em 28 de agosto de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Dr. Cacio José Ferreira - **Presidente**
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Dra. Priscila Vasques Castro Dantas - **Membro**
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Dra. Iná Isabel de Almeida Rafael - **Membro**
Universidade do Estado do Amazonas - UEA

Dedico esta dissertação à minha esposa e ao meu filho, Maria Antônia e Lucas Bastos, eles são o motivo desse grande desafio, dedico também esta pesquisa a todos meus amigos que são profissionais da Educação, e aos meus alunos que através do convívio, ajudaram-me nesta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Primordialmente, estendo a gratidão Àquele que concede sabedoria aos seres humanos, Deus, Pai das Luzes, pelo momento oportuno que me concedeu essa conquista.

Externo meu agradecimento a uma doce pessoa, à minha querida esposa: Maria Antônia Bastos, esta que sempre acreditou na minha capacidade para a realização do Mestrado, e em momentos árduos e duvidosos, ela me encorajava.

Ao meu filho, Lucas Bastos, que é o presente dos céus, e aos meus pais e meus irmãos que viram em mim um potencial, são estas pessoas queridas que nos movem a sermos pesquisadores.

Agradeço imensamente ao meu orientador Cacio José Ferreira, a quem tenho grande admiração, por sua sabedoria e paciência instituída.

Enfim, àqueles que fazem da Literatura seu objeto de estudo. A todos vocês, minha imensa gratidão!

O próprio homem da terra, ao penetrar no emaranhado dos rios – que se interligam, se estreitam, se alargam, mudam de cores e profundidades, exibem e escondem perigos – desse mundo que parece não ter fim, se dá conta do real enquanto uma vaga forma de imensidão que se confunde com o imaginal. (Loureiro, 2015, p. 115)

RESUMO

Esta pesquisa investiga o imaginário produzido pelas lendas amazônicas e os aspectos peculiares relacionados à floresta, às cidades, aos encantamentos e aos costumes ribeirinhos. Sob uma perspectiva teórica e identitária, o debate está atrelado a traços simbólicos que formam a identidade amazônida, preservando tradições e saberes. A partir desse pensamento, definiu-se, como objeto da pesquisa, as relações milenares e o indivíduo amazônida no contexto da educação básica, permitindo ater-se na cultura do imaginário para que a performance do narrar torne-se representativo para seu povo e futuras gerações, conforme o pensamento de Paul Ricoeur ao enfatizar que os símbolos são ressignificados pelo homem, e essa possibilidade permite ao sujeito acessar o conhecimento que enriquece a maneira de observar tudo que o circunda. O lugar da investigação das lendas iniciou em sala de aula ao observar aspectos peculiares delas na vida escolar. Dessa maneira, o objetivo geral foi investigar os elementos do imaginário simbólico a partir da narração dos alunos da Escola Carolina Perolina Raimunda Almeida usando o lendário amazônico, visto que a região é reconstruída por meio de elementos de encantamentos. Os resultados, aqui debatidos, apontam que o imaginário é o fio condutor da manutenção de elementos culturais, pois mediante a prática imagética estetizante, o ribeirinho e/ou seus descendentes recriam a identidade, e ainda encontram explicações que valorizam o contexto que os cercam. Para tanto, procurou-se fazer um estudo de caráter qualitativo, tendo os alunos como sujeitos participantes, além do levantamento de cunho bibliográfico, procurando tecer um diálogo entre a sala de aula e o imaginário, cuja função é descortinar o conhecimento e saberes por meio da narrativa lendária. Nota-se que, ao associar o gênero lenda produzido em sala de aula às experiências cotidianas dos discentes e ao imaginário simbólico, possibilita-nos entender, de maneira verticalizada, a cultura amazônica e outras pluralidades que estão presentes no contexto diário do amazônida. Assim, reforça-se que, atentar para as complexidades humanas, é estudá-las atrelando a elementos simbólicos que auxiliam na compreensão da condição dos indivíduos e das múltiplas alegorias, envolvendo as origens, culturas e as ascentralidades dos indivíduos.

Palavras-chave: Imaginação simbólica. Lendas amazônicas. Literatura e sala de aula. Narrativas lendárias.

ABSTRACT

This research investigates the imaginary produced by Amazonian legends and the peculiar aspects related to the forest, cities, enchantments, and riverine customs. From a theoretical and identity perspective, the debate is linked to symbolic traits that form Amazonian identity, preserving traditions and knowledge. Based on this thinking, the research focuses on the millennial relationships and the Amazonian individual in the context of basic education, allowing an immersion in the culture of the imaginary so that the act of narrating becomes representative for its people and future generations. This aligns with Paul Ricœur's thought, emphasizing that symbols are ressignified by humans, and this possibility allows individuals to access knowledge that enriches the way they observe everything around them. The investigation of legends began in the classroom by observing their peculiar aspects in the school life. Thus, the general objective of the research was to investigate elements of the symbolic imaginary based on the narration by students of the Escola Carolina Perolina Raimunda Almeida using Amazonian legend, given that the region is reconstructed through elements of enchantments. The results discussed here indicate that the imaginary is the guiding thread in the maintenance of cultural elements, as through aesthetic imaging practice, the riverine and/or their descendants recreate their identity and find explanations that value the context surrounding them. To this end, a qualitative study was conducted with students as participants, in addition to a bibliographic survey, aiming to weave a dialogue between the classroom and the imaginary, whose function is to unveil knowledge and wisdom through legendary narrative. It is noted that associating the genre of legend produced in the classroom with the students' daily experiences and symbolic imaginary allows us to understand, in a deepened manner, the Amazonian culture and other pluralities present in the daily context of the Amazonian. Thus, it is emphasized that attending to human complexities involves studying them in relation to symbolic elements that assist in understanding the condition of individuals and the multiple allegories, including origins, cultures, and the centralities of individuals.

Keywords: Symbolic Imagination. Amazonian Legends. Literature and Classroom. Legendary Narratives.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
SEÇÃO I: IMAGINAÇÃO SIMBÓLICA-FUNDAMENTOS E DESDOBRAMENTOS	27
1.1 A importância do simbólico.....	27
1.2 A Imaginação simbólica: conceitos e debates	36
1.3 A imaginação simbólica e o mundo literário.....	43
SEÇÃO II: NARRATIVA LENDÁRIA: INTERFACES DO SIMBOLISMO AMAZÔNICO	49
2.1 Mitos e lendas: expressões de multiplicidade amazônica.....	49
2.2 O lendário amazônico em sala de aula: a imaginação simbólica em ação.....	56
2.3 O lendário, a transposição simbólica, devaneios e esteticismo	59
SEÇÃO III: NARRATIVAS LENDÁRIAS (RE)CONTADAS PELOS ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL CAROLINA PEROLINA RAIMUNDA ALMEIDA	67
3.1 Imaginação simbólica em análise	67
3.2 Acairu, mãe das entidades (de autoria do discente Uirapuru)	71
3.3 A sereia dos mares (de autoria do aluno Mutum).....	75
3.4 Aramebá (autoria do aluno Galo-da-Serra).....	81
3.5 Os guardiões da serpente (autoria do aluno Tucano).....	85
3.6 Tainá- a estrela (autoria do aluno Mergulhão)	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS.....	98
APÊNDICES	102
ANEXO.....	110

INTRODUÇÃO

A imaginação simbólica é o dinamismo prospectivo, que através de todas as estruturas do projeto imaginário, tenta melhorar a situação do homem no mundo. (Durand, 2003, p. 99)

A presente pesquisa debate o imaginário e as lendas amazônicas produzidas pelos alunos da Escola Municipal Carolina Perolina Raimunda Almeida-AM, juntamente com seus aspectos peculiares relacionados à floresta, às cidades, aos encantamentos e aos costumes ribeirinhos. Trata-se de uma pesquisa que enfatiza a cultura amazônica por meios de narrativas lendárias que revelam a identidade do homem amazônida.

Uma sociedade é constituída por diversos contextos como cultura e organização social, a qual preserva parte da ancestralidade e conhecimentos que fazem de determinado grupo certo compêndio de significações e vivências. Para que as significações sejam preservadas, há um processo intermediador do homem com diferentes ângulos de cultura e da forma de narrar as vivências. Correlacionando com a realidade, determinados saberes carregados de significações e elementos simbólicos, subsidiam o indivíduo na construção sentidos para a existência e abrangência na forma de compreender o ambiente em contextos sociais, históricos e culturais.

Nessa perspectiva, diversas vezes, o conjunto de significações é elaborado por culturas atreladas a outras civilizações, compreendendo, assim, que a preservação de elementos resulta na reunião de pensamentos diversos, e que agrupados, ditam o ritmo da dinâmica para determinadas explicações em relação à complexidade da existência humana. A busca pela decifração da cosmogonia colabora para que o sujeito seja evocado a narrar as explicações para a existência, e o ato de contar emergirá de diversas maneiras. Tais formas de explicação concretizam-se em respostas associadas aos símbolos que norteiam o indivíduo no contexto cultural em que está inserido.

Esse desejo pela busca de explicações atrelado ao simbólico, sempre permeou a minha mente desde os tempos de infância quando eu morava no interior de Manacapuru, município deste estado. Embora vindo para a capital amazonense aos 14 anos de idade, diversas imagens ainda são vívidas em minha memória, tais como as histórias narradas pelo meu avô, situações corriqueiras do cotidiano que me provocavam indagações, gerando curiosidades em relação às paisagens e personagens que permeavam as histórias contadas.

A região em que vivi, no tempo de criança, proporcionava-me a ter uma mente fértil em relação ao campo do imaginário e, diversas vezes, tentava sanar a curiosidade instigada pelas histórias recontando-as para outras crianças. Esse contexto de valorização das narrativas impulsiona em nós um senso de pertencimento ao lugar ao reconhecer os elementos simbólicos que circundam o dia a dia do ribeirinho, contribuindo no fortalecimento a nossa identidade.

Nesse percurso de criança, muitas imagens vêm à baila em minha memória, como acordar cedo e sair com meu pai para pescar. Nesse percurso em busca da sobrevivência, vislumbrava o rio e sua imponência junto com a sensação de medo e mistério. Durante as noites, ficávamos em uma roda, contávamos histórias, aguçando ainda mais a nossa imaginação. Era salutar sentir o mistério entrelaçado com a magia e a visão turva da noite em cada enredo improvisado pela oralidade hábil dos mais velhos. A narrativa que mais provocasse a sensação de mistério, era a mais difundida. O processo relatado de contar lendas é o cerne da imaginação simbólica, que por meio de um devaneio poético, remete-nos ao ato criar e reciar, gerando novas significações para narrativas dos antepassados.

Diante de diversas situações vivenciadas em Manacapuru, destaco um episódio narrativo que até hoje possui uma grande significação imponente em minha memória. Um senhor encontrou uma pedra de tamanho razoável, de cor estranha e diferente das pedras conhecidas da região. Então, ele comentou para os homens da vila que dentro daquela pedra poderia haver certa quantidade de ouro. Isso aguçou a curiosidade dos meus tios e começou a busca para encontrar metal precioso que, possivelmente, poderia estar no centro de outro mineral. A pedra era um indício de que havia ouro na região.

A notícia espalhou pela região e a busca por uma riqueza que seria encontrada em um mineral iniciou. É interessante destacar que o senhor da pedra era português, rememorando assim o espírito adventício da chegada dos europeus na região em busca de ouro, implantando ideias falsas no homem amazônico, buscando atingir o objetivo do colonizador.

Nesse sentido, com a credibilidade visualizada no português, meus tios começaram a furar a pedra, pois a meta era chegar ao centro do mineral e encontrar uma abundância em ouro. Foram três dias de árduo esforço para chegar ao objetivo traçado, afinal a riqueza estava no centro do mineral. Nada havia.

Observando a narrativa mencionada, uma criança pode construir imagens por meio de histórias que são passadas de geração em geração. Essa construção pode interferir em nossa consciência, valorizando ações ou deturpando-as, mudando as especificidades do lugar em que vivemos ou até mesmo levar ao entrelaçamento com o mundo sobrenatural uma certa fagulha

da cosmogonia mitológica que existe em cada um de nós, especificamente em meu caso, ouvindo diversas narrativas no interior do Amazonas.

As imagens criam em nós conceitos diversos. No meu caso, parecia que o centro da pedra, repetidamente oralizado pelos tios, era o melhor lugar do mundo, um oásis de riqueza, mas eu não sabia explicar como esse conceito foi semanticamente internalizado em mim. Contudo, sabia que alguém em algum lugar criou tal ideia. Hoje, percebo que a posição central é a melhor posição em alguns contextos, sempre a escolho. Na minha compreensão de criança, o português estava certo ao afirmar que no centro da pedra havia ouro.

Em consonância com a narrativa em época de criança, é possível inferir que o tipo de situação simbólica desempenha um papel importante na vida de quem ouve a história, gerando a compreensão do lugar de origem e da vida, e nos leva a transcender diante daquilo que nossos olhos contemplam, afinal não basta apenas enxergar ou praticar tal ação, é necessário aperfeiçoar o sentido da nossa existência e tentar encontrar fascinação quando oportunizamos as nossas crenças ao poder do imaginário.

Então, voltando ao nosso episódio, infelizmente o lusitano estava enganado, não encontraram ouro nenhum. A narrativa desenvolvida, ainda que sem a verdade impressa em sua propagação, havia um ponto de crença que aguçava a busca por riqueza no centro da pedra que movia a escavação da pedra.

É possível que a imaginação de riqueza tenha sido passada de geração em geração por meios de histórias, lendas e a fabular chegada de imigrantes na região, carregadas de simbolismos, que embora isso denote uma fantasia, são constitutivas do sujeito e das práticas amazônicas.

Vivenciando esse episódio e ouvindo as histórias que meu avô narrava, compreendo, atualmente, que há uma relação das ações do homem com o mito que o rodeia, fazendo com que entendamos o verdadeiro papel da imaginação e dos símbolos gerados nesse campo transcendental que nos possibilita relacionar fenômenos e nossas ações.

O contexto de contar e recontar uma narrativa me encanta e me move como pesquisador. O processo imaginário permite ao ser humano realizar combinações com situações do dia a dia atreladas às imagens que podem ser ressignificadas conforme elas surgem, causando possibilidades criativas que podem gerar impacto até no ato de aprender de uma criança.

Na sexta série, no Ensino Fundamental, por exemplo, as narrativas já permeavam meu campo imaginário, pois amava escrever lendas, e até mesmo desenhá-las, porém, meu caderno

acabou se perdendo no incêndio de minha casa. Perdi a escrita das lendas até aquele momento, mas a minha memória foi acionada em substituição ao caderno com a escrita.

Agora, como pesquisador, retorno ao universo mítico do imaginário, compreendendo que a formação do indivíduo depende contextualmente de vivência, e o encontro com as narrativas é um campo importante na busca pela completude do sujeito. Assim, nessa investigação, à medida que escrevo, evidencio o papel importante da imaginação simbólica como fonte criadora, a qual põe o sonho e o devaneio como fonte primitiva na formação da imagem poética e recuperando um garoto que via no narrar, na natureza e no seu ambiente uma espécie de energia transformadora das formas de compreensão do mundo.

Portanto, aquele garoto, diante do episódio de busca por algo precioso por meio de um processo de escavação, ficava encantado e extasiado. Esse episódio interliga com a premissa de Gaston Bachelard (2018, p. 24) ao afirmar que o homem almeja cavar a terra, furar a pedra, talhar a madeira, isto é, trabalhar a matéria e transformá-la. Emerge, assim, a reflexão sobre a procura pelo desconhecido, criando uma condição que impulsiona o indivíduo a transformar o mundo. Ao cavar a terra, furar a pedra e talhar a madeira, o homem busca não apenas um sentido de realização e propósito, mas também uma forma de interagir e entender o ambiente em que vive, e isso pode ser uma oportunidade para um profundo envolvimento com a realidade material, promovendo um processo de autoexpressão e transformação pessoal.

Nesse viés, tal processo é uma forma de encontrar significado e conexão através da ação e do trabalho manual, transformando a matéria como uma maneira de se relacionar com o mundo e com si mesmo. Logo, o ser humano não é mais um simples filósofo diante do universo, é uma força infatigável contra o universo, contra a substância das coisas, cavando atrás da abstração daquilo que talvez pareça inexplicável, mas que há sentidos.

Como professor e pesquisador compreendo que a imaginação mesmo sendo algo inerente ao homem, deve ser explorada em contextos em que está inserido o indivíduo, de forma intencional, ou seja, um contexto mediador. A escola é o local carregado de oportunidades de ver, conhecer situações e realidades. Dessa forma, trabalhar a imaginação simbólica no espaço escolar propicia aos discentes a ressignificação de arcações mentais que envolvem temáticas relacionadas com a formação cultural de nossas origens. Portanto, o acervo lendário amazônico é um impulsionador que, se for devidamente utilizado, auxilia o sujeito na busca da compreensão do contexto em que está inserido.

Nesse contexto, como docente, sempre prezei o uso das lendas em sala de aula, uma vez que entendia que ao recorrer ao gênero mencionado, proporcionava aos discentes uma percepção do real constituído a partir do processo imaginário e das ressignificações narrativas.

Na sala de aula, quando eu lia ou solicitava a narração de lendas, percebia que os alunos construíam imagens, e a subjetividade deles era afluída por sentimentos e lembranças internalizadas, mas que precisavam de “um empurrão” para virem à baila. Tais sensações, mesmo presentes no imaginário, não poderiam deixar de ter um papel relevante no mundo real, que, de alguma maneira, foram vivenciadas ou procuravam associar determinada imagem ou conceito subjetivo com o mundo real, assim como aquele que eu vivi na minha infância, quando me deparei com episódio da pedra que tinha ouro em seu centro.

As aulas de Literatura devem considerar o texto internalizado pela vivência do discente. A minha experiência de educador fez compreender que as percepções culturais devem ser reconhecidas e utilizadas como mecanismo de aprendizagem, pois o papel da literatura vai além do que produzir ou ler um texto. É necessário recontar a experiência de vida em meio aos saberes dos ancestrais, proporcionando uma visão crítica do mundo impulsionado pelo processo do imaginário.

Nesse contexto de ensino de literatura, para enriquecer o valor simbólico e o contexto local, escolhia as lendas amazônicas que eram de conhecimento dos discentes. Assim, a possibilidade de refletir sobre a relevância da lenda na Amazônia na construção dos saberes de cada era algo presente na realidade dos alunos, valorizando também a cultura local.

Dessa maneira, diante de todo esse percurso memorialístico, é possível entender meu anseio em estudar as lendas e a imaginação simbólica. Elas contribuíram para minha formação cultural dentro e fora da escola formal. A necessidade de pesquisar sobre o assunto e realizar o mestrado em Letras foi um fator essencial para compreender mais as narrativas que também me atravessaram e me atravessam como indivíduo e docente da educação básica. Assim, posso sistematizar na academia uma pesquisa que contribuirá com o campo educacional e com os estudos literários.

Para que o anseio de difundir a importância da difusão das lendas no processo de criação e ressignificação simbólica, resolvi usar meu próprio universo educacional, em que o professor e meu eu- pesquisador se uniram para desenvolver um estudo sobre a imaginação simbólica e as lendas, tendo os alunos que fazem parte do meu dia a dia como participantes do estudo de campo, investigando a maneira como eles introjetam em suas lendas as experiências que, de

alguma forma, entrelaçam-se com o que eles pensam ou imaginam em relação ao contexto cultural amazônico.

Portanto, essa foi a motivação que me levou a constituir a presente investigação, pois era o meu desejo que os alunos, ao recriarem as lendas, com o auxílio da imaginação simbólica, entendessem que a identidade cultural, que foi embaçada pela visão do colonizador, poderia ser resgatada e, assim, fortalecer nossa cultura.

Nesse caminho, em relação à cultura brasileira¹, sabe-se que se formou de uma mistura de caracteres de colonizadores e colonizados e, antes do processo de colonização, havia um povo, e apenas houve uma certa miscigenação com culturas estrangeiras. Assim, a formação identitária, de acordo com o pensamento de Darcy Ribeiro (2006, p. 25), em *O povo brasileiro*, é diversa, e devido à geografia do país, o Brasil foi dividido em diversas regiões que apresentam trações e caracteres distintivos de grupos étnicos e elementos culturais variados, afinal há um misto de culturas ao longo de cinco séculos.

Nesse contexto, a ideia de Paes Loureiro (2015), na obra *Cultura Amazônica: uma poética do Imaginário*, destaca a Amazônia, seus aspectos peculiares como as cidades, a sociedade ribeirinha e costumes. Também como ilustração desse argumento, Cacio Ferreira, em *Fábulas da terra falada*, aponta que há uma junção do homem e a busca pelo mítico: “a necessidade de aproximação do real como o mundo mítico gera as diversas narrativas populares criando transformações e diferenças que são determinadas por fatores culturais da região” (Ferreira, 2019, p. 91). É nesse agrupamento amazônida que há traços peculiares cheios de simbolismo que contornam a identidade e a construção cultural da região.

Pensando na região amazônica, a identidade cultural amazônida é composta de símbolos que ornem a vida do ribeirinho, em que certas tradições e valores e sua manutenção geram elementos identitários que se manifestam entre o indivíduo e a natureza na contemporaneidade, tendo como exemplo as lendas recontadas pelos participantes da Escola Municipal Carolina Perolina Raimunda Almeida-Manaus – AM, local de desenvolvimento dessa investigação. Esse entrelaçamento de saberes culturais é uma questão estética presente na região, pois é parte constitutiva do sujeito, da narrativa inventiva, que constrói a importância do saber do

¹ Darcy Ribeiro, em *O povo brasileiro*, conceitua a cultura brasileira como um grande processo de diversidades, já que o nosso povo é uma grande fusão de conhecimentos e até mesmo herança biológica do processo de colonização dos primeiros exploradores. Essa mistura é um fator preponderante da diversidade que caracteriza o Brasil.

ribeirinho², que imerge na contínua cultura do imaginário, gerando conhecimento peculiar de sentido representativo para o grupo em que está inserido e futuras gerações. A lenda não é uma narrativa contada ao acaso. Ela é parte constitutiva do sujeito. De acordo com Paes Loureiro, a lenda da Boiuna “espanta, aterroriza e fascina o caboclo, convertida em navio iluminado que aparece, inesperadamente, pelas noites escuras, na curva de algum rio, desaparecendo da mesma forma misteriosa momentos após” (Loureiro, 2015, p. 185).

Outrossim, o imaginário amazônico tem como força motriz o contexto ribeirinho, ilustrado pela força da natureza e o pensamento do indivíduo. Esse hibridismo é responsável pela manutenção de elementos culturais decorrentes de um processo imaginário. É mediante a legitimação desse pensamento que o sujeito amazônico cria consciência da sua identidade e espaço, tornando-se o co-criador do universo real, relacionando-o com elementos que se prefiguram como algo sobrenatural e de essencial relevância para compreender a sensibilidade que o circunda.

Nesse caminho de integração de realidade prática e simbólica, um exemplo dos elementos imaginários que permeiam o indivíduo amazônida são as lendas, pois possuem características que contam a origem de determinados fenômenos, explicando questões espaciais e temporais, ou seja, referências geográficas ou respostas a uma situação peculiar ao fenômeno que ocorre no espaço de vivência, assim como o aparecimento da Boiuna, já mencionado. Eis aí a relação de mito³ e lenda, isto é, a arte de historiar relacionada a fenômenos sobrenaturais e à própria vida. Por esse motivo, as lendas, o amazônida e o símbolo se relacionam e se complementam. O homem e a natureza se entrelaçam pela cumplicidade, é um ser uno. Robson Santos (2015), no artigo *Estória ou história? A dicionarização literária do termo através da concepção de Guimarães Rosa*”, destaca que as lendas perpassam pela realidade de um povo, os contextos se adaptam ao seu modo de vivência, costumes e transcorrem em um momento determinado que pode ultrapassar barreiras de espaço e tempo.

² Paes Loureiro (2015) em um seminário do *Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação do Campo na Amazônia* (Geperuaz), vinculado ao Instituto de Ciências da Educação da UFPA, define o ribeirinho como uma população constituinte que possui um modo de vida peculiar que a distingue das demais populações do meio urbano, é possuidor da cosmovisão marcada pela presença do cenário florestal, e são considerados pelo autor como arquivos culturais do mundo amazônico.

³ Mircea Eliade, na obra *Mito e realidade* (2019, p. 09), define mito como realidade cultural complexa, que pode ser abordada e interpretada por meio de perspectivas múltiplas e complementares. Isto é, podemos interpretar o mito sob várias óticas como a religião, a ciência positivista, a filosofia etc. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir.

Nesse diapasão, Câmara Cascudo (2023, p. 34), em *Dicionário do Folclore Brasileiro*, salienta que a lenda, além de explicar um fenômeno estupendo ou mítico por meio de elementos simbólicos, configura no que se chama de “literatura coletiva”⁴, com o objetivo de apresentar uma ação ou experiência no decorrer do enredo, apontando para uma moral ou algum tipo de ensinamento. Nesse caminho, as lendas compõem o folclore da região amazônica e são narrativas com impacto cultural de povos que contestam as ressonâncias do colonizador e buscam o resgate das raízes da história do povo amazônida por meio de representações do imaginário.

Levar o encantamento carregado de simbolismo das lendas para a sala de aula de literatura amazonense na Escola Municipal Carolina Perolina Raimunda Almeida-Manaus - AM, Ensino Fundamental, promove o desenvolvimento da imaginação interpretativa, criando um processo simbólico e, ao mesmo tempo, resultante do resgate das raízes culturais em meio ao contexto globalizado em que vivem as novas gerações da região. Assim, as lendas funcionam como uma espécie de decolonialidade⁵, ou seja, o retorno às origens, envolvendo panoramas poéticos, transcendentais e simbólicos.

Mesmo diante desses conceitos que mostram o valor da literatura lendária amazônica que resgata as nossas questões identitárias, muitas escolas desconhecem o papel de se trabalhar essas narrativas. Não atentaram que, ao destacar a produção das lendas, que é o caso dessa pesquisa, os alunos fortalecerão na literatura produzida o imaginário amazônico podendo compreender quem são.

Diante das situações supracitadas, apresentamos algumas reflexões a partir da seguinte questão problematizadora: as lendas amazônicas podem ser representadas por meio da imaginação simbólica no contexto escolar? A partir desse questionamento geral, pudemos traçar o seguinte objetivo geral: investigar os elementos da imaginação simbólica a partir da narração dos alunos da Escola Municipal Carolina Perolina Raimunda Almeida, usando o lendário amazônico como aporte de leitura e reelaboração das narrativas.

⁴ O termo Literatura Coletiva, para Câmara Cascudo (2023, p.34), é o ato de criar e recriar elementos em um contexto literário, com símbolos e significados, fazendo com que haja a evolução do indivíduo como ser humano inserido numa sociedade rica em diversidade de cores, saberes e sabores. Através da Literatura realizamos a magia do saber que se edifica no intelecto de cada ser humano.

⁵Boaventura Santos (2004), na conferência *Do pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e outro*, conceituou o termo como um processo de devolução da cultura furtada na tentativa de criar um padrão de interculturalidade. Regressar a esses lugares com outro olhar, mais crítico e mais cirúrgico, permitindo a reinvenção do que foi marginalizado, silenciado e esquecido.

Para buscar respostas objetivando o desenvolvimento da dissertação, alguns questionamentos específicos a seguir foram realizados: A imaginação simbólica tem sua importância no contexto social e cultural para a vida em sociedade? A abordagem das lendas amazônicas pode evocar a imaginação simbólica e o resgate dos saberes relacionados ao contexto amazônico? O texto lendário narrado, eivado de saberes amazônicos, aproxima-se da realidade cultural dos discentes?

Para tanto, para responder aos questionamentos mencionados, alguns objetivos específicos foram aqui apresentados: mostrar a importância da imaginação simbólica no contexto social e cultural para a vida em sociedade; abordar as lendas amazônicas como evocação da imaginação simbólica e o resgate dos saberes relacionados ao contexto amazônico e analisar se o texto lendário narrado eivado de saberes amazônicos se aproxima da realidade cultural dos discentes.

Diante das invocações questionadoras e objetivos traçados, as hipóteses a seguir foram suscitadas: entre a narrativa lendária e a prática oral pelo discente, ergue-se uma imaginação que permite um resgate de si, compreendendo a condição de existência em um panorama diversificado pela cultura em que está inserido. Outra hipótese é que a abordagem simbólica também restabelece, através de (re)conexões, um equilíbrio do real e imaginário, permitindo ao indivíduo invocar conceitos estéticos e até mesmo a eufemização daquilo que o cerca, quando acessa os elementos simbólicos na lenda.

Esta investigação “Lendas amazônicas: representação da imaginação simbólica narrada pelos alunos da Escola Municipal Carolina Perolina Raimunda Almeida, Manaus-AM” cumpriu todas as determinações da Resolução 466/2012 e Resolução 510, proposta pela Plataforma Brasil, sob a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) de nº 68510558923.8.0000.5020, tornando assim a sala de aula um ambiente propício para o estudo.

É importante frisar que as lendas em sala de aula compõem um cenário ideal para o trabalho com a pluralidade cultural da Amazônia, cumprindo assim com um dos papéis da literatura no ambiente escolar, como processo de aprendizagem e desconstrução de um cenário idealizado pelo colonizador que ainda permeiam os dias atuais, envolvendo representações simbólicas e o meio em que vive. A lenda permite que o discente concretize por meio do folclore a manifestação dos símbolos. Nesse sentido, Cacio Ferreira (2023), no artigo *Psicologia junguiana, mangá e a imigração japonesa na amazônia brasileira*, destaca que “os símbolos naturais e culturais são fios condutores que lumia o indivíduo até o limiar do consciente e

inconsciente. A intenção não é o embate, mas a construção de um diálogo de reconhecimento de imagens que permeiam as experiências do sujeito” (Ferreira, 2023, p. 309).

É perceptível que, a partir do trabalho com as lendas em sala de aula, torna-se possível discutir questões situacionais relativas ao estudo das diversidades culturais enraizadas. Nessa vereda, a ideia de Umberto Eco (2015, p. 22), em *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*, enfatiza que as grandes evocações da educação futura estudam as complexidades humanas, que a partir do conhecimento que o rodeia será possível entender a condição dos indivíduos e de suas diversidades, envolvendo suas origens, culturas e suas raízes.

Seguindo o raciocínio de Umberto Eco, as lendas são maneiras concretas de expor, de forma discursiva, situações elementares de determinadas culturas, por isso quando o professor se propõe a apresentar o gênero lenda no contexto do ensino em sala de aula, gera o impacto que a narrativa proporciona ao aluno e faz com que os discentes avaliem as questões contextuais em que estão inseridos, repensando as condições humanas a partir da realidade cultural e, assim, (re)constroem o processo de resgate, entrelaçando a transformação do concreto ao abstrato, ainda que não haja uma explicação científica ou lógica, esse processo produz no indivíduo um pensamento plural, colaborando para compreensão de determinados fenômenos, quando perceptíveis pelo canal da imaginação simbólica.

Conforme esboçado até momento, percebe-se que a pesquisa “Lendas amazônicas: representação da imaginação simbólica narrada pelos alunos da Escola Municipal Carolina Perolina Raimunda Almeida-Manaus-AM” possui relevância social e acadêmica, posto que a investigação se relaciona com a literatura, o contexto amazônico e o ensino, em que os discentes estão inseridos, incentivando-os a associar a lenda como parte da pluralidade cultural que o circunda. Além disso, os saberes ancestrais são resgatados, imprimindo na identidade do narrador atual um olhar decifrador de si mesmo e dos contornos da imaginação simbólica presentes no contexto social.

Sabendo que, para se obter conhecimentos válidos e científicos, em consonância com Umberto Eco (2020, p. 20), é primordial que o autor da pesquisa siga técnicas dentro de um método ou caminho, aquilo que ele chama de “linha de produção laboral”, que norteie a tomada decisão de modo sistemático no processo da pesquisa científica. Nesse prisma, foi aplicado as orientações simbólicas baseadas em Gaston Bachelard (2008, p. 20), pois a partir do momento que tomamos a alma humana como instrumento de análise, isso se torna algo perceptível entre a narração e a produção das lendas amazônicas com a potencialização da representação

simbólica, pode-se confirmar que podemos chegar à essência da imagem, que se torna relevante em estudos da Psicologia, Filosofia e no nosso caso, a Literatura.

Assim, é fundamental entender a relação da imagem e o espaço dentro de um processo dinâmico. Bachelard (2008, p. 54) endossa que as imagens são examinadas a partir de um espaço, tal local deve ser simples e íntimo, pois segundo o autor mencionado, esses locais são acolhedores e nos fazem sonhar, e provocam lembranças dentro de um processo denominado devaneio.

Mediante a visão do devaneio, o filósofo escreveu a obra intitulada *A poética do espaço*, destacando no primeiro capítulo a importância do espaço e imagens como um fator motriz para se compreender o mundo permeado de símbolos. Tendo como imagem simbólica a casa e o porão, Bachelard aponta a casa como uma espécie de cosmo, que é o nosso primeiro universo (2008, p. 200), sendo o abrigo primordial do indivíduo. Acolhe e, dependendo das nossas vivências, faz desfrutar de diversas sensações que poderão nortear a vida, dando-nos liberdade imaginária para olhar o mundo sobre determinadas óticas, conforme postulado:

[..] a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela. Os escritores de "apostos simples" evocam com frequência esse elemento da poética do espaço. Mas essa evocação é sucinta demais. Tendo pouco a descrever no aposento modesto, tais escritores quase não se detêm nele. Caracterizam o aposento simples em sua atualidade, sem viver na verdade a sua primitividade, uma primitividade que pertence a todos, ricos e pobres, se aceitarem sonhar. (Bachelard, 2008, p. 217)

Parafraseando Bachelard, na produção de conhecimento, é preciso sair de uma escrita de aposento simples e viver sua primitividade, ou seja, acessar a consciência imagética, sendo necessário sonhar, criar e recriar, e esse fator pode só ser feito com dinamicidade quando usamos o processo de associações ou metamorfoses. Dessa forma, as ações humanas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento, pois há sempre uma transformação do objeto, culminando no desenvolver; o fim de um processo é sempre o começo de outro, e nesse caso, estudar a imaginação simbólica, é associá-la aos elementos que compõem a vida de um povo, e isso só pode ser feito operando as transformações.

O homem está sujeito às transformações, mas é necessário buscar na consciência fatores que podem dar a essas metamorfoses um certo sentido. O espaço como afirma a premissa bachelardiana, é relevante para uma busca de sentidos. Na nossa pesquisa, a amazônia é um grande palco com identidades plurais que precisam ser fortalecidas em relação ao sentido.

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, pois nos propomos colocar a imaginação simbólica atrelado a um fator social, que deve ser interpretado à luz de imagens que consolidam o sentido. Dessa maneira, Gil (2019) endossa que o método qualitativo tem por base a interpretação, na qual o pesquisador terá uma visão holística dos dados que forem apresentados, cumprindo assim o objetivo da pesquisa.

Ao usarmos as lendas, trazemos à tona elementos que nos identificam com as particularidades do mundo e, ao mesmo tempo, resgatam saberes que nos situam no espaço. A amazônia é uma cosmogonia por si própria. As lendas são pequenos espaços a serem explorados dentro de um devaneio.

Assim, quanto ao método de abordagem da pesquisa, a partir do que arrazoamos anteriormente, confirmamos que o diálogo aqui posto é hermenêutico, já que iremos nos apoderar de modelos ligados ao imaginário simbólico, buscando assim a interpretação das lendas.

O tipo de pesquisa utilizado foi qualitativo, pois se analisou-se e interpretou o conteúdo coligidos dos dados de campo quanto dos dados bibliográficos, sem pretensão de quantificar estatisticamente os dados, mas aprofundar-se nos significados gerados e nas relações que os dados estabelecem entre si. E, nesse caso, como se trata de um estudo simbólico em consonância com as lendas, conforme pode ser exemplificado por Carl Jung⁶, em *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, que denomina de reencantamento do mundo por meio de arquétipos, fazendo do homem simbólico o organizador das relações culturais e sociais ao evidenciar o equilíbrio entre o concreto e o abstrato, razão e imaginação, e biopsíquico e sociocultural.

Nessa vertente, em consonância com Marconi e Lakatos (2017, p. 34), existe o método funcionalista, o qual tem como finalidade interpretar a função que cada parte da sociedade exerce, por exemplo, e como isso a faz funcionar; e o método monográfico que estuda algo delimitado em espaço e tempo, tendo como finalidade, pesquisar um determinado objeto intencionando a construir ou comparar conhecimentos. Realçando a praticidade da aplicação desses métodos na dissertação, pesquisou as narrativas contadas pelos alunos de uma escola pública conceituadas como lendas amazônicas por meio da imaginação simbólica no contexto das aulas, enfatizando a prática da literatura no Ensino Fundamental II e, como essa função pode afetar o desenvolvimento e funcionamento do processo interpretativo, objetivando

⁶ Carl Gustav Jung, fundador da psicologia analítica, apresentou a ideologia de que os arquétipos são uma herança psicológica, pois resultam das experiências dos seres humanos diante das situações cotidianas. As imagens dos arquétipos são encontradas em mitos, lendas, na literatura, nos filmes e até mesmo nos nossos sonhos.

entender a capacidade de valorizar os saberes populares atrelados aos processos simbólicos que, porventura, os discentes podem apresentar.

A base da investigação é a pesquisa bibliográfica, pois se baseou em teorias que abordam cientificamente a temática ou das suas variáveis, tais como revistas, artigos científicos, entre outros materiais que foram pertinentes para o enriquecimento da pesquisa. Alguns autores se sobressaem diante dos demais devido estarem mais relacionados à temática da imaginação simbólica e lendas, tais como: Gaston Bachelard (2008), Carl Jung (2016), Câmara Cascudo (2001, 2023), Ernest Cassirer (2001), Gilbert Durand (2001, 2012, 2023) e Paes Loureiro (2015).

Os estudos relacionados à pesquisa bibliográfica podem ser apresentados com combinações de métodos qualitativos, aplicados em diversas situações, na investigação de fenômenos individuais, grupais, organizacionais, políticos e sociais, que permitem aos pesquisadores focarem em um caso sob uma perspectiva holística e num contexto real (Minayo, 2014). Assim, o enfoque qualitativo é a maneira de debater a temática, que busca entender as experiências construídas no ato de narrar dos discentes na Escola Municipal Carolina Perolina Raimunda Almeida, Zona Leste de Manaus, local em que os alunos do 9º ano A do Ensino Fundamental foram investigados a partir de produções literárias relacionadas às lendas a fim de fazer jus à natureza dessa investigação, tratando-se de uma pesquisa aplicada, pois conforme Kauark, Manhães e Medeiros (2010, p. 26), “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, e ainda envolve conceitos e interesses locais”.

Ainda se aprofundando na população e amostra do universo de trinta alunos, definiu-se como público-alvo desta pesquisa, a turma de nono ano A, em que cinco alunos e suas produções foram objeto para a pesquisa. Estes são da Escola Municipal Carolina Perolina Raimunda Almeida do município de Manaus- Amazonas, como já mencionado, em atividade regular, de fevereiro a dezembro de 2024.

O objeto de pesquisa se restringiu à escola pública municipal mencionada que está situada em uma região periférica da cidade de Manaus-Amazonas, na região leste da capital que é uma região administrativa estabelecida pela prefeitura de Manaus, sendo a maior em extensão e população e forma com a Zona Norte, a macrozona conhecida simplesmente como zona de crescimento. De acordo com os dados de 2021 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população da região é estimada em 542.593 habitantes. Possui um intenso centro comercial (especialmente ao longo da Avenida Autaz Mirim, conhecida como Grande Circular), além de ser a região mais populosa e possuir o maior colégio eleitoral do

Amazonas. Na Zona Leste de Manaus é que estão alguns dos bairros mais populosos, como o São José Operário (local em que está a instituição dessa pesquisa).

Imagem 1: Foto frontal da Escola Municipal Carolina Perolina Raimunda Almeida



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Historicamente, os bairros da zona Leste nasceram de ocupações, nos últimos anos. As pessoas que chegavam de outros Estados e do interior do estado, em busca de oportunidades de emprego ou mudança de vida. Assim, entendemos, ao observar os dados do IBGE, que a zona leste possui um forte traço cosmopolita, como o de uma grande comunidade interiorana presente na capital. Assim, é muito comum os habitantes ainda trazerem consigo determinados costumes relacionados à vida ribeirinha. Tais ações podem se manifestar em crenças que são passadas a filhos e netos.

Na presente investigação, os alunos que produziram as lendas pertencem ao contexto descrito pelo IBGE, imprimindo nas narrativas as relações com a vida ribeirinha contada por avós ou outros parentes, que ainda permanecem arraigados no universo inóspito e misterioso internalizado no caboclo amazônico. Assim, o universo lendário está ainda próximo da vida do aluno, fazendo-o rememorar a imaginação simbólica ao recontá-la.

A técnica usada na realização da coleta de dados foi a de observação sistemática. Conforme Marconi & Lakatos (2017, p. 80), pode ser chamada também de observação estruturada, planejada e controlada, utilizando-se de instrumentos programados para coleta, sob direcionamento do observador/pesquisador. Esse sistema envolve a observação de ações que são pré-estabelecidas pelo pesquisador por meio de um conjunto de critérios e métodos, que serão apresentados mais adiante nessa dissertação.

Dessa forma, segue-se o plano estabelecido, coletando os dados de forma consistente e objetiva. A observação deve ser feita de forma imparcial, sem influenciar o comportamento dos sujeitos observados *in loco*. Portanto, o planejamento aliado à observação *in loco* foi proveitoso para os interesses da pesquisa, assim caracteriza-se como Pesquisa de Campo, apresentando enfoque qualitativo. De acordo com Minayo (2014), a pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende observar fenômenos ou fatos e tende a buscar as informações diretamente com a aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo.

As narrativas lendárias recontadas propiciaram compreender a importância delas na experiência de vida dos alunos. Foi possível comparar a presença da imaginação simbólica às produções escritas, pois tais narrativas apresentam uma aproximação do indivíduo e opiniões importantes para o entendimento da dinâmica local e relatos de fatos que estão cientificamente atrelados à pesquisa em pauta. Para que isso acontecesse, foram utilizadas as narrativas a seguir: *Lenda da Vitória-Régia*, *Lenda do Boitatá*, *Lenda do Peixe-boi* e *Lenda do Boto* auxiliando no reforço da leitura e do conhecimento do que é uma lenda, conhecendo o papel do lendário no contexto amazônico. E, na sequência, cada participante da pesquisa produziu a própria lenda. Foram instruídos que exercitassem a criatividade, explorando aspectos culturais e históricos do mundo amazônico para desenvolverem a habilidade de escrita. Após a produção, feita as devidas correções, cinco narrativas foram usadas na coleta de dados para uma certificação relacionada ao ato investigativo das lendas amazônicas e representações simbólicas.

As lendas supracitadas foram escolhidas pelo pesquisador porque estão atreladas a uma espécie de encantamento que encaminha para imaginação simbólica e está presente no dia a dia do ribeirinho. Para que a leitura não se tornasse uma ação estendida e cansativa, quatro lendas conhecidas foram selecionadas para cumprir a finalidade de mostrar o imaginário como fator relevante e criativo. Tais lendas, ao serem lidas, apresentaram aos discentes fenômenos que pontuam o surgimento de elementos que complementam a vida, que podem gerar mistérios e devaneios. Assim, as narrativas são elementos geradores de símbolos que resgatam uma

tradição e ressaltam a influência do imaginário, que perpassam o mundo real, os quais podem ser explicadas na forma encantos e devaneios. Ao resgatar e recompor as lendas nas perspectivas atuais, os alunos buscam dialogar com o contexto amazônico, recriando ações por meio da imaginação simbólica criativa.

Esse aspecto temático é proposto por Gaston Bachelard (2018, p. 8) quando endossa que a fenomenologia do imaginário está na prática do devaneio, sendo o início de uma ação de pensamento ininterrupta dentro de uma realidade existente atrativa. Quando os alunos criam as lendas, executam a proposta do devir⁷, isto é, potencializa dentro desse devaneio uma atividade que não apenas enriquece o pensamento criativo, mas também se torna um instrumento de engrandecimento do universo amazônico.

A pesquisa com os alunos foi realizada com um grupo de amostra de 05 discentes, os quais tiveram um papel relevante para a coletas de dados diante das narrativas lendárias amazônicas produzidas e apresentadas por eles. No entanto, para que o pesquisador pudesse realizar a investigação em relação às lendas, foi necessária uma metodologia prévia de aulas em que foram apresentadas as narrativas em três situações: a) preparação e apresentação: a aula foi preparada para seis tempos. No plano de aula principal constou o momento da leitura, em que o professor apresentou como gênero textual as lendas amazônicas. A leitura foi realizada em conjunto com os alunos e, por meio de uma leitura pausada, o docente destacava o mítico na narrativa, os cenários amazônicos, enfatizando como a narrativa lida podia evocar várias simbologias. A leitura prévia das lendas foi de suma importância, pois, nesse momento, o aluno, com a ajuda do professor, envolve-se em entendimento cultural e ressignifica as imagens ao seu redor (Oliveira, 2000, p. 45); b) ambiente de sala: o ambiente foi agradável, relevante para que os discentes notassem algo diferente, principalmente na forma como eles estavam sentados, desconstruindo o modelo tradicional, trabalhando em forma de roda de conversa, para que todos pudessem se sentir à vontade para participar da atividade em um clima de receptividade; c) produção das lendas: após dois tempos de leitura, trabalho interpretativo das lendas, e analisando seu contexto e o simbólico, o docente solicitou dos alunos que recontassem as narrativas lendárias amazônicas lidas, explorando a criatividade e a experiência pessoal,

⁷ “Devir” é um termo filosófico e conceitual que tem suas raízes na obra do filósofo francês Gilles Deleuze (2012) e seu colaborador Félix Guattari. Na filosofia de Deleuze e Guattari, o devir refere-se à ideia de transformação contínua, fluxo e mudança. Em seu livro “*Mil Platôs*” Vol.4 (2012,p.26), Deleuze e Guattari exploram o conceito de devir em relação a várias áreas, incluindo a natureza, a sociedade, a política e a subjetividade. Eles argumentam que o devir é um processo pelo qual tudo está constantemente se tornando algo diferente, em vez de ter uma essência fixa ou identidade estável.

verbalizando o fantástico como valor simbólico. Nesse sentido, de acordo com Oliveira (2000, p. 46), é aqui que as faculdades VER, OUVIR E SENTIR tornam-se elucidadas, porque as lendas evocarão no aluno elementos que de alguma maneira estão ligados às emoções, ambiente e conceitos que ajudam na exploração das imagens.

Imagem 2: Leitura das lendas antes da produção dos textos para a análise



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Quanto à análise de dados informativos, recolheu-se as lendas, e usou o critério das narrativas mais criativas para a verificação das imagens simbólicas, e essas análises foram realizadas à luz dos teóricos que apresentam a manifestação da imaginação simbólica na relação do indivíduo com o meio, conforme já mencionado.

Nesse caminho, para melhor compreensão da discussão, a dissertação está dividida em três capítulos. Na seção I, é apresentada e discutida a valorização do simbólico e os conceitos de imaginação simbólica na visão de Gilbert Durand, Gaston Bachelard, Ernst Cassirer, Paul Ricoeur, Carl Jung, Mircea Eliade e Michel Maffesoli, dialogando entre si, sendo base para a compreensão da imaginação simbólica e sua relação com as lendas amazônicas.

Na seção II, as narrativas lendárias são abordadas no viés das interfaces do simbólico amazônico, na qual alguns autores como Câmara Cascudo apontará a narrativa lendária como

função primordial para explicação de fenômenos, entrelaçando diálogo com outros teóricos que constroem o processo lendário como transposição simbólica permeada de devaneios e esteticismos no panorama amazônico

Nessa perspectiva, a seção III analisa as lendas que foram produzidas pelos discentes, objetivando evidenciar através da imaginação simbólica, o papel do imaginário da memória coletiva, a qual apontará para arquétipos que estão presentes nos contextos culturais, políticos e ações do dia a dia do indivíduo amazônico.

Para tanto, como suporte ao momento de análise, utiliza-se autores como Paes Loureiro, Jean Chevalier, Gaston Bachelard, Gilbert Durand, Marcos Frederico Krüger, Neide Gondim e outros que abordam a imaginação simbólica e o papel dela na construção e fortalecimento da identidade do povo amazônico.

SEÇÃO I: IMAGINAÇÃO SIMBÓLICA: FUNDAMENTOS E DESDOBRAMENTOS

Um sinal é uma parte do mundo físico do ser (being), um símbolo é uma parte do mundo humano de significado (meaning).

Ernst Cassirer (2001, p. 60)

1.1 A importância do simbólico

Lembro-me que, quando adolescente, minha professora argumentava que nós precisávamos dar asas à imaginação, uma expressão muito feliz para dar ânimo aos adolescentes da época. Esse pensamento, ainda hoje, voa ao mundo, possibilitando que o indivíduo compreenda o ato imaginativo como busca de caminhos e uma nova maneira de ressignificá-los.

Outrossim, o professor francês Gilbert Durand, da Universidade de Paris, por meio de estudos, evidenciou que a imaginação desempenha um papel importante no desenvolvimento do sujeito. A manipulação da realidade usando a imaginação permite reaver seu contexto e entender a valorização de si como pertencente a um contexto social.

Para que isso aconteça, o indivíduo deve compreender o ato imaginário entrelaçado aos símbolos. Tal fator o faz conferir sentido social e particular, usando os símbolos como mecanismos para a busca da sensibilidade ao que é perceptível e o que não é.

Ernest Cassirer (2001) tornou-se um dos relevantes pensadores na valorização dos símbolos, embora atribuisse maior valor à dimensão racional e conceitual, não descartava o valor do simbólico-cultural, enfatizando que o estudo simbólico está relacionado ao mito, a religião e a arte, e que diante desses conhecimentos, o homem passa a ser chamado de ser simbólico.

Acredita-se, então, que a aplicação mais dinâmica dos símbolos na vida humana seja a maneira de construir o espaço confortável ou tentar compreendê-lo. É ter a premissa de que o símbolo faz parte de mundo interdisciplinar que ecoa por meio do mundo interior, reforçando a visão mais dinâmica da realidade. Isso talvez tenha acontecido comigo quando criança. Estava imerso na ação de busca por ouro no centro de uma pedra atrelado à imagem que fazia de valorização do ouro e do local exato onde ele estava. Havia elementos que me rodeava e construía sentido. Assim, o mundo não é exatamente como o enxergamos no primeiro plano, é preciso dar a ele um sentido particular, conforme a visão de Bachelard (2008, p. 217) ao

ênfatizar que não temos apenas a casa para explorar. É necessário olhar as gavetas que estão na cômoda, que está no quarto e fica dentro da casa.

Na obra *A filosofia das formas simbólicas*, Ernest Cassirer (2001, p. 175) endossa que as formas simbólicas nos ajudam na compreensão da realidade. Construimos os saberes por meio de símbolos, modelando os elementos que dão sentido à construção de um indivíduo com múltiplos olhares em relação ao espaço inserido. O nosso ser simbólico é capaz de estruturar o mundo e nos permite dar significação as nossas ações e personalidade. Aqui está a diferença entre o homem e os animais; os animais possuem sinais que os orientam, mas o homem atrela-se aos símbolos que o intermediam e articulam uma linguagem múltipla, instaurando-se como fator importante dentro do contexto social e cultural.

Quando era menino, trabalhava na roça com minha vó. Ela sempre dizia que voltaríamos no horário do meio-dia para casa, para fazer a refeição. Minha avó não sabia ler nem sequer possuía um relógio, mas nunca errava o horário de retorno. Ao olhar para o céu, compreendia que já era meio-dia. Ela não apenas visualizava o sol como um astro luminoso, mas o contemplava como um guia para o retorno e sempre foi assim. Quando olhava para aquele sol praticamente no centro do céu, não olhava como apenas um relógio, mas o via como um retorno, momento de refeição e alívio da vida dura da roça.

O segredo de notabilizar algo não está apenas no contexto físico, mas atrelado a um mundo simbólico. Como o mundo cada vez mais automático, o mítico parece perder espaço. Talvez a percepção dos símbolos que nos rodeia esteja minguando em nós e precisamos ressignificá-los. No meu caso, busco aguçá-los em sala, no ato de construção das lendas amazônicas unidas às características identitárias locais. Nesse viés, o conhecimento, “(...) por mais universal e extenso que seja o seu conceito, representa apenas um tipo particular de configuração na totalidade das apreensões e interpretações espirituais do ser” (Cassirer, 2001, p. 18), isto é, o ser humano não se limita a uma única forma de abordar a realidade; e, “(...) ao lado desta forma de síntese intelectual, que se representa (...) no sistema dos conceitos científicos, existem outros modos de configuração dentro da totalidade da vida espiritual” (Cassirer, 2001, p. 19).

Desta forma, desde a tentativa de explicar a cosmogonia, o homem vem interagindo com a realidade e com o contexto simbólico em que está inserido, ou seja, seu espaço e forma de vida precisam ser compreendidos. A partir desse relacionamento, o sujeito estabelece configurações mediadas pelo espaço, símbolo e realidade, de modo natural e espontâneo. Cassirer (2001,p.48), nesse sentido, aponta que muitas formas de agir e de produção do homem

são formas de objetivação da realidade, abrindo inevitavelmente o caminho para a visão cultural. Portanto, o autor responsabiliza o ato de objetivar ou concretizar os símbolos, elemento primordial para que o indivíduo se situe no universo.

Não estando mais num universo meramente físico, o homem vive em um universo simbólico. A linguagem, o mito, a arte e a religião são partes desse universo. São os variados fios que tecem a rede simbólica, o emaranhado da experiência humana. Todo o progresso humano em pensamento é refinado por essa rede, e a fortalece. O homem não pode mais confrontar-se com a realidade imediatamente; não pode vê-la, por assim dizer, frente a frente. A realidade física parece recuar em proporção ao avanço da atividade simbólica do homem. (Cassirer, 2001, p. 48).

O símbolo, portanto, está relacionado à forma de pensar. O processo evolutivo do pensamento não está ligado apenas à questão biológica, mas também ao mundo do simbólico. O fenômeno simbólico está presente em estudos relevantes, tais como construção de identidades por meio da coletividade que pode envolver memória, ou até mesmo, de forma subjetiva, a percepção que tal simbologia o eleva para algum benefício ou crescimento de comunicação entre ele e a natureza, fazendo com que o conhecimento se torne mais compreensível dentro dos diversos contextos disciplinares.

Entende-se que as formas de linguagem, artefatos artísticos e narrativas mitológicas têm relação com os símbolos, assim como determinados ritos e crenças. Portanto, o indivíduo não vive atrelado apenas a uma visão concreta das coisas, o estado bruto é mediado por uma linguagem simbólica, onde se misturam emoções, fantasias e sonhos.

Para Cassirer (2001), não apenas as situações racionalizadas permeiam o ser humano. O indivíduo também é constituído de uma linguagem emocional, a qual está relacionada à sensibilidade, que é justamente a imaginação poética que se manifesta como processo simbólico. Dessa maneira, os símbolos ganham a relevância quando o sujeito expressa seus pensamentos e ações atrelados à linguagem, aos mitos, à religião e a outros fatores que dão ao homem formas de interpretar, compreender o próprio universo simbólico.

É possível entender que existe uma harmonia entre o mundo real e o abstracional, embora contrastantes, devem resultar em uma união que dá sentido ao homem, quando se trata da compreensão do mundo. Entendemos, assim, que a nossa realidade existe a partir do momento que relacionamos os símbolos ao contexto de vida.

O pensamento de Laplatine (1996, p. 24) endossa à ideia pressuposta de que o símbolo é determinado de forma dinâmica. Torna vívido em um contexto, ou seja, ele precisa de uma ocasião ou situação para ser interpretado e dar sentido àquele momento; torna-se convencional,

faz parte de um contexto coletivo ou social. Um símbolo ultrapassa a imagem, que é de caráter mais individualizada. Devido à polissemia, o símbolo depende de um sistema coletivo, tornando-se rico culturalmente, fazendo com que o ser humano se relacione com seu ambiente, sob várias formas de ver o mundo.

Nessa lógica, o homem sempre esteve relacionado aos símbolos. A insígnia está intrínseca ao signo, que é um elemento da representação do processo de comunicação. Afinal de contas, o símbolo pode antecipar um conceito diante da daquilo que poderia expor de forma mais prolixa.

Nessa perspectiva, o indivíduo é um ser simbólico que, de alguma maneira, deve buscar sua representatividade e função no mundo em que está e, para isso, necessita construir e reconstruir de forma diversificada o universo dentro do senso de pertencimento e compreensão. Assim, o conceito ou a compreensão de algo pode ser previsto pelo processo simbólico, pois é muito mais fácil colocar a imagem de um crânio com duas tíbias cruzadas em um recipiente do que tentar explicar de maneira conceptual em que o cianeto de potássio poderá levar a morte, caso o indivíduo tente ingerir.

Seguido raciocínio mencionado, atrelado às ideias de Gilbert Durand (2023, p. 38), os símbolos fazem parte de operações mentais, são arrazoados conforme a cultura de um povo. Um exemplo disso é a cruz, madeiro que representava um horror no império romano, que era usado para pendurar o mais cruel dos delinquentes, porém com a condenação de Jesus por este sistema, o objeto perde seu contexto de horror, e passa a ser visto como uma representatividade de fé para os cristãos.

Ao analisar tal fator, o simbólico tem relação com a cultura de um povo, ou seja, sob a ótica de determinada representatividade, conceitos podem ser dados em relação ao simbolismo. Os símbolos prefiguraram de forma concreta ou significativa, uma realidade, afinal o contexto social ou cultural pode se firmar, mesmo que não apresente uma explicação ou conceito científico.

Apesar da sociedade ocidental privilegiar simbologias atreladas às mídias, como o meio digital e computadorizado, ainda assim, a situação não foi construída tal como os recursos milenares, que são ricos de simbologias que remetem a questões complexas que podem enriquecer o universo social imaginário.

Charles Pierce (2010), na obra *Semiótica*, enfatiza que o símbolo se torna dinâmico quando é interpretado em um contexto social, o qual prefigura um valor identitário de funcionamento para aquele grupo, dando a simbologia um caráter de plurissignificação e, ao

mesmo tempo, atribuindo qualidade substitutiva, relacional e convencional. Assim, como mencionado, o símbolo perpassa a imagem que ele se envolve, podendo ir além, apontando para meios de complexidade do objeto ou ação a qual o ser humano se refere. Pois tanto a imagem como o símbolo são permeados de representações, isto é, um objeto que pode ser repensado em diferentes ângulos conforme a relação do meio social que ele pode representar.

Nessa perspectiva, o símbolo tem seu papel solidificado na sociedade quando o é reconhecido ou identificado, dependendo da situação social ou cultural dos indivíduos, a intencionalidade da representação. Portanto, a maneira como a simbologia torna-se viva, relaciona-se aos conceitos interpretativos que estão no nível de consciência do indivíduo, podendo ressignificá-lo, de acordo com as motivações, carregadas de interesses e intenções, as quais operam dentro de uma perspectiva concreta ou abstrata, levando o homem a formar seu universo simbólico (Laplatine; Trindade, 1996, p. 15).

Outro olhar a ser destacado em relação ao símbolo, é o pensamento de Paul Ricoeur⁸, apontando que o homem precisa ressignificá-lo, e essa redescoberta dá ao ser humano conhecimento que enriquece a maneira de como se observa tudo que o circunda. A interpretação é um fato relevante para a dinâmica da simbologia, pois quando o indivíduo exercita o método interpretativo, busca revelações que podem estar depositadas em seu inconsciente, forçando, assim, o surgimento de imagens carregadas de riquezas históricas e culturais. Entende-se que o valor do símbolo e a função está relacionado com a cultura de um povo, que muitas vezes se firmaram em um inconsciente coletivo, ou seja, segundo Carl Jung (2016), isso é o resultado de situações vivenciadas que perpassam diversas gerações, formando o inconsciente.

Essa continuidade de imagens dá ao indivíduo uma forma de busca e renovação, eis aqui a importância do símbolo como parte da experiência humana. Vive-se a todo instante fortalecendo os arquétipos, que são repletos de riquezas, movendo sentimentos, racionalidade, e, principalmente, desempenhando um papel de construção de conhecimentos que só crescem em nossa sociedade.

Quando o indivíduo interage com o simbólico, por exemplo, não apenas está querendo descobrir o significado de algo, mas intenciona-se a trazer tal simbologia ao seu contexto, criando relações que são resgatadas de forma inconsciente. A inconsciência universal, tem no

⁸ Paul Ricoeur (2009) acrescenta que “É neste sentido que os símbolos estão ligados no interior do universo: os símbolos só vêm à linguagem na medida em que os próprios elementos do mundo se tornam transparentes” (Ricoeur, 2009, p. 73).

seu ponto base os símbolos, pois eles ressignificam situações que são inerentes a situações históricas coletivas ou até mesmo individuais, sob a ótica daquilo que é concreto ou abstrato.

Outrossim, o símbolo pode se apresentar com parca significância em determinado momento, mas quando relacionado aos contextos, torna-se conhecimento humano, e faz do indizível o dito, das coisas ausentes comumente como a metafísica e o surreal, coisas privilegiadas, que apontam para conhecimentos religiosos, dando vida aos deuses e até mesmo ao mundo mítico.

Outro fator relevante ao simbólico, seria a sua relação a outros símbolos. Ernest Cassirer (2001) endossa ainda que a ideia de repetição durante gerações, outros elementos foram acrescentados a um determinado símbolo, fazendo dele uma redundância de grandes relações que só enriquece as percepções e ações dos indivíduos.

Gilbert Durand (2023), na obra *Imaginação simbólica*, destaca a riqueza mencionada, apresentando exemplo da bandeira que já é um símbolo nacional, e o soldado que, além de contemplá-la com tal vulto, ainda faz juramentos diante dela, posicionando o corpo, demonstrando atitude de respeito à flâmula. Essas repetições formam-se um conjunto de imagens que, de alguma forma, delineiam-se como valor que estão atrelados ao contexto do indivíduo e a busca de respostas para determinadas ações ou acontecimentos à medida que esses símbolos são postos diante de objetos manipulados pelo sujeito.

Em outra vertente, Levi -Straus⁹ destaca que as relações de plena significância apontam para o mítico, buscando a relação do homem com a natureza. Percebe-se o valor do simbólico na formação dos mitos. Nesse sentido, o mundo mítico desempenha importante papel na formação do conhecimento humano, pois está atrelado à imaginação simbólica. Contudo, o pensamento moderno, com seu predomínio racionalizado, e ligado ao pensamento industrial citadino, tentou ofuscar o conhecimento de tentativa de explicações por meio da linguagem mítica. Isso é confirmado por Adorno e Horkheimer (1988, p. 15), apresentando a premissa de que o Iluminismo tentou apresentar o esclarecimento atrelado a conceitos lógico-matemáticos ou fatos construídos, que excluem o saber mítico e lendário. Diante disso, não se pode apagar o mítico, afinal esse está envolvido na formação de saberes que, de alguma forma, contribuem para dar sentido à vida do indivíduo. Esses conhecimentos envolvem símbolos, que fazem do

⁹ Claude Lévi-Strauss (2017) postulava que “o social é uma realidade autônoma (a mesma, aliás); os símbolos são mais reais do que aquilo que simbolizam, o significante precede e determina o significado” (Lévi-Strauss, 2017, p. 49).

lendário ou mítico uma espécie de aproximação para que o indivíduo se apodere de definições que, muitas vezes, a ciência não consegue conceituar de forma associativa.

De forma circular, Ernst Cassirer (2001, p. 14), mais uma vez, esclarece que o ser humano ao se apropriar de símbolos pode criar outros símbolos, levando a entender que o processo redundante se torna um grande espiral de significações que fazem do processo simbólico essencial para relação do homem com o ambiente.

Quando se relaciona o símbolo a outros símbolos, cria representações que leva a ter um conceito mais cômodo e eficaz dentro de um macro universo simbólico, fazendo com que as representações façam parte da vida, embora sendo redundante, mas de eficácia pertinente para se conhecer o real objetivo ou razão por que tal coisa é feita e qual é sua finalidade. Nesse diapasão, de acordo com Carl Jung (2016, p. 222), existem representações que partem de uma ideia para chegar a uma figura, a qual é denominada de alegoria, porém enfatiza-se aqui que há outro tipo de representação, que faz de modo inverso, isto é, a própria figura é o ser, e por meio dela tornar-se-á o que deseja mostrar em uma forma sensível. Assim aporta-se no melhor conceito da imaginação, que é a imaginação simbólica.

Outrossim, é compreendido que, para os autores supracitados, o indivíduo necessita compreender a natureza e ter uma apreensão desse elemento para dominá-la, no sentido de buscar explicações para os mistérios, crenças e culturas. Para que aconteça a relação de compreensão entre o indivíduo e ambiente, é preciso que se recorra a elementos que revelam marcas vivenciadas, e de forma simultânea, recorra às marcas tradicionais que fazem parte de uma imaginação que foi construída ao longo dos séculos.

Mediante ao debate apresentado nesse capítulo, Gilbert Durand (2012), na obra *Estruturas Antropológicas do Imaginário*, reforça que veio de encontro a desvalorização do pensamento ocidental em relação ao imaginário, negando assim o papel do conhecimento mítico e imagético. Para o autor, o imaginário é notado como dinâmico sistema que organiza imagens, as quais têm a função de executar uma forma de mediação do homem com o mundo, e tudo aquilo que o envolve.

A concepção de imaginário de Gilbert Durand (2023) pode ser vista como um leque ao dialogar com diversos autores e estruturas de pensamento, principalmente, relacionados à existência humana. O imaginário é o museu de todas as imagens passadas e aquelas possíveis de serem produzidas. Durand insere as imagens em um trajeto antropológico que perpassa vários níveis, o social e o cultural, dando a sociedade que as usam a explicação para os porquês da existência e outras significações profundas. Sendo assim, o símbolo está atrelado ao processo

do imaginário, o qual transcorre por gerações, que simplesmente não se pode definir por meio de questões concretas, pelo contrário, transmuta-se com total liberdade, fazendo crer que podem explicar o sentido de certas situações sem que necessite do papel da racionalidade.

Nesse contexto, portanto, a ideia de Gaston Bachelard (2019, p. 19) consolida o debate ao destacar que os símbolos têm seu papel no processo criador, e este acontece de forma livre. As experiências criadoras exercitam o sentido da vida, associando contextos com diversos elementos que transcendem, até mesmo a lógica. O indivíduo experimenta diariamente associações cognitivas ou surreais, o processo simbólico é mimetizador das experiências consolidadas do homem e o cosmos. O símbolo quando é apropriado pelo homem, dá ao sujeito uma dinamicidade, fazendo representações da realidade por meio de conjunto de imaginação simbólica a que chamamos de imaginário.

Graças ao símbolo, a condição de vida do homem pode ser um fenômeno atribuído aos símbolos, embora esteja no campo de uma semântica especial, ele tem papel no ato de construir ou reconstruir conhecimento (Durand, 2023). O mesmo autor esclarece que, quando o sujeito busca esse ato construtivo ou reconstrutivo, ele reconhece o papel de pertencimento dentro da camada social.

É possível afirmar que por meio dos estudos de Gilbert Durand, os símbolos por nos proporcionar a ideia de pertencimento, que é a relação clara com o nosso ambiente, torna-se primordialmente o fundador da linguagem humana, isto é o ponto de partida para compreender nosso espaço, aquilo que o autor chama de *ethos*¹⁰

Ricoeur (2009) aponta que, por ser o fundador do ato comunicativo do homem, os símbolos são anunciadores colaborativos para o conhecimento interpretativo do cosmos, ação interpretativa que o autor denominou de hermenêutica.

É o símbolo que exprime nossa experiência fundamental e nossa situação no ser. É ele que nos reintroduz no estado nascente da linguagem. O ser se dá ao homem mediante as sequências simbólicas, de tal forma que toda a visão do ser, toda existência como relação ao ser, já é uma hermenêutica. (Ricoeur, 2009, p. 3-4).

Refletindo sobre a premissa de Ricoeur, constata-se que o pensamento simbólico está anterior à linguagem, pois a partir da imaginação simbólica damos início às interpretações

¹⁰ Na visão de Gilbert Durand (2023), o *ethos* refere-se à dimensão simbólica e imaginária da cultura, que influencia a maneira como os indivíduos se relacionam com o mundo e com os outros. Ele explora a relação entre mitos, símbolos e imagens na formação do *ethos* de uma sociedade e como esses elementos moldam a identidade e a conduta das pessoas.

humanas. O autor acima nos remete a ideia de que essa ação provoca no indivíduo uma experiência filosófica que nos conduzirá um ato experimental envolvendo o psiquismo e o simbólico.

Durand (2023, p. 67) apresenta a ideia de que a recorrência ao simbólico é uma das formas de existência, devido à busca de imagens que se entrelaçam às recordações que estão presentes em nosso inconsciente. Deve ser interpretada com base em nossas experiências.

Para Jung (2016, p. 54), apesar da inconsciência ser formada subjetivamente, uma parte dela depende da mediação das relações do sujeito com seu contexto. Assim, a interferência entre as relações sociais e o sujeito é algo inato, que com a ajuda da coletividade, leva o sujeito ao transcendentalismo, como confirmado abaixo pela ideia do autor.

Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos inconsciente pessoal. Este, porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos inconsciente coletivo. Eu optei pelo termo "coletivo" pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica que existe em cada indivíduo. (Jung, 2016, p. 57).

Dessa forma, os seres humanos fazem jogos psíquicos das imagens por meio da linguagem simbólica de uma forma muito natural, porque essa ação é inerente ao sujeito. De forma indireta, uma determinada explicação ausente pode ser buscada pela inconsciência de uma imagem, que pode seguir um padrão ou não, já que a mesma pode além de significar algo, pode também ressignificar. Ricouer (2009) complementa a ideia enfatizando que o símbolo tem uma semântica própria, uma atividade intelectual de decifrar ou ressignificar as coisas. Assim, o símbolo caminha para um caminho enigmático e pressupõe que tenha múltiplos sentidos, que diante de tal abstração, pode não ser explicado, mas torna-se concreto nos rituais, no campo da arte, nos mitos e na literatura.

Os símbolos propõem um apelo à interpretação do cosmos. Estão latentes no inconsciente. A qualquer momento, dado determinado impulso, eles se manifestam imprimindo lógica ao sentido da existência, proporcionando conhecimento. Assim, a motivação é mola propulsora para que a imaginação empurre para a superfície as construções simbólicas (Durand, 2001).

Portanto, a lenda é o elo entre a realidade e o símbolo. Torna-se um convite essencial para o ato simbólico, que é o de desvendar do inconsciente por meios de devaneios. Na nossa

pesquisa, ao fazermos os alunos produzirem lendas, enveredamos pelo caminho criativo e motivador, que nos leva a valorizar ou reconstruir a cultura amazônica e compreender a importância das narrativas. E todos os fatores apresentados nos encaminham para a imaginação simbólica.

1.2 A imaginação simbólica: conceitos e debates

Gilbert Durand tentou conceituar a “imaginação simbólica” denominando-a de museu de imagens e relações que constitui o inconsciente do homem. Logo, o conjunto de símbolos e suas relações relacionadas com um grupo ou comunidade pode ser classificado de imaginário. Sendo assim, o processo da imaginação simbólica atua de forma concreta na vida do indivíduo, mesmo que ele esteja em um campo, às vezes, imperceptível, porém os resultados concretos direcionam para a compreensão de determinadas questões da experiência humana. O simbólico aponta para uma ideia e, para que isso aconteça, há uma relação de determinada figura com algo que pode ser indizível, mas que pode se fazer conhecido quando os dois são postos mutuamente no consciente (Durand, 2023, p. 64).

O símbolo, na linha de pensamento de Carl Jung (2016), inicialmente, pode se mostrar desconhecido, mesmo sendo a fonte. Ele é o ser manifesto classificado como não-sensível. É necessário compreender que o não-sensível possui um papel fundamental na formação do contexto humano, uma vez que elementos imperceptíveis como a metafísica e a magia corroboram para que o homem se torne sujeito participativo em tentar compreender, por exemplo, alma, espírito, fantástico, deuses etc.

Nesse viés, o indivíduo ao tentar entender aquilo que o visível não pode explicar, recorre por meio da imaginação a tal resposta, que, muitas vezes, está em uma imagem simbólica. Sendo assim, o símbolo não tem validade por si mesmo, mas aponta para algo que vaga na vida humana. Assim a imagem simbólica precisa de um processo de transfiguração, para o indizível, que está presente em uma situação concreta, apontar ou figurar o mundo que nos rodeia.

Nesse raciocínio, aquilo que parece não representável torna-se concebível dentro de um universo concreto. A questão é como entender que tal símbolo aponta para uma determinada situação, denominando de transfiguração correta, por exemplo, ao se deparar com o fogo, ver-se nele sentidos diferentes e que se divergem, como fogo purificador e fogo sexual ou até mesmo fogo infernal (Cassirer, 2001, p. 54). O símbolo é carregado de flexibilidades para a busca da compreensão daquilo que ele aponta. É preciso olhar em volta do contexto em que

está sendo inserido, ou seja, aquilo que dá mais comodidade para materializar tal ação ou situação.

É necessário amplo desdobramento em que o mundo concreto se associe com abstrato, o qual habita no interior do ser humano, isto é, na imaginação simbólica. O trabalho acontece em um processo de lógica, não sendo possível racionalizar, embora haja relações do exterior com o interior. Sobre o processo de relações com os dois campos, Gilbert Durand já tinha se apoderado dos conceitos iniciais de Gaston Bachelard, que acreditava na imagem como um elemento que está em processo de transformação para que ela alcance a deformidade. Portanto, é necessário algo que a impulsione ou anime, alcançando o objetivo, que é tornar vívido o que estava oculto ou no anonimato (Bachelard, 2019, p. 34).

As explicações quando agregadas à imaginação simbólica, quando se desdobram, passam a dar vida àquilo que não é perceptível em visão mais racionalizada ou até mesmo concreta. Portanto, determinadas ações podem ser explicadas por meio desse processo quando a imagem passa por uma trajetória dinâmica. Quantas vezes realiza-se algo ou precisa-se de uma determinada ação comum sem entender a essência de espírito; talvez falte no indivíduo a leveza de procurar entender a existência das coisas por meio da imaginação simbólica.

Nesse viés, a imaginação dá ao homem um caminhar de significados e, para isso, é relevante que avance. Essa “travessia”, de acordo com Gaston Bachelard (2019), não é simplesmente algo de pleno delírio, mas uma ação imagética que está envolto de grandes temas que convergem com vida humana, em que a racionalidade não pode alcançar. Assim, a proposta de Bachelard era mostrar que o conhecimento ou explicação não pode ser exclusivamente permeado pela razão, pois o ser humano e suas ações são carregadas de complexidades. Sendo assim, a busca pela sensível é também uma forma de conhecimento, em que se notou a valorização da imaginação simbólica na vida humana.

A imaginação simbólica nos permite uma relação com os elementos que nos cercam, dando a cada indivíduo um estabelecimento de acordo do seu ser e o mundo. Então, a partir do instante que o homem valoriza a imagem, ele permite uma abertura para que a imaginação seja dinâmica e fique à mercê de novas experiências para a vida.

Outrossim, ainda para Gaston Bachelard (2019, p. 27), as experiências só podem ser formadas quando há uma coerência entre o sentido e o símbolo, que, quando unidos por meio de uma percepção, são de alguma forma deformados em uma certa linha de imaginação para enfim alcançar o objetivo, que é explicar o que parecia inexplicável.

Nessa linha de debate, Paul Ricoeur (2009, p. 286) enfatiza que o símbolo em uma linha imaginária pode se tornar um enigma em determinado momento, mas quando é provocado rumo ao desenvolvimento interpretativo tende a uma busca de significado. É importante endossar também que na busca de significação e relação com o contexto real, a imaginação simbólica se torna vívida porque o simbólico não obrigatoriamente está em um único viés interpretativo, mas pode alcançar uma multiplicidade de sentidos.

Danielle Pitta (2020) ajuda a complementar a ideia supracitada quando esboça que a imaginação simbólica é dinamizada pela relação de uma situação concreta que acontece com certa naturalidade e ao mesmo tempo a presença de algo imperceptível, que só pode ser descortinada quando correlacionamos os fatores naturais e sobrenaturais.

Quando trabalhamos em um contexto escolar, o ato de narrar que envolve nosso cenário e vivências, podemos fazer com que a cultura se ressignifique dentro da dinâmica da imaginação simbólica, pois aquilo que estava ofuscado, passa ter um significado, e nossa mente se abre para o imaginário carregado de pluralidade que nos circundam.

Embora o indivíduo esteja vivendo naquele espaço ou ambiente há muito tempo, ele só passa atribuir significado àquele local, quando a mente opera por meio de interpretações de fenômenos, mesmo que, às vezes, ele se depare cotidianamente com aquela paisagem ou ação, nunca vislumbrou numa perspectiva de compreensão mais afetiva.

Esse é o papel da imaginação simbólica, emergir sentimentos ou arquétipos, cujas explicações estão residentes em uma estrutura do inconsciente. Mesmo que esses elementos estejam em um campo muito mais abstracional, não pode deixar de estar em um plano analítico, pois, afinal, essas imagens simbólicas estão repletas de especificidades socioculturais, que levam o indivíduo a praticar (re)descobertas (Ricoeur, 2009, p. 287).

Sabe-se, assim, que o imagético é eivado de simbolismos em nossas ações, apesar de praticarmos de forma trivial. Ainda não as interpretamos como deveriam para que elas deem significados para a nossa vivência. De acordo com Laplatine (1996, p. 11), as colunas centrais de uma residência não podem ser vistas apenas como um elemento sustentador da casa, mas como o eixo que verticaliza a relação da terra com o plano celeste. Talvez isso não seja perceptível de forma consciente, mas para o campo do imaginário passa ter muito sentido quando levamos, por exemplo, para o campo espiritual.

Em uma certa ocasião, estive em Boa Vista – Roraima. Lá, as principais avenidas da cidade direcionam para o centro, algo como se fosse o ponto de referência para não se perder. Entendi que não se tratava de um espaço geográfico sem simbologias, ainda que os construtores

de forma consciente não pensassem assim. A imagem espiral que paira sobre a cidade remete à origem da vida, o recomeço de uma busca.

Em relação aos construtos simbólicos que delineiam a vida humana, Carl Jung (2016, p. 27), apresenta a imaginação simbólica como algo possível de ser notado no dia a dia. É a melhor designação de algo visível, imediato, o qual passa a ter mais sentido, se for transfigurado ou multifacetado em outros conceitos que, momentaneamente, não são notados, mas quando evocados, dão a essa parte visível mais significância, dependendo do contexto que tal ação acontece.

Outrossim, olhar a central de Boa Vista no viés simbólico remete à ideia de que reproduzir direções em busca de um ponto central leva o homem a conhecer a sua origem, decifrando seu papel na sociedade. O campo da imaginação simbólica só tem sentido e se torna um objeto de estudo, se unificarmos os pares consciente e inconsciente.

Nessa esteira, a ideia de Durand (2023) exala que o imaginativo conduz o sujeito a reminiscência de um sentido primordial, constitutivo da imaginação simbólica. Quando o indivíduo executa a ação de transfiguração de consciente e inconsciente, torna-se dinâmico o seu contexto social, conforme reforça Laplatine:

O ato transfigurativo não apenas promove ao ato simbólico um caráter dinâmico, mas promovem experiências que fazem imergir determinados comportamentos que podem evocar emoções, medos, euforia, nostalgia, e outras sensações que estão relacionadas a nossa cultura ou ambiente. (Laplatine, 1996, p. 19).

Diante disso, a vida social é permeada por uma rede de elementos simbólicos sendo situações que apontam muito além daquilo que fazemos ou notamos. No tempo em que era aluno de Ensino Fundamental, por exemplo, recordo-me que passar na frente da sala dos professores me causava temor. Ali, não estavam apenas docentes, mas autoridades do conhecimento. Ninguém se atrevia bater à porta sem qualquer motivo, porque aquela porta não se abria para simplesmente dialogar com professores, mas ouvir a voz da sabedoria com autoridade. Esse tipo de situação, na visão de Laplatine (1996, p. 15), “não se trata apenas de um signo do poder hierárquico ou autoritário, mas é simbólico à medida que evoca sentimentos de dominação, autoritarismo, crença na superioridade do saber”. Essas ações são apresentadas no nosso dia a dia como rituais, carregados de símbolos que organizam nosso imaginário, formando uma rede simbólica.

Nota-se que a nossa imaginação simbólica é interiorizada por símbolos e mitos que podem tornar-se receptáculos de nossas projeções, sentimentos de medo, interesses ou até

mesmo aspirações que, além de nos converter a um olhar mais significativo das coisas, ainda pode modelar nosso comportamento, condutas e visões de mundo, desde que partilhado por pessoas, que podem nos auxiliar no processo de criar ou recriar, em que nos encaminha para uma nova vertente de situações, analisando a comunidade e solidificando os saberes.

Usar a produção das lendas em uma sala de aula para a solidificação de saberes é justamente trabalhar a imaginação simbólica, provocando em nossos alunos sentimentos de significação do mundo exterior, isto é, necessita-se do irreal para dar sentido ao real. Logo, a imaginação simbólica é primordial para a criação e construção de significado. Por meio de símbolos, mitos, metáforas e outros elementos simbólicos, o indivíduo consegue dar sentido às suas experiências, relacionar-se com conceitos abstratos e interpretar o mundo de maneira profunda e mais complexa.

Em consonância com a premissa supracitada, Michel Maffesoli (2001, p. 9), conhecido pelas contribuições à sociologia compreensiva e pela formulação do conceito de “pós-modernidade”, destaca a importância da imaginação simbólica na compreensão da dinâmica social contemporânea. O autor argumenta que ao remeter o uso da imaginação carregada de símbolos, o indivíduo se enriquece, pois o ato de redescoberta leva o sujeito ao mundo de transcendentalismo. E na era pós-moderna, nós precisamos trabalhar em nossa vida elementos que emergem a emotividade, que podem dar uma nova estética ou redescoberta de nosso espaço.

Quando trabalhamos, por exemplo narrativas lendárias, estamos conceituando de uma forma muito prática a imaginação simbólica, pois rememoramos os mitos, trabalhando o ato de recriação de fatores que se relacionam com nossa identidade. Isso permite voltar às origens, rememorar saberes que notabilizam as relações com a nossa comunidade e pode auxiliar certamente na construção do imaginário.

Para construir o processo imaginário é preciso mobilizar as imagens primeiras, como dos homens, cidades, animais e flores conhecidas e outros elementos originários, liberta-se delas ou modificá-las. Como processo criador, o imaginário reconstrói ou transforma o real. Não se trata, contudo, da modificação da realidade, que consiste no fato físico em si mesmo, como a trajetória natural dos astros, mas trata-se do real que constitui a representação, ou seja, a tradução mental dessa realidade exterior. (Laplatine, 1996, p. 34).

Logo, no processo de imaginação simbólica, quando acontece a libertação do real na procura das imagens primeiras, o sujeito correlaciona a fundição do real com o imaginário, no qual o imaginário torna-se a força motriz para compreensão do mundo. Para que isso se torne mais representativo, ele recorre a imagens que tenham mais relações sentimentais ou afetivos.

Entende-se então que fortificamos nossa identidade muito mais quando buscamos no imaginário elementos que potencializam a cultura ou a forma de viver. Maffesoli (2001, p. 156) observa um ressurgimento de formas de comunidades mais afetivas, baseadas em afinidades emocionais e na experiência compartilhada do simbólico. Nesse contexto, a imaginação simbólica atua na criação e manutenção dessas comunidades, onde as emoções e os símbolos desempenham papéis centrais.

Desta maneira, mesmo a imaginação simbólica sendo um elemento fundamental para compreensão das coisas quando não percebemos no mundo real, é importante endossar que não se pode negar o real, apenas nos apoiamos nele para trabalhar uma transfiguração e deslocá-lo, elaborando novos conceitos e relações dos fenômenos que nos rodeiam.

Ainda nesse debate, Gilbert Durand (2001) destaca que a forma como a mente recebe pode fazer parte da construção da realidade, quando abordada nas diversas dimensões, ou seja, é possível caminhar para o nível de interpretação das imagens que está situada em um valor sensível, fazendo-a progredir para o imaginário.

Quando a interpretação ou captação das imagens tem guarida no imaginário, o indivíduo deixa de ter uma visão mais abrangente de determinada situação e passa a traçar uma linha ideológica mais peculiar entre a imagem e a realidade. Por isso, dependendo da cultura ou contexto, um determinado objeto passa a ter diferenças significativas, com contrastes na discursividade em ler, interpretar, propagar ou até mesmo ver simplesmente as imagens.

Confirma-se, assim, que o processo imaginário está em um plano discutível, isto é, dentro de uma materialidade discursiva, em que as especificidades ou peculiaridades de determinados ambientes culturais e seus contextos fazem parte da imaginação simbólica, que, por sua vez, podem ser decifráveis para um campo artístico, literário ou até mesmo religioso. Por isso, a imaginação simbólica é a forma de comunicação das questões psíquicas e ações do cotidiano, pois auxiliam na construção da realidade, enriquecendo positivamente a cultura de um povo.

Para aprofundar o debate, Gaston Bachelard percebeu que há ordem metodológica na imaginação simbólica, a qual ele a chama de poética. A imaginação simbólica, dessa maneira, tem papel relevante na construção de conhecimento. A ciência iluminista, por exemplo, a partir dessa premissa, não é mais encarada como solidez absolutista, visto que as imagens possuem pertinência até mesmo nos próprios saberes denominados de racionais e lógicos, como a física e a matemática.

Durand (2012) para dar certa organização ao estudo da imaginação simbólica, acreditou que para uma apresentação científica, desafiando a visão iluminista, define a pesquisa dentro de uma estrutura antropológica. Nela, observa um conjunto de representações que convergem em determinadas ações do homem, isto é, movimentações imaginárias carregadas de vitais representatividades.

É importante lembrar que Durand, participa do devaneio poético de Bachelard e do arquétipo coletivo de Jung para fortalecer os estudos antropológicos do imaginário, pois o autor almeja identificar, nas ações do ser cognoscente¹¹, as práticas simbólicas que se relacionam com o imaginário dando representatividade à ação do ser humano. E ao analisar as estruturas da imaginação simbólica, o autor divide em dois regimes, os quais são denominados de diurno e noturno. Essa bipartição, nomenclatura dada pelo autor, gravitam em nossa psiquê.

Nessa perspectiva, Durand (2012, p. 117) acredita que o ponto de partida para a formação da imaginação simbólica é a consciência do tempo e da morte, gerando no indivíduo reações diferentes quando se depara com a bipartição. Tais reações podem ser de luta (heroico), de eufemização (aceitação por um conceito místico), de conciliação (sintética) entre as duas primeiras reações.

É claro que o ponto de partida é compreender as reações do heroico e a aceitação por um conceito místico, já que a terceira é a conciliação das duas na vida do indivíduo ao acessar o imaginário. Dessa forma, Durand conceitua, então, em dois regimes de imagens, o regime diurno, que é a luta, o ato heroico contra a morte e o tempo; e o noturno, que é aceitação do tempo e da morte, uma visão eufêmica das experiências desses dois elementos na vida.

Outrossim, os símbolos apontam para a subida, remetem à ideia de luta para alcançar a verticalização, idealizando o conceito de heroísmo e vitória. Na cultura judaico-cristã, por exemplo, Jesus Cristo torna-se vitorioso, quando vence a morte e sobe aos céus decretando uma ideia positiva de um ser soberano. O imaginário de regime diurno é justamente esse ato de fuga da morte.

O regime noturno de acordo com o filósofo, é forma eufêmica de lidar com a morte e tempo, dentro de uma estrutura do imaginário mística e a sintética, ou seja, uma conversão dos arquétipos diurnos, que antes eram de luta, aqui nesse regime idealiza em transcendência de alienação.

¹¹ Na visão de Piaget (2012), ser cognoscente significa ser capaz de conhecer, compreender e interpretar o mundo ao redor por meio da interação com o ambiente.

A estruturação do imaginário bipartida em dois regimes, oferece ao indivíduo o equilíbrio, estabelecendo as interpretações que preencherão as imagens da imaginação simbólica. Tais símbolos são arquétipos fornecidos pelo inconsciente que por meio de sonhos e devaneios contribuem, de forma transversalmente, na manifestação de ações que entrelaçam à vida, demonstrando valores que se unem à religião, ciência, arte, literatura e mitos.

Em um contexto aproximado, Michel Maffesoli (2001) acrescenta que o indivíduo não obtém conhecimento apenas atrelado a um único sistema de valores, pois compartilha seu pensamento a instâncias míticas. Cruzam, por exemplo, com a realidade cultural, cercada de complexidades e riquezas de valores que, de alguma maneira, coíbem a disciplinaridade científica, mas que oferece ampla integralidade à realidade.

Seguindo o mesmo raciocínio, Mircea Eliade (2019a) destaca que imaginação simbólica é uma construção coletiva, e no processo experimental de convenção imagética, principalmente nos campos das religiões e mitos. Assim, o termo mito está atrelado às imagens, afinal de contas suscitavam a explicação de algo que foi construído grupalmente. Os gregos, por exemplo, entendiam o mítico como um processo de enunciação verbal para explicação de fenômenos.

Segundo Maria do Carmo Coelho (2003), o mito, relacionando com o processo da imaginação simbólica, pode se manifestar dentro de discursos em contextos filosóficos, sagrados ou narrativas que atuam como memória afetivo-social de um povo, tendo na composição o fundo lendário, uma vez que reúne situações memoráveis por meio de narrativas que resgatam a tradição, que é a imaginação coletiva, e ao ser geralmente aceito, integra-se a saberes que redundam sob forma literária (oral ou escrita).

1.3 A imaginação simbólica e o mundo literário

Quando se relaciona o imagético a contextos vívidos em grupos, denomina-se de imaginário coletivo. Afinal, a imagem emergida pelos mitos são elementos relevantes para compreender o imaginário, que, de alguma maneira, concretiza-se e apresenta vitalidade a um mundo que perpassa a ótica do que é notável, mas identifica maneiras ricas de como explorar o ambiente numa visão poética em concomitância da busca de explicações para os contextos que nos cercam (Campbell, 2014, p. 23).

A melhor manifestação de visão poética, tendo como força propulsora o imaginário, é no campo literário, pois é notório que a imaginação simbólica desempenha um papel

fundamental no mundo literário, em que os autores e leitores exploram e interagem com símbolos, metáforas, imagens e narrativas simbólicas.

A imaginação simbólica caminha entre as páginas do texto literário e produz efeito desde o momento de recepção, pois o jogo do imaginário é a essência na arte de produzir. Projeta o escritor a assumir alguns sentimentos que interagem com os sonhos e fantasias à medida que as sensações se interligam com o dia a dia.

O ato de viver em um ambiente cercado de florestas, rios, e costumes peculiares, por exemplo, pode ser a força motriz para produção de algo fantástico e maravilhoso relacionado ao imaginário peculiar da região, em consonância com o pensamento de Laplatine:

Se existe um elemento capaz de fazer o imaginário surgir é o campo literário, onde reúne ficção, maravilhoso e fantástico, isso pode ser notado nas sociedades tradicionais que inventaram rainhas, fadas, demônios, duendes, dragões ou castelos, ou até mesmo nas sociedades atuais que expressam situações mais comuns de nossa sociedade. (Laplatine, 1996, p. 22).

O trabalho com a imaginação ganha sentidos diversos e significações que se aproximam da vida do autor por meio de elementos que participam no processo de metamorfose e transformação da realidade em que está inserido.

No contexto escolar formal, por exemplo, quando se leva o aluno produzir uma lenda, o leva a caminhar pelo mundo imaginário, resgatando as experiências em seu derredor. Nesta investigação foram realizadas atividades que conduziram os discentes no resgate de saberes por meio de elementos fantásticos presentes na imaginação simbólica de cada um. Nesse sentido, Vigotski destaca que a imaginação é crucial para a fabulação das experiências e desenvolvimento da criatividade.

A psicologia chama de imaginação ou fantasia essa atividade criadora do cérebro humano baseada nas capacidades combinatórias, atribuindo a elas um sentido diferente daquele que lhe é atribuído cientificamente. Na sua concepção comum, a imaginação ou fantasia designam aquilo que é irreal, o que não corresponde à realidade e, portanto, sem nenhum valor prático. No entanto, a imaginação como fundamento de toda a atividade criadora manifesta-se igualmente em todos os aspectos da vida cultural, possibilitando a criação artística, científica e tecnológica (Vigotski, 2014, p. 4).

Em consonância com premissa mencionada, a imaginação como atividade criadora, tem um papel relevante principalmente no campo da arte literária, mas para que isso aconteça, necessita interligar-se à realidade do indivíduo que a produz, já que todo ato imaginativo se reveste de elementos circundantes, isto é, toda atividade de imaginação recorre a um elemento

do dia a dia, para assim recriar ou dar uma nova roupagem a partir do que é materializado, ainda que subjetivamente.

Toda a ação está relacionada ao transcendentalismo, termo delineado por Jung, que é o ato de transfiguração em forma de mistério. É salutar que o consciente e o inconsciente tenham uma espécie de colisão para chegar à valorização do simbólico (Jung, 2016, p. 35). Logo, o transcendentalismo é uma instrumentalização da imaginação simbólica, principalmente no campo da literatura, dando um certo esteticismo à arte que inspira o indivíduo a interpretar o mundo e seus cenários mais íntimos.

Quando eu escrevia minhas histórias na época de criança, a minha mente reelaborava os espaços e tempos os quais eu percorria diariamente. Contudo, nesse processo de transfiguração, imprimia uma visão mais poetizante nas narrativas. Nesse cenário de infância, há um recorte de como a experiência se entrelaça à imaginação simbólica.

Certa vez, um rapaz chamado Manuel caiu na água e demorou bastante tempo emergir, foi um mergulho bastante demorado. Todos ali à margem do flutuante estavam atônitos pela demora do rapaz, imaginando que fora tragado pelas águas. No cotidiano, é a compreensão da não demora no mergulho, mas na narrativa produzida pela imaginação simbólica, a demora direcionou para o entrelaçamento com outras experiências como o desconhecido das águas. Os caboclos que conhecem as veredas dos rios já estavam começando o processo de busca, quando Manuel surge, quase desmaiado sem fôlego. Segundo ele, perdeu forças nas pernas e acabou afundando, mas no momento que estava ficando sem fôlego, viu uma mulher que o segurou pela mão e o fez emergir das águas às margens do flutuante. Esse episódio me serviu para compor minha narrativa, imprimindo no texto a definição da mulher que o ajudara, ou seja, a lenda da mãe d'água que mora nas profundezas, imaginando o passeio que o mergulhador fez em uma cidade no fundo das águas, segurado pelas mãos da mãe dos rios.

Para Gaston Bachelard, em *A poética do espaço* (2008), o espaço é fundamental para se produzir algo que compõe o imaginário. Ele afirma que o cenário funciona como ponto de origem para que a imaginação fabrique sentido para as coisas, e é por meio do local, unida às imagens e às lembranças, que o processo imaginário ganha vida através do devaneio poético.

Nesse caso, minha narrativa utilizou o contexto local, unindo uma cena do cotidiano com o processo imaginário. Assim, existe uma relação no ato de produção de um texto literário, principalmente, em uma narrativa que evoca características peculiares, como as lendas. Por meio do imaginário, além da literatura produzir características ligadas ao maravilhoso, resgata

saberes da terra, que remete a um lugar e uma paisagem de forma afetiva, redesenhando o significado.

Culturalmente, mesmo compartilhando de imagens coletivas, cada espaço é único para o sujeito e fornece cores e tons específicos às imagens, mitos e lendas, fazendo com que as tonalidades estejam em harmonia com o dinamismo organizador das imagens novas. Afinal, por meio da imaginação simbólica, recriam-se formas, dando dinamismo e enriquecendo a produção no ato literário. Bachelard (2008) corrobora explanando que em sua dinamicidade, as imagens poéticas têm elementos próprios: “a imagem poética não está sujeita a um impulso. Não é o eco de um passado. É antes o inverso: com a explosão de vários sentidos” (Bachelard, 2008, p. 2), que podem ser dinamizados por meio de devaneios.

Diante disso, Bachelard pontua que as imagens literárias têm no espaço um fator ontológico, isto é, o espaço é o ponto de partida para o dinamismo na produção da arte da escrita, pois o ser imaginário percebe no seu ambiente, elementos ou fenômenos que ao levar para o campo da literatura, repercute em estudos fenomenológicos. Quando entendemos esse fator, as imagens literárias por meio do espaço e suas repercussões fenomenológicas, tornam-se relevantes, pois a espacialidade liga-se ao dinamismo imaginário, e ao estudarmos fenomenologicamente, revelarão concretamente os valores do espaço habitado (Bachelard, 2008, p. 24).

Imagine o espaço amazônico, com o cenário de encantamentos e carregado de mitos como forma de elaboração de narrativas. Nele, ao ser rememorado, o indivíduo fabular envereda por descrições detalhadas de espaços que estabelecem a atmosfera da história, influenciando a experiência do leitor. Um cenário sombrio e misterioso pode evocar suspense, enquanto um ambiente tranquilo e sereno pode transmitir paz, isso dependerá muito da vivência espacial do indivíduo.

Assim, quando a imaginação simbólica, atrelada ao espaço, repercute na arte literária, por meio das imagens, utiliza os espaços para explorar temas sociais e culturais. O tipo de espaço que é focado em uma narrativa lendária, por exemplo, pode oferecer *insights* sobre questões que definem o lugar, as dificuldades, o descaso e o sucesso, a força da floresta diante do homem.

Bachelard (2008), mais vez, destaca que os espaços físicos influenciam a imaginação e a criação literária. Eles não são apenas cenários neutros para as ações, mas têm um impacto profundo na forma como percebemos o mundo e na maneira como a imaginação é estimulada. Bachelard propõe uma análise poética dos espaços, destacando como certos lugares, como a

casa, o sótão, a floresta, entre outros, têm significados simbólicos e psicológicos que podem inspirar a criação literária. Embora não tenha se concentrado especificamente na escola, as ideias do autor sobre a poética do espaço podem ser aplicadas ao ambiente educacional. Ele destaca como certos espaços, como salas de aula e bibliotecas, podem influenciar a imaginação e a criatividade dos alunos.

Na presente investigação, os alunos, ao escreverem as lendas que conheciam, estavam invocando seu ambiente imaginário, criando e interpretando símbolos, que são elementos carregados de significado além de sua função literal. Esse processo está presente no inconsciente dos alunos, e o uso das experiências no processo da imaginação simbólica faz emergir o fazer literário, sempre atrelado ao conjunto de lendas que estão presentes no imaginário amazônico. Nesse viés, Joseph Campbell, na obra *Poder do mito* (2014), destaca que a narrativa mítica é um retorno ao centro de si mesmo, o contato com as experiências que contornam a vida. A lenda não é o mito, pois possui um caráter bem mais próximo do indivíduo. Ainda assim, a ponderação de Campbell em relação ao mito ilustra apenas como a presença simbólica está presente na vida humana.

Os mitos ensinam que você pode se voltar para dentro, e você começa a captar a mensagem dos símbolos. [...]. O mito nos ajuda a colocar a mente em contato com essa experiência de estar vivo. Quando não temos experiências suficientes que nos façam sentir vivos, então procuramos um sentido no intelecto e na ideia, e aí começamos a ler literatura, a ouvir música, a nos apaixonar, ou nos dedicamos a atividades criativas para ter essa experiência. (Campbell, 2014, p. 18).

Ainda nesse diapasão, Verena Kast (2013) postula que os mitos estão manifestos nos atos simbólicos do homem, pode-se dizer que faz parte do pensamento explicativo do homem, afinal estava muito presente antes do pensamento objetivo. O mítico tem a função relacionar o homem às crenças míticas. Mesmo em um patamar diferente do mito, ao entrelaçar o encantamento com a vivência do indivíduo, um exemplo disso são as lendas, importantes para a compreensão da cultura, pois na narrativa lendária é possível captar o imaginário de forma coletiva e o retorno para si mesmo.

Portanto, as narrativas que circundam o indivíduo diariamente é um processo de desdobramento dos elementos espaciais, culturais e sociais. De alguma forma, esse processo tradutório do cotidiano é banhado pelo maravilhoso, ligado a questões míticas ou sagradas, ressignificações realizadas por ancestrais, enfim, a vida é contada de forma encantada. Nesse limiar entre o cotidiano e o simbólico, está a literatura como palavra reelaborada pelo psiquismo

humano, que de certa maneira se conecta ao palco do universo amazônico, carregado de símbolos e encantarias. Assim, as interfaces do simbólico amazônico será o tom do debate na seção II.

SEÇÃO II: NARRATIVA LENDÁRIA - INTERFACES DO SIMBOLISMO AMAZÔNICO

A literatura é a imaginação criadora. O pensamento, exprimindo-se numa linguagem nova se enriquece, ao mesmo passo que enriquece a língua. O ser torna-se palavra. A palavra aparece no cimo psíquico do ser. A palavra se revela como devir imediato do psiquismo humano. (Bachelard, 2008, p. 6)

2.1 Mitos e lendas: expressões de multiplicidade amazônica

O universo mítico, na visão de Mircea Eliade (2019a), é o ponto de situação limite do indivíduo, pois é a situação que faz com que o homem descubra seu papel na cosmogonia. A descoberta o leva, a princípio, por questões não-temporais, sagradas e profanas, que ao serem rememoradas, podem ressignificar com produtos da construção imaginária. Assim, quando se trata de rememorar os mitos para tentar entender seu papel no contexto social, e por serem complexos, devem ser narrados para que não apenas envolva uma história apresentada, mas também expor múltiplos significados.

Nessa premissa, quando trazemos os mitos para determinado contexto, não estamos emergindo apenas a narração, ou o ato de contar uma história simplista, relevamos marcas de um povo em que a tradição e o imaginário se fundem, e por terem uma plurissignificação, por meio de motes de encantamentos, vai alargando fronteiras presentes dentro de uma imaginação simbólica criadora.

Outrossim, o contexto mitológico está inscrito na formação de um povo, torna-se um elemento fundamental para entender o imaginário, que, ao ser evocado, materializa e dá vivacidade daquilo que nossos olhos veem, alcançando um espírito poetizante, como se fosse um fluir de um manancial de olhos d'água.

Nessa perspectiva, Cascudo (2001, p. 40) postulava os mitos como parte integrante do folclore, que era a expressão da cultura popular e tradicional. Ele acreditava que os mitos eram veículos importantes para transmitir conhecimentos, crenças e valores dentro de uma comunidade, reconhecendo a potente diversidade cultural do Brasil e a influência de diferentes grupos étnicos na formação dos mitos.

Atribui-se, então, uma função social aos mitos como meio de preservar a identidade cultural, promover a coesão social e fornecer orientação moral para os membros de

comunidade. De acordo com Brandão (2009), mitos são elementos de enunciação verbal, a qual pode ser sintetizada por um relato, testemunho, trama e até mesmo uma narrativa que envolve elementos do sagrado.

Nessa tessitura, um elemento que pode resgatar ou recontar o mito são as narrativas lendárias, é claro, que de um modo mais específico ou peculiar a um a determinada região. De forma dinâmica, podemos entender que as lendas são vistas como derivadas ou manifestações mais concretas e adaptadas dos mitos. Isso significa que, ao longo do tempo, “mitos podem se transformar em lendas à medida que são adaptados e reinterpretados pelas comunidades locais” (Casudo, 2023, p. 56).

Van Gennep (2013), na obra *Ritos de Passagem*, destaca os mitos como narrativas que tendem a lidar com temas universais, explicando a origem do mundo, a natureza dos deuses e as questões fundamentais da existência, enquanto as lendas estão mais centradas em eventos locais, histórias de heróis e acontecimentos específicos. Ele também observou que, ao longo do tempo, os mitos podem se transformar em lendas à medida que são reinterpretados e adaptados por comunidades locais.

Percebe-se que as lendas ao se envolverem no mundo mitológico, são vistas não apenas como histórias antigas, mas também narrativas que mantêm uma relação íntima com a vida cotidiana das comunidades, retratando reflexos das experiências e desafios enfrentados pelas pessoas ao longo do tempo.

O elemento lendário se faz significativo em acontecimentos situados em espaço e tempo sem definição específica, de acordo com Juno Brandão (2009). Nessa mesma ideia, a lenda provém do termo latino *legenda*, que aponta para o significado de algo que pode ser lido ou contado, relatando um acontecimento que adquiriu nova roupagem para tentar explicar algo que seja edificante a quem interessa saber.

Nesse caminho de conceituação, há relação entre mito e lenda, que é o envolvimento simbólico, abordando questões inerentes à complexidade da vida humana. Tais situações podem vir à tona por meio de metáforas que apontam, por exemplo, para o medo, a coragem, a paixão, o amor, a vida, ou seja, elementos que se personificam no nosso imaginário como arquétipos de um inconsciente que foi formado coletivamente, conforme aponta Jung:

Os arquétipos estão relacionados ao imagético, que apesar de não terem sido criados ou inventados numa perspectiva lógica, fazem parte do imaginário, ou seja, estão presentes no nosso inconsciente ao qual nos encaminham a contexto mitológico. Assim sendo, apontam para conhecimentos ou formulações de questões relacionadas à vida. (Jung, 2016, p. 301)

Os arquétipos formados pela coletividade buscam, no imaginário, explicações para a cosmogonia humana por meio da realidade que nos circunda. Ao apresentar narrações que têm em seu enredo elementos sobrenaturais, ambientes misteriosos, e indivíduos com perfis peculiares de uma determinada região, tais performances ressignificam os saberes de tradições milenares. Nesse sentido, Câmara Cascudo (2001) corrobora com a ideia de ressignificações quando pontua que os perfis peculiares, que são constituídos de enredos diferenciados, trazem vida ao local sob um olhar mais poético, denunciando a beleza e a riqueza da região. Também ajuda o indivíduo local a reintegrar em sua cultura.

A amazônia é uma região de destaque em relação à imaginação simbólica ao apresentar um ambiente com peculiaridades, ou seja, permeado por narrativas de encantamentos, muitas vezes distorcidas pela visão colonizadora. Assim, o ato de narrar as experiências entrelaçadas às lendas é um resgate de identidade do ribeirinho e seu relacionamento com a natureza e suas características diversas. Essa ação de contemplação por parte do sujeito amazônida acontece por meio do imaginário sendo imperiosa na construção de um pensamento singular em busca de obter respostas para aquilo que se considera inexplicável, mesmo que tais ações aconteçam de forma costumeira, denominada por Mircea Eliade (2019a) como realidade intelectual extremamente complexa. A vastidão da floresta e de água na amazônia constitui o primeiro plano para a construção de um cenário sobrenatural. Esse imaginário é alimentado por uma combinação de fatores históricos, culturais, literários e midiáticos.

Por ser visualizada como uma natureza exuberante, inspira admiração e fascínio em pessoas ao redor do mundo, contribuindo com a ideia exótica de que grande parte da região permanece inexplorada e desconhecida. Isso alimenta a imaginação de aventura e descoberta. Contudo, há um universo de dor e sofrimento dos povos da floresta e dos povos que margeiam o rio. As lendas também funcionam, além do fio condutor com a ascentralidade, como narrativas eufemísticas da vida. O lado sobrenatural pode conduzir para uma esperança que está no porvir.

A presença de povos originários e do caboclo ribeirinho no espaço amazônida desempenha um papel significativo na manutenção de imaginário singular. A narrativa e a experiência de vida estão no mesmo universo. A invocação de cada uma depende da necessidade. A imagem do povo indígena, por exemplo, é fruto de vários símbolos tais como como um guardião da natureza e dos segredos da floresta (Cascudo, 2001, p. 58).

O misticismo e a espiritualidade são dois elementos que acompanham o processo imagético de construção do imaginário. Para algumas pessoas, o espaço da floresta é

consolidado como um lugar de poder espiritual e misticismo em comunhão com as plantas medicinais, rituais xamânicos e tradições indígenas que têm fascinado exploradores e viajantes há séculos. Assim, o imaginário amazônico é multifacetado e complexo, refletindo uma variedade de perspectivas e interesses. Ele influencia não apenas a maneira como a região é percebida globalmente, mas também as políticas ambientais, sociais e econômicas que moldam o antropoceno hoje.

Mediante as peculiaridades que apontam para a imaginação simbólica da região amazônica, o homem amazônico interage com a natureza, vislumbra o espaço amazônico como sua morada, na qual ele pode, de forma híbrida, dimensionar com riquezas seu papel de interventor entre o local e a visão do universo de uma maneira poética, conforme destaca Paes Loureiro:

O caboclo humanizou e colocou a natureza na sua medida. Pelo imaginário, pela estetização, pelo povoamento mitológico, pelo universo dos signos, pela intervenção da visualidade, pela atividade artística, ele definiu sua grandeza dessa amplitude que é o “mundo amazônico”. O imaginário é o medidor das desigualdades entre o homem e a natureza, colocando um na medida do outro, o que chamamos de imaginário instaurador, que definiu nova realidade relacional, colocando o caboclo na dimensão do mundo por ele habitado, ao mesmo tempo que situou essa natureza ampla e desmedida na exata medida de sua cosmovisão. (Loureiro, 2015, p. 59)

Em consonância com Loureiro, devido ao ambiente de mistérios, a cultura cabocla é peculiar, pois está submersa em ambiente que ainda predomina a transmissão oralizada, que podem ser externadas em forma de lendas. Essa maneira de contação reflete de forma grandiosa a relação do homem com a natureza dentro de uma atmosfera em que o imaginário aponta para um valor estético atrelado à realidade cultural.

No contexto amazônico, o espaço rural é notabilizado como a expressão mais predominante da cultura amazônica, pois apontam para a originalidade do local por meios de elementos que são ícones da vida cabocla, que de certa maneira nos conduz a experiências sociais e criativas. Essas experiências, ao serem integradas nas narrativas lendárias, permitem ao sujeito amazônico uma performance de compreensão de suas ações por meio de construções simbólicas. Ao serem resgatados por meio da literatura lendária, o conhecimento lendário é difundido através de um processo metafórico poetizante, dando força a representatividade e ao local (Campbell, 2014, p. 67).

A ideia de que as narrativas trabalham com construções que permitem ao indivíduo um intercâmbio de saber, tais histórias precisam ser geridas pelo imaginário. Durand (2012) confirma tal premissa ao conceituar o imaginário como um conjunto de imagens e relações que constitui o pensamento criativo do homem.

Assim, o imaginário se manifesta em saberes que são reservatórios de lembranças ou experiências que se tornam fluxo da representatividade afetiva do sujeito com determinado lugar que, ao serem desvelados, apresentam a complexidade, compreendendo os valores que foram notabilizados de forma individual, mas que se perpetuaram por certa dinâmica e ação coletiva, a qual já mencionamos como arquétipos.

Pensando na ideia de Jung em que os arquétipos se entrelaçam ao imagético, uma das formas de se fazer vivo o imaginário é a manutenção das narrativas lendárias. Elas trazem consigo um arcabouço de cultura e tradição milenar, em que são externadas por multifaces expressivas. Auxiliam nos contornos de vozes, principalmente, no campo da imaginação simbólica, vozes que resgatam o saber cultural e por meio da literatura emerge em determinado espaço, no caso da presente investigação, no Amazonas.

Nessa perspectiva, ao apresentar a história lendária, o contador entrelaça elementos que efetivamente fazem parte do cotidiano, remontando situações enigmáticas e sobrenaturais compostas por relações imagéticas que se apoiam em um conjunto de abstrações. Como já postulado, a amazônia é um palco muito propício para resgatar a imaginação simbólica devido ao ambiente que integra homem e floresta. Por meio das narrativas lendárias é possível ressignificar fenômenos ou comportamentos que são mantidos na comunidade ribeirinha, principalmente, por meio de tradições e costumes.

Nesse caminho, as lendas caminham com a imaginação simbólica, pois estão relacionadas à questão contextual social e cultural, partindo da ideia que a narrativa teve como prelúdio a oralização até se concretizar na escrita. Elas são transmitidas tendo como base a cultura vivenciada por determinada sociedade, a qual vem sendo ressignificada de acordo com as experiências do indivíduo, no decorrer de tempos.

Câmara Cascudo (2023), por exemplo, define a lenda como episódios heroicos, conservando um pouco de questões sentimentais aliados à bravura, as quais têm a função basilar de explicar ou apresentar algo similar da origem das coisas, fenômenos naturais ou figuras sobrenaturais. Estas características que podemos chamar também de mitológicas, enredam para fatos históricos que vão se ampliando no decorrer do tempo ou espaço por meio da oralidade ou escrita.

Com o processo evolutivo da linguagem e a forma como as narrativas ganharam espaço, as lendas tiveram seu lugar no mundo da escrita. Por isso a palavra *lenda*, seguindo a definição latina, pode significar *algo que deve ser lido*. Ao se ler as lendas, é necessário entender que não há apenas uma sequenciação de fatos, mas uma herança cultural a ser pensada e contextualizada.

Nesse percurso, o estudo das lendas de um modo crítico, mesmo se tratando de uma ramificação do contexto mitológico, é relevante, pois, de acordo com Maria do Carmo Coelho (2003), os mitos são interpretados em consonância com as culturas e tradições e apesar de, muitas vezes, não ter compromisso com a veracidade, não deixa de ser uma transferência de costumes, práticas e culturas de um determinado povo. Assim, essas questões culturais estão nos anais da história, tornando-se uma maneira de perpetuar algo como base fundamental de um povo e que se associa a uma espécie de manutenção de crença ou civilização, que foram unidas a um ser imaginário, presente em situações como nas lendas/histórias orais da amazônia.

O contexto de narração se adapta ao modo de vivência, de costume e que transcorre em um momento determinado que pode ultrapassar barreiras de espaço e tempo. Os contextos de rios e florestas, por exemplo, são ambientes para explicar os fenômenos, mesmo para aqueles que moram em centros urbanos, provando, assim, a transposição da barreira de espaço.

Diante das premissas já mencionadas, compreende-se, assim, que as lendas podem descortinar o povo amazônida a redescobrir e a ser redescoberto por outras culturas, apresentando contextos, que, de alguma maneira, refletem o comportamento do caboclo e a forma de ele lidar com seu ambiente. As lendas amazônicas representam saberes e conhecimentos que refletem no dia a dia do povo amazônico, pois são narrativas encantadoras, conforme destaca, Apolonildo Britto (2007):

[...] aliás, se caracterizam por sua natureza fantástica, surpreendente, impressionante. No seu universo tudo é possível; não existem limites para a imaginação. Referem-se a acontecimentos de um passado distante e fabuloso, como uma “história falsa” que narra feitos de heróis e vilões populares, explicando particularidades do mundo e refletindo entidades que personificam as qualidades ou as aspirações do povo que as criou, sofrendo influências de agentes diversos, a exemplo de portugueses e africanos no Brasil. Os medos, as superstições, as crendices e as histórias contadas por esses povos influíram no imaginário popular brasileiro. Por outro lado, a exuberante paisagem da Amazônia também exerceu imensa influência na formação do lendário caboclo, baseado no panteísmo herdado dos primitivos povos que aqui viveram e deram origem a muitas lendas, como forma empírica de explicar o princípio das coisas, inspirada no respeito pela natureza. As plantas, os animais e até mesmo os seres inanimados possuíam a flama etérea da vida cultivada pelas crenças de nossos aborígenes. Para eles, tudo tinha uma razão de ser, nada estava ao léu. (Britto, 2007, p. 13)

Assim, a lenda contribui no complemento das diversas explicações míticas sobre o surgimento do mundo, do homem, da natureza e das coisas sobre a Terra. Tais narrativas foram e são o sistema oral e cultural primitivo criado para esse fim explicativo e compreensivo, possuindo importante significado para quem as narrava e para quem as escutava, sendo meios de se perpetuar a vida cultural dos povos amazônidas.

Nesse viés, Paes Loureiro (2015) enfatiza que as lendas amazônicas são apresentações da vida misteriosa e inóspita do povo amazônida. Produzem reflexão sobre o povo, a sua origem, ações e contextos relacionados à existência. Essas narrativas são também a maneira de preservar a cultura milenar, em que o indivíduo evoca perguntas para a sua existência e mediante a narrativa, busque respostas em torno de seres místicos que usam o panorama da floresta, rio, e outros espaços para desafiar que tipo de saberes pode ser acrescidos à vida desse povo.

Nesse ambiente cheio de peculiaridades, o sujeito ao identificar elementos como a alimentação, moradia, tempo e trabalho ou outras ações comuns, ele começa a fazer relações com o seu imaginário simbólico, mesmo que isso aconteça de forma imperceptível. Em consonância com essa percepção, Mircea Eliade (2019a) esclarece que o ser humano sempre tentou encontrar os porquês das coisas.

De um ser, divino ou não, surgiu algo devido a um sacrifício por exemplo. De um corpo imolado surgiram árvores frutíferas, tubérculos, peixes, bem como a explicação da sexualidade como único meio de reprodução humana que podem apresentar explicações através da narrativa de um mito. Esse tipo de imaginação simbólica desempenhará um papel fundamental na vida do sujeito, pois graças a esse arcabouço de imaginário, o mundo passa a ser mais trans parente, suscetível ao processo de transcendência. (Eliade, 2019a, p.76)

Quando as narrativas lendárias recuperam por meio da imaginação simbólicas seres sobrenaturais, elas auxiliam a suscitar o imaginário no indivíduo, ajudando-o a libertar-se e a perfeição a existência que, conforme o pensamento de Eliade (2019a), esses seres com poderes sobrenaturais vêm de longe e são elementos que estão atrelados ao indivíduo, sendo impossível não os encontrar em qualquer situação existencial do cosmos.

Dessa maneira, pode-se confirmar que as lendas possuem uma importância perceptível quando atrelada a um contexto de valor reflexivo, e passa ser analisada como um produto da cultura de um povo, resgatando personagens presentes em um determinado espaço e tempo, direcionando para um contexto histórico que nos mostra ações e condutas de um grupo social que compartilha heranças, que enriquecem o modo de vida de um grupo social. Essa fusão de pensamentos do ficcional com o real elabora o entendimento do “imaginário”. Assim, as lendas

amazônicas em um contexto escolar é uma forma de (re) produção de contextos subjetivos que auxiliam na compreensão realidade dos alunos

2.2 O lendário amazônico em sala de aula: a imaginação simbólica em ação

É sabido que a literatura não está desvinculada do universo a qual ela está sendo produzida, independente da sua manifestação, em forma de prosa ou verso, ela traduz as experiências do autor mediante a percepção que ele ver o mundo.

O universo literário é vasto e sugestivo para a literatura, pois nele o sujeito cria e recria o simbólico por meio respostas para as suas indagações, que é um pensamento mais engavetado a uma existência de estado contemplativo. E não há nada que a liberdade criativa não possa auxiliar quando se trata de produção literária (Barthes, 2012, p. 120).

Ao produzir literatura, construímos nossa identidade, narramos nossas relações com o ambiente o qual estamos inseridos, tornando-se uma prática social com informações importantes para a manutenção da cultura de um povo. A nossa identidade cultural está relacionada a tudo aquilo que vivenciamos desde a infância, por meios de situações que formadas ou ressignificadas nos tornam sujeitos os quais pertencem a uma determinada raça, religião, nação e outros contextos que nos identificam.

Uma das formas que recebemos conhecimento sobre a nossa cultura, de acordo com Anervina Souza (2020), aconteceu através da comunicação oral. A criança imersa nessa ação comunicativa, recebe conhecimentos sobre a cultura e aprende com as pessoas do seu grupo social os valores e tradições, que em base, transformam-se em saberes acumulativos.

É preciso entender que as culturas sofrem interferências por parte de uma sociedade superior, que notabiliza de forma incauta uma população desfavorecida, como sendo pobre culturalmente, tentando anular os nossos costumes e tradições, que nos identificam como sendo de determinado lugar. Eliade (2019b) ao considerar essa ideia, enfatiza que:

A religião e a mitologia gregas, radicalmente secularizadas e desmistificadas, sobreviveram na cultura europeia, justamente por terem sido expressas através de obras-primas literárias e artísticas. Ao passo que as religiões e mitologias populares, as únicas formas pagãs viventes no momento do triunfo do cristianismo (mas sobre as quais nada sabemos), porque elas não foram expressas por escrito) sobreviveram cristianizadas, nas tradições populares. (Eliade, 2019b, p. 77)

Mediante a situação destaca por Eliade, é nosso papel como educador, esclarecer sobre a importância de valorizar a cultura a qual pertencemos, compreendendo que os saberes são relevantes para verticalizar a identidade, simbolicamente imbricada nas noções que temos de

nosso povo e sua originalidade que, de algum a maneira, tentaram deturpar ou fazer desaparecer. Essas ideias de desvalorização acabaram crescendo e, por isso, é necessário buscar a ancestralidade e aspectos centrais de nossa cultura, conforme destaca Loureiro:

A cultura de um povo é fonte inesgotável de inspiração, de símbolos, de experiências, de trabalho acumulado, de beleza, de utopias, e a preservação da memória coletiva por um grupo, ainda que seja pequeno, é uma verdadeira tábua de salvação para toda a humanidade. (Loureiro, 2015, p. 98)

Nesse contexto, Stuart Hall (2019), em *A identidade cultura na pós- modernidade*, nos esclarece que existem três conceitos para aquilo que consideramos uma cultura ou uma comunidade imaginada e que a faz perdurar: as memórias de um passado, o desejo de viver em conjunto e a perpetuação da herança. Esses conceitos são basilares para o enriquecimento de nossa cultura, mesmo diante da desvalorização da cultura dominante.

É necessário compreendermos que ao identificarmos nossa cultura consoante às ações e elementos peculiares de nossa região, não apenas criamos consciência histórico-cultural, mas também nos apoderamos de nossa imaginação simbólica para recuperar as crenças e tradições, conforme o pensamento de Anervina Souza:

Grande parte dos amazônidas não valoriza o que o caboclo ou o indígena tem para lhe dizer, não acredita que a sua sabedoria possa ajudar no que julga ser melhor saber. Não acredita que é importante para as gerações atuais valorizarem as crenças que estão nas nossas origens, proporcionando a identificação com a cultura. (Souza, 2020, p. 19)

Segundo a premissa de Anervina, precisamos ter uma preocupação com nossa cultura, passando para os juvenis saberes de valor, ou fazendo com que eles recriem por meio do imaginário elementos que os tornarão cidadãos amazônidas preocupados em valorizar o espaço e ações, tendo nas lendas amazônicas, um importante aliado para tal ação.

O espaço escolar é essencial para oportunizar aos discentes a recriação de seu meio social. As lendas podem trazer esse contexto recreativo, quando retoma o imaginário que se vincula a explorar a cultura amazônica. Ainda, o professor torna-se o importante colaborador para proporcionar o conhecimento, evocando a imaginação simbólica, ao utilizar narrativas interligadas ao espaço a partir daquilo que o aluno contempla, acionando a leitura de mundo.

Nessa perspectiva, Maurice Tardif (2014) aborda a questão da leitura de mundo na perspectiva da formação de professores e na compreensão do papel do educador na sociedade. Ele reconhece que a leitura de mundo é fundamental para que os professores possam entender

e se adaptar ao contexto em que atuam, sendo um elemento essencial para o exercício da docência.

A leitura de mundo, nesse contexto, refere-se à capacidade do professor de compreender as diferentes realidades culturais, sociais e econômicas presentes em sua sala de aula. O autor destaca que os educadores precisam estar atentos às experiências de vida dos alunos, às suas origens e às complexidades sociais que permeiam o ambiente escolar. Os professores, dessa maneira, não podem simplesmente transmitir conhecimentos de maneira isolada, ignorando o contexto em que os alunos estão inseridos. Eles precisam considerar as diversas dimensões da realidade dos estudantes para estabelecer conexões significativas entre os conteúdos curriculares e a vida cotidiana dos aprendizes.

Fazer o aluno ler ou criar uma lenda, é levá-lo a reconhecer as diversidades e particularidades de seu cotidiano. Essa perspectiva contribui para uma prática educativa mais contextualizada e inclusiva, promovendo uma educação que respeita e valoriza as diferenças culturais e sociais dos estudantes.

Ao possibilitarmos que os alunos narrassem as lendas, buscamos enriquecer a prática educacional bem conhecida na região, o ato de contar histórias. Mesmo diante de elementos considerados modernos como cinema, vídeo game, celulares, o ato de narrar uma lenda ainda desempenha tamanha atração na vida do aluno.

O discente sente-se valorizado ao recriar narrativas com elementos sobrenaturais que o fazem se projetar para o mítico e ao mesmo instante conectando-o com a realidade ou o coletivo em si. A evocação mitológica por meio do lendário projeta quem ouve ou escreve para um plano sobre-humano e sobre-histórico, ampliando a visão do real (Eliade, 2019b, p. 57).

Uma aula torna-se dinâmica quando o docente assume o compromisso com a vivência do discente, oferecendo condições essenciais para transformar a sua realidade ou notabilizar o mundo de maneira mais poetizante. Usar as aulas de Literatura para recriar as lendas, por exemplo, é salutar, pois capacita os alunos a manifestarem-se culturalmente, buscando as imagens que solidificam seu ato criativo e dando mais vida àquela aula.

Dermeval Saviani (2021), em *Escola e Democracia*, esclarece que o docente é responsável por articular o conteúdo com a realidade dos alunos, promovendo uma compreensão crítica e contextualizada do conhecimento. Quando solicitamos que os alunos recriem as lendas, corroboramos com a ideia de que escola desempenha um papel central na reprodução e construção social, funcionando como um instrumento fundamental para a

internalização de conhecimento sistematizado e para a formação da consciência crítica dos indivíduos.

Atrelada à pesquisa, a ideia de Saviani endossa a necessidade de o discente potencializar o seu saber por meio do ato reprodutivo, não apenas enriquece o fazer, mas o ser. O professor também se volta para a sua relação com o mundo. No meu caso como professor e pesquisador de uma escola e universidade públicas, essa ação não apenas me fez cumprir o papel de mediador, como também me tornou participativo, reforçando que eu também faço parte desse mundo. Ao recriarem o universo fantástico por meio das lendas, veio em minha ação docente elementos que me situam como um cidadão amazônida e que, num piscar de olhos, transportou-me para cenas de matas, rios, animais e costumes de outrora presentificados em meu imaginário, elevando no ato ser professor o elemento poetizante gerada pela narrativa. Esse retorno aproximou-me de caminhos que ficaram em um passado, motivados por ações do narrar. De forma análoga, os discentes também vivenciaram algo semelhante. Nessa premissa, Anervina Souza esclarece que:

Ao narrarmos ou recriarmos as lendas para os nossos alunos, procuramos sempre ressaltar o valor que devemos dar a nossa cultura, afinal todos nós somos participantes desse espaço multicultural. Conhecer e valorizar nossa região amazônica, e respeitar as diferenças, e ser também um sujeito valorizado por fazer parte de tão rico cenário. (Souza, 2020, p. 81)

Portanto, quando os alunos da escola, a qual fizemos a pesquisa, ouviram sobre as lendas, diversos elementos culturais dos pais vieram à baila, reconhecendo como amazônidas, e que éramos herdeiros de um vasto campo cultural sempre legado à margem. Compreenderam que devemos sentir orgulho de fazer parte desse panorama e que por meio da imaginação simbólica, podemos nos tornar responsáveis pela reverberação dos aspectos culturais que foram apagados ou adormecidos, mas que pode vir à tona por meio de elementos poetizantes da palavra entrelaçados a elementos estéticos transcendentais que religam o indivíduo à natureza.

2.3 O lendário, a transposição simbólica, devaneios e esteticismo

Como já mencionado, as lendas estão relacionadas a elementos que aproximam o indivíduo da natureza. Essa dependência evoca construções de hábitos e ações que são repassados por meio de contextos imaginários fortalecidos por gerações.

Nesse diapasão, trazendo novamente Câmara Cascudo (2023), é possível postular que há relações dos mitos e lendas, pois as narrativas estão permeadas de instrumentos míticos que

concebem um patrimônio cultural para explicação de algo. Tudo isso é oriundo de um contexto simbólico, que se manifesta no contexto subjetivo do indivíduo por meio do imaginário.

Esse imaginário só se torna vívido por meio de relações do inconsciente com aquilo que está ao nosso redor. É importante que esse ato recreativo por meio das relações culturais venha à tona pela concretude de ações, como o ato de narrar lendas, imprimindo contextos e imagens simbólicas próximos de nossa realidade.

Mergulhar no inconsciente nos possibilita a notabilizar os elementos ao nosso redor por uma percepção mais criativa e, de certa forma, atrelada a características da vida do ribeirinho. Esse imergir cria um imaginário estético-poetizante, como já mencionado, que é a maneira perceptiva de reconhecimento da cultura amazônica sob uma dimensão submersa.

Nesse universo de devaneios estão elementos que tentam se conectar ao mundo natural, tornando a relação do real e sobrenatural uma espécie de explicação para a vida. Loureiro (2015, p. 76) endossa tal afirmação ao enfatizar que um estado poético traz à tona o devaneio, que é a atuação do irreal com o mundo real, como apregoava Gaston Bachelard.

Nesse sentido, Bachelard salienta que o processo psíquico materializa a imaginação criadora, em que o sujeito dinamiza o ato criativo por meio de sonhos e imagens registradas na mente que, às vezes, por falta de estímulo, desconhece o seu interior, denominado por Durand (2001) de museu de imagens.

Na busca desse processo quase arquivado, entendemos que o indivíduo entra em contato em devaneio de forma consciente. Dessa forma, há a liberdade criadora para significar ou ressignificar o narrar. Assim, conformidade com Loureiro, o homem amazônico se apodera dessa liberdade, quando coloca o real e o imaginário como parâmetro na busca por respostas ou compreensão de mundo.

É relevante salientar que a ação não acontece de forma tão clara assim. Loureiro aponta certa nebulosidade em um devaneio, pois estamos lidando um imaginário estético-poético, o qual nos expõe a uma pluralidade de elementos. Assim, o campo germinal amazônico é propício para o entrelaçamento da imaginação simbólica com a realidade, pois o indivíduo se relaciona com o que vê e o que não vê e, de forma sonhadora, busca se apoderar as imagens construídas. É nesse momento que as lendas certificadas pelo imaginário explicam o cosmogônico, saberes etiológicos e escatológico, ou seja, a origem do universo e do homem; o segundo, a origem de um rio, de uma planta; e por fim, o último que trata do fim do mundo. Esses universos de surgimento estão presentes em qualquer sociedade, inclusive no seio amazônica (Krüger, 2011, p. 18).

Para esses elementos surgirem, é preciso que aconteça um retorno ao inconsciente de maneira provocada em que o sujeito parece não ter limite entre o real e o imaginário. Nesse sentido, Bachelard, por exemplo, destaca que o homem noturno começa a caminhar em caminhos imprecisos, na qual se apodera de várias circunstâncias, superando espaço e tempo, é como se o real e irreal se instaurasse em uma zona indistinta, mas que se aproxima da existência.

Paes Loureiro (2015, p. 81) denomina a zona indistinta de *sfumato*¹², espécie de integração poetizante do homem com a natureza, ou seja, a presença de uma fantástica atmosfera, como se fosse um quadro, diante de um contorno, que une dois elementos, porém com um entrelaçamento impreciso. Aí está o segredo da imaginação simbólica, uma imprecisão carregada de mistérios. Mesmo embaçados, apontam para a realidade.

No panorama amazônico, o processo da imaginação simbólica é uma espécie de *sfumato*, pois eleva o caboclo a poetizar a relação com a natureza, estabelecendo uma separação imprecisa entre o imaginário e a realidade. É um fator cultural que nos introduz em uma zona indefinida, como se fosse o encontro das águas do Rio Negro e Solimões.

A limitação entre as águas amareladas e as negras não está definida de uma forma clara e precisa, mas por uma liquidez misturada, criando uma tonalidade na qual podemos classificar de negro-amarelada, similarmente a uma espécie de *sfumato*. E é nessa vaga realidade que se desloca o caboclo, buscando situações que parecem imprecisas, entretanto ajuda-o a formar sua paisagem própria interpenetrando entre o real e o imaginário. É nesse espaço que as lendas se situam, pois podemos interpenetrar por meio do mundo mítico atrelado ao ambiente, uma surrealidade cotidiana. Loureiro corrobora com essa premissa quando destaca:

Uma situação cultural de interpenetração entre real e imaginário, semelhante ao efeito provocado pelo maravilhoso épico nas epopeias, onde a História e imaginário mítico são por esse modo interpenetrados. Trata-se de uma surrealidade cotidiana, instigadora do devaneio, na qual os sentidos permanecem atentos e atuantes, porque é próprio desse estado psicológico manter a consciência ativa. (Loureiro, 2015, p. 82)

Acredita-se que, por meio do devaneio, o panorama amazônico ocupa um papel importante na participação do ideário imaginário, apresentando um *sfumato*¹³, em que predomina o mergulho no mundo mítico. Nele, o homem amazônico fica à mercê de rios e

¹² é um conceito concebido por Leonardo Da Vinci em sua teoria da pintura como sendo um contorno que integra, em uma pintura, figura humana e natureza, provocando delicada atmosfera poética no quadro.

¹³O termo relacionado ao panorama amazônico, de acordo com Paes Loureiro, é a interpenetração entre realidades do mundo físico com o surreal, estetizando o contexto por meio da imaginação simbólica.

florestas para se transfigurar. “Essa mesma dimensão transfiguradora preside as traduções simbólicas da cultura, sob a estimulação de um imaginário impregnado” (Loureiro, 2015, p. 96).

Ainda embebido pelas ideias de Paes Loureiro (2015), deduz-se que o poético-estetizante está presente na cultura Amazônica por meio do tal *sfumato*, abrindo, assim, as portas para o imaginário. Mas tal ação precisa do coletivo, ou seja, deve-se aglutinar os indivíduos àquilo que Charles Maffesoli (2001) denomina de “estar junto com”¹⁴, apresentando a mistura com situações imaginárias, evocando ao grupo social a ideia de pertencimento ao seu contexto, dando ao panorama onde vive o que o Maffesoli chama de estética de existência social. Essa coletividade está relacionada a espaços, costumes e cenas do cotidiano, fazendo com que o indivíduo crie correspondências com questões múltiplas do imaginário, evocando o pluralismo da existência de fenômenos e que para o ser humano ainda precisa de explicações. Logo, a estética imaginária ganha, assim, forma a partir do momento que o sujeito religa seus contextos a imagens que lhe remetem a forma para ser, estar e pensar.

Ainda de acordo com Paes Loureiro (2015), “o homem se realiza como cocriador de um mundo em que o imaginal estetizante e poetizador se revela como forma de celebração total da vida” (Loureiro, 2015, p. 89). E todo esse panorama está presente no mundo mitológico das lendas, em que o ser amazônico se transfigura entrelaçado às traduções imaginárias, com a valorização da forma expressiva, dando assim o seu primor estético àquilo que ele presencia na sociedade amazônica. Nesse ambiente, estetiza a realidade das significações aos labores do cotidiano, o qual faz com que o caboclo dialogue com formas que podem ser complexas ao mundo real, mas que pode ter vida na mente estetizante do amazônica

Ao usarmos as lendas com nossos alunos, estamos exercitando o processo transfiguração presente no mundo mitológico, pois o ato de produzir as lendas instiga o devaneio poético dos discentes, enriquecendo através de um *sfumato* a realidade em que estão. Usar florestas e rios no cenário lendário, é trabalhar uma dimensão transfiguradora impregnadas nas ações do cotidiano. Assim é papel da literatura, retomar essa transfiguração, oferecendo ao mundo amazônico uma significância de grandes temas resultantes da imaginação simbólica.

¹⁴ Esse termo foi usado por Maffesoli também como “societal”, característica essa que perpassa a simples associação com racional.

A amazônia, por meio do lendário, sempre foi palco para que o imaginário fosse manifesto. Lembramos aqui da epopeia *Cobra Norato* (2008), de Raul Bopp¹⁵, baseada na lenda amazônica da Cobra Grande, que integra elementos da natureza com hábitos do caboclo. A obra é um grande exemplo de um *sfumato*, já que integra o fazer estético poetizante no dia a dia do sujeito amazônico. O transcendentalismo do imaginário já é visível no início de *Cobra Norato*, quando o protagonista se reveste de cobra para enveredar no mundo inóspito amazônico.

Assim como Cobra Norato entrou numa espécie de serpente encantada para vivenciar grandes aventuras na busca da filha da rainha Luzia, nós também precisamos nos apoderar do animal mitológico para desbravar o universo lendário amazônico. Esse pano de fundo *sfumático* está instituído para nos dar plena liberdade de busca.

Alfredo Bosi (2015, p. 143) pontua que *Cobra Norato* apresenta o telúrico, isto é, o poeta faz uma exaltação da natureza e da terra amazônica, explorando elementos da cultura popular e da mitologia indígena. Nesse aspecto, a obra vivifica a imaginação simbólica ao retratar a força e a vitalidade do solo amazônico, evocando imagens poderosas e uma conexão profunda com a natureza.

É essa faculdade do possível que liga o devaneio ao poema, que liga a à poesia. Na realidade amazônica o mundo físico tem seu *sfumatos*, limites fundidos ou confundidos com o suprarreal, daí por que nela homens e deuses caminham juntos pela floresta e juntos navegam sobre os rios. Situam-se no impreciso limite entre aquilo que poderia ser, nesse *sfumato* poetizante que interpreta o real e o imaginário. (Loureiro, 2015, p. 106)

Em consonância com o pensamento de Loureiro, surgiu em minha memória os momentos que singrava os rios no interior do Amazonas. A madrugada contribuía para o momento misterioso. Quando nossa canoa navegava por cima daquelas águas escuras, a sensação era que diversos seres estavam à espreita e iriam vir à tona a qualquer momento. A impressão de que água me olhava, causava em mim, um misto de emoções. Medo da grandeza das águas e que poderiam me tragar para o mundo submerso dos encantados e, ao mesmo tempo, pairava a ideia de que a água que era nossa amiga, pois o corpo e a canoa refletidas nela permitia o encontro com as estrelas. Uma espécie de devaneio imagético que me acompanha até hoje. O

¹⁵ Raul Bopp foi um escritor, poeta e diplomata brasileiro. Um dos precursores do modernismo no Brasil, especialmente na poesia. Ele é mais conhecido por sua obra *Cobra Norato*, publicada em 1931, um poema épico que mistura elementos da cultura popular brasileira com modernismo e surrealismo.

balançar das águas e o reflexo constituíam em mim um campo misto, de imprecisão, mas, de alguma forma, era um modo poetizante com meu olhar contemplativo das águas.

Neste cenário de maravilhamentos, Paes Loureiro conceitua também a poética mistificada do imaginário, em que os mitos e a realidade da amazônia se confluem e se materializam em versos. De forma análoga, “a água nos aparecerá como um ser total: tem um corpo, uma alma, uma voz. Mais que nenhum outro elemento talvez, a água é uma realidade poética completa, sempre há algo mais” (Bachelard, 2008. p. 17).

Percebe-se que o mítico e o poético estetizante sempre tiveram correlações, são produtos da imaginação simbólica. Apresentam verdades aparentes através de um jogo imaginário fabuloso e sobrenatural, que fica em uma zona indistinta, mas que ressurge para edificação de saberes culturais. Diante disso, as lendas embebedam-se de relevância, pois relatam acontecimentos de encantamentos, ofertando insumos para a explicação da cosmogonia, do ato do existir como força motriz possível aliada à natureza, que conceitua o elemento estetizante.

A presença desses fatores, analisados como culturas como a da Amazônia, pode assim revelar o papel imaginário estetizador e poetizante, no conjunto de funções que a constituem e estruturam. Analisando-se a cultura amazônica na busca de encontrar o dominante que a mobiliza, depara-se com um verdadeiro universo povoado de seres, signos, fatos e atitudes que podem indicar múltiplas possibilidades de análise e interpretação. (Loureiro, 2015, p. 89)

O cosmogônico surge ao resgatar pessoas, animais, rios e florestas, vivificando a poética do imaginário estetizante na relação dos homens entre si e a natureza, já que o mundo físico almeja a explicação para tal realidade e isso pode ser exposto por intermédio das lendas. Nesse contexto, de acordo com Câmara Cascudo (2001), os povos originários acreditam na lenda Nadheru, fonte cósmica, que criou Tupã, o protetor celestial. O próprio nome Tupã está associado ao barulho de um trovão (tu-pá,tu-pã,tupanann), tal som estonteante exibe seu poderio e soberania, levando os indígenas a crerem em um encantamento superior.

Outrossim, Charles Maffesoli (1995) deixa explícito que há uma relação do mágico e do estupendo com elementos da natureza que, paulatinamente, podem ganhar o que ele chama de ambiência estética, dando assim um pensamento que pode ser fortalecido pela coletividade ou grupos. E isso fica muito claro no surgimento de Tupã, pois essa cosmogonia dá ao indivíduo uma experiência sensorial ao seu ambiente. Nesse sentido, Paes Loureiro endossa:

Há uma força cósmica imaginária para unir a identidade de homens e deuses. Essa identidade entre deuses e homens faz parte da cultura amazônica, conferindo existência substancial a uma realidade monumental e plástica, que

articula o conjunto de funções, organizando-as sobre o império da dominante estética. (Loureiro, 2015, p. 107)

Pode-se citar também, por exemplo, *A lenda do boto* que, segundo Apolonildo Britto (2007), narra esse ser encantado se transformando em um belo rapaz carismático, atraente, encantador de moças solteiras e casadas, mantendo relações sexuais, gerando, conforme a lenda, crianças reconhecidas como filhas-do-boto, aceitas pela comunidade por conta de se conceber, conforme a crença, que a mulher estava encantada pelo boto no processo de concepção, sendo ela e a criança inocentes da situação. Percebe-se, então, que não existe somente a necessidade de explicar processos naturais mediante lendas e mitos, há os processos culturais dando funções diferentes a elementos da natureza, sendo justificados por crenças míticas sustentadas por questões estetizantes por parte do caboclo e explicações para tal ação.

É possível inferir, por exemplo, que a proteção da floresta em correlação com estetização imaginária se transfigura na *Lenda do Curupira*, pois cuida da floresta, e isso faz com que alguns caçadores temam em cair nas armadilhas do ser que possui dentes verdes e olhos vermelhos. Nesse sentido, de acordo com Abimael Machado (2013), este ser está no mundo inferior, um espírito mau que tem a missão de atormentar pessoas.

Há diversas formas de transfiguração por meio das lendas que o homem amazônida constituiu imbuído pela estética imaginária. Conforme Paes Loureiro (2015), o amor, por meio do mundo imaginário, teve seu surgimento. Segundo os povos originários, esse sentimento está na planta Tambatajá, que brotou em um local que certo Macuxi enterrou sua amada. Assim, diante de diversas situações e contextos, seres e até mesmo um sentimento como o amor, ganha a representação no mundo real, os quais são concebidos por uma força própria de um coletivo, que a cada dia tem tentado resgatar saberes e simbologias incluídas ao vasto mundo amazônico de forma aparente e sensível.

Essas concepções são (re)construídas com as imagens que o indivíduo faz, revelando sua relação através do *sfumato*, unindo o real com o subjetivo, construindo pelos caminhos do imaginário o valor estético na dinamicidade de experiência social e cultural que privilegiam a vida do homem caboclo. Portanto, a sensibilidade ou perspectiva imaginal permite ao homem estar mais atento aos eventos e ações que o circundam, conferindo ao ser humano multiplicidades de formas de vivências, as quais integram aos indivíduos uma religião agregada ao imaginário (Maffesoli, 1995, p. 135).

Dessa forma, as imagens que são reconstruídas atreladas à cultura do homem caboclo, possibilita estetizar e estruturar um universo simbólico de um mundo cheio de peculiaridades.

Ao narrarmos as lendas, não emergimos apenas situações comuns, mas nos deparamos com um espaço pleno de seres, fatos e atitudes que nos enredam para várias possibilidades (Loureiro, 2015, p. 90).

Analisar e interpretar um mundo de pescadores, indígenas, alimentos peculiares, feições de um povo, moradas, rios e demais elementos, reforça uma visão contemplativa em que predomina expressões devaneantes que, por motivações simbólicas, nos aproximam cada vez mais da nossa realidade como moradores dessa região. Ao refazer o contexto lendário, estamos refazendo um caminho de grandes significações que nos humaniza não apenas no mundo concreto, mas aponta também um mundo sobrenatural e sensível. Tentar reinterpretar esse universo é estreitar o laço entre o mundo real e o imaginário, mesmo que seja em um campo aparentemente embaçado.

Portanto, entender a amazônia e suas narrativas é um caminho complexo. De acordo com Lourdes Nazaré (2012, p. 45), é uma busca sem fim tal procura, pois, seu valor polifônico é motivação para leitores e escritores não é delineado de forma física. Produzir uma literatura carregada com diversas vozes, é reinterpretar a existência e analisar como o imaginário pode estar estruturado no nosso ser, e isso é que veremos a seguir.

SEÇÃO III: NARRATIVAS LENDÁRIAS (RE)CONTADAS PELOS ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL CAROLINA PEROLINA RAIMUNDA ALMEIDA

3.1 Imaginação simbólica em análise

Neste capítulo, realiza-se a análise das lendas (re)contadas pelo discentes, a fim de evidenciar, por meio da imaginação simbólica, as representações do imaginário da memória coletiva, embora carregada por certa individualidade. Como já mencionamos, denominamos esse coletivo de arquétipos, que são elementos representados nas práticas culturais, políticas, e ações do dia a dia, ou seja, na concepção de Carl Jung (2016), são representações primordiais do inconsciente coletivo, que forma um modelo básico de comportamento instintivo, embora o coletivo tenha as suas sublimações individuais que se relacionam com o espaço.

Assim, o panorama amazônico é um espaço que pode ser favorável para que o indivíduo torne seus arquétipos muitos mais vívidos por meio da imaginação simbólica e que, perceptivelmente, estão na identidade amazônica, podendo imergir dentro de um devaneio esteitizante.

Reforça-se aqui a pesquisa de campo, sendo um tipo de pesquisa empírica, na qual o pesquisador vai ao ambiente natural, social ou organizacional para observar e coletar dados diretamente. Sendo assim, existe a relevância do espaço e peculiaridades como fenômeno na consciência e na constituição do ser. Nesse caso, a paisagem amazônica, por possuir aspectos marcantes, faz com que vejamos a região submersa em uma dimensão sensível, esteitizante, formando em nós a imaginação simbólica do vivido.

Essa imaginação é um ponto marcante no campo dessa pesquisa, pois apresenta possibilidades de desdobramento de uma paisagem afetiva, enquanto manifestação na consciência que se projeta sobre o mundo, isto é, a relação do imaginário e o ambiente. Nessa premissa, Gaston Bachelard (2018), em seu estudo sobre a fenomenologia do imaginário, observou que há uma relação com o espaço vivido, seja a partir do estudo da imaginação poética, seja por suas próprias lembranças, às quais o estudioso insere-se como experiência íntima, dando ao sujeito plena liberdade poética.

Compreende-se que a liberdade poética na elaboração das lendas é essencial para criar narrativas que cativem e inspirem. Assim, quando se trata de lendas, há espaço para imaginação, criatividade e interpretação pessoal. Em nossa pesquisa, os alunos se apoderaram dessa liberdade, já que o ato poetizante permitiu aos narradores a interpretação de eventos ou

fenômenos, adicionando elementos fictícios, personagens ou reviravoltas dramáticas para enriquecer a história.

Ao contextualizarem a imaginação simbólica junto ao espaço de vivência, puderam também explorar temas universais, como amor, coragem, traição e redenção. A liberdade poética permite que os narradores explorem esses temas de maneiras únicas e pessoais, adicionando nuances e complexidade à narrativa. É perceptível que nesse mundo lendário que os contadores de histórias tornarão mais vívidas e memoráveis as características de arquétipos, podendo desenvolver personalidades complexas, motivações profundas e fenômenos emocionantes atrelados ao uso de metáforas, simbolismo e imagens poéticas, que enriquecerão a narrativa e evocarão emoções profundas.

Esses fatores imagéticos serão ponderados à luz do postulado bachelardiano com a análise das lendas, verificando como os alunos produziram as narrativas com base em experiências locais, cabendo a nós tentarmos compreender as estruturas subjacentes e a maneira como foi explorada a relação entre experiência, imaginação simbólica e conhecimento.

Como já foi mencionado, a população de pesquisa foi uma turma de trinta alunos do 9º ano A do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Carolina Perolina Raimunda Almeida, em Manaus, tendo como amostra de material de análise cinco lendas, pois estas foram observadas como as mais adequadas à temática abordada dentro do imaginário local e atendia ao objetivo investigativo da pesquisa. Tal quantidade foi suficiente para o processo de apreensão e análise do simbólico, já que as lendas, na medida que são sondadas, são divididas e poderão ter olhares diferentes, mostrando que a decifração do estudo se torna um processo contínuo com distintas interpretações à luz de alguns teóricos. Portanto, as narrativas lendárias foram analisadas em consonância com imaginação simbólica, produzidas pelos discentes identificados como alunos Uirapuru, Mutum, Galo-da-Serra, Tucano e Mergulhão. A escolha se deve ao canto e/ou os ofícios de cada pássaro nomeado. Na sabedoria popular, por exemplo, é muito comum dizer que quando o Uirapuru canta, a mata inteira silencia para ouvi-lo. Ainda, nomear os discentes por nomes de pássaros emite um certo encantamento que envolve essa dissertação.

Cada aluno, de forma peculiar, apresentou sua narrativa de acordo com as experiências impressas na memória e na imaginação. Sendo a parte da memória fruto de uma coletividade. A leitura de mundo é uma criação individual, já que as lendas são frutos da imaginação simbólica, pois estão atreladas à memória, e situa o ser humano na recuperação de tradições e ao mesmo tempo descortina um olhar significativo de seu contexto (Halbwachs, 2006, p. 56).

Ao considerarmos o ato de narrar no contexto escolar, demonstramos tal ação como algo significativo, visto que envolve a habilidade de contar histórias, relatar acontecimentos e organizar ideias de forma coerente. A narração é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento da linguagem, do pensamento crítico e da criatividade dos alunos. Nesse viés, contar histórias a partir daquilo que leu e ouviu, alimenta no leitor um contato com a literatura. Abramovich (2018, p. 16) discorre que ouvir e reproduzir histórias faz do indivíduo um leitor apto a ter um caminho pleno de descobertas e disposto a compreender o mundo por meio de narrativas.

A sugestão de produzir lendas associadas ao ambiente amazônico, estimula a imaginação dos alunos. Ao inventarem personagens, cenários e enredos, os alunos exercitam sua criatividade, o que é fundamental para o desenvolvimento intelectual e emocional, tornando um fator essencial para o desenvolvimento da leitura e escrita.

Tornar a leitura e a escrita parte do cotidiano dos alunos, é manter vivo o letramento, unindo-se literatura, que por meio da criatividade e imaginação, apresenta efeitos relevantes na trajetória escolar dos alunos (Abramovich, 2018, p. 18). Assim, as lendas desempenham um papel significativo no letramento, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita e interpretação, bem como à transmissão de valores culturais. Incorporar lendas no processo de letramento literário ajuda os alunos a compreenderem melhor sua própria cultura e a de outras sociedades, além de enriquecer seu imaginário e sua capacidade de crítica.

Para entender, de forma verticalizada, os sentidos que cada lenda narrada pelos alunos da escola já mencionada, é necessário compreender como e de que forma o letramento literário influi na vida escolar do discente.

Nessa perspectiva, Para Rildo Cosson (2018), o conceito de letramento literário está intimamente ligado à ideia de “escolarizar a literatura”, ou seja, integrar a literatura ao ambiente escolar de uma maneira que respeite sua essência e valor humanizador. Isso significa que a literatura não deve ser tratada de forma meramente técnica ou instrumental, como uma disciplina isolada que busca apenas ensinar estéticas e estilos de época, mas sim como uma prática cultural e estética que promove a formação humana.

Em consonância com autor supracitado, ressalta-se a importância de manter o verdadeiro sentido da literatura ao trazê-la para a escola, evitando que ela se transforme em um conteúdo descontextualizado, desconectado da experiência e da reflexão crítica. Para ele, o letramento literário deve estimular o diálogo, a contextualização e a discussão, permitindo que

os alunos se apropriem dos textos de maneira significativa, explorando seus aspectos simbólicos, estéticos e culturais, principalmente aspectos relacionados ao seu ambiente.

Outrossim, as lendas desempenham um papel significativo no letramento literário, pois são narrativas que fazem parte da cultura popular e da tradição oral, com grande potencial para estimular a imaginação, a reflexão crítica e a sensibilidade estética dos alunos. Incorporar lendas ao processo de letramento literário, ajuda a desenvolver o gosto pela leitura, interpretação de textos e contato com diferentes perspectivas culturais.

Nesse contexto, de acordo com Rildo Cosson (2018, p. 18), “é no exercício da leitura ou da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos”. Diante disso, as narrativas lendárias produzidas pelos alunos são uma forma acessível de introduzir os discentes a um universo, no qual gozam de plena liberdade de pensamento. Esse ato de produção dá asas ao pensamento, visto que costumam ter enredos envolventes, com personagens, lugares e acontecimentos que podem prender a atenção dos leitores, estimulando o interesse pela leitura e a exploração de outros gêneros literários. Por meio das lendas, os alunos entram em contato com a estrutura narrativa e seus elementos (como início, meio e fim, conflito e resolução), desenvolvendo a capacidade de compreensão e análise de textos literários, e ao mesmo tempo se conectando a um contexto poetizante.

Nesse mesmo caminho, Lajolo e Zilberman (2004, p. 145), destacam que a produção poética voltada para o público juvenil atrelada ao letramento literário passou por um processo de consolidação e evolução significativa nos últimos anos. Esse desenvolvimento se deu não apenas em termos de quantidade, mas também em relação à diversidade de temas, estilos e formas de abordar temáticas que vêm sendo esquecidas.

No contexto do letramento literário, as lendas oferecem uma rica oportunidade de resgatar costumes que identificam o homem amazônico. Como são narrativas frequentemente carregadas de elementos simbólicos, permitem diferentes camadas de interpretação, e os alunos podem ser incentivados a compreender os significados mais profundos, os valores morais transmitidos e as diferentes formas de representação cultural. Ao recontarem lendas ou criarem suas próprias versões, os alunos praticam a produção textual, desenvolvendo a criatividade de suas narrativas, o que é uma habilidade central no letramento literário. Nesse caminho, como exemplificação do desenvolvimento da seção III, segue a lenda produzida pelo aluno Uirapuru e, na sequência, a análise.

3.2 Acairu, mãe das entidades¹⁶ (de autoria do discente Uirapuru)

A lenda conta que em uma tribo morava Tomiyo, com um corpo lindo, cabelos grandes. Com apenas 15 anos, seu pai Yorichi, que era o líder da tribo, precisava casar Tomiyo urgentemente. Yorichi era velho, e sabia que não tinha muito tempo de vida.

Ela não queria se casar, pois tinha um romance secreto. Toda noite, à luz do luar, se encontrava com Kauá, o seu 'amante'. Ele jurava fugir e casar com ela.

Certo dia, seu pai apresentou a Tomiyo o pretendente, Hui. Uma pessoa linda e bondosa, mas a menina estava cegamente apaixonada por Kauá. Contudo, o líder insistia para que ela ficasse com Hui. Isso lhe chateava, até que, certa vez, foi correndo encontrar Kauá. Chegando lá, viu seu amado com outra mulher. Gritou, batendo no amante, mas ele reagiu espancando-a muito e fugiu na sequência. Ao chegar de rosto inchado na tribo, explica ao pai que tinha visto um índio de outra tribo 'roubando' as coisas e foi enfrentá-lo.

Na tribo, havia uma anciã, e descobriu que Tomiyo carregava uma praga dos deuses no corpo. Suspeitando que ela estava grávida, casou-a com Hui, mas o marido era rude.

A barriga cresceu, e o esposo suspeitava que o filho não era dele. Hui contou ao sogro que a filha carregava um bebê que não era dele. O pai a mandou embora antes que ele a matasse.

Tomiyo saiu correndo em meio as matas, seguindo apenas uma única direção. Os céus se fecharam e a chuva logo veio e o tempo foi passando. Tomiyo começou a sobreviver de frutas e banho de rio, assim chegou aos seus 9 meses de gravidez.

Enquanto Tomiyo estava tomando banho, sentiu uma dor no pé da barriga. Ela sabia que havia chegado a hora e logo entrou em trabalho de parto. Tomiyo sofreu no parto, a criança não queria sair.

O bebê nasceu, mas ele morreu pela demora do nascimento, porém veio uma chuva forte e provocou uma enchente que arrastou seu corpo para o rio Marangatu. Aquele rio era sagrado, os deuses que moravam no rio, comovidos, resolveram trazê-la à vida novamente. Tomiyo acordou com cabelo brancos como a neve, a sua pele tinha marcas como se fossem tatuagem pelo corpo, seus olhos eram vermelhos como fogo, O dom que os deuses a presentou era de protetora da mata. Ela tinha o poder de criar outras entidades para proteger as matas.

¹⁶ A preferência pelo itálico na formatação das lendas deve-se a uma escolha na formatação para diferenciá-las do restante do texto. Portanto, apenas prezando um aspecto visual. Todas as lendas estão grafadas em itálico.

Tomiyo ganhou o nome de Acairu, a mãe das entidades. Ela vive nas profundezas do rio. Dizem que quando chove forte na mata, é o choro dela lembrando da perda do filho, da traição de Kauá e do abandono do pai.

A narrativa mencionada, contada pelo discente Uirapuru, apresenta logo no primeiro trecho a seguinte afirmação: *A lenda conta que em uma tribo morava Tomiyo, com um corpo lindo, rosto sensual e cabelos grandes.* Conforme pensamento de Paes Loureiro (2015, p. 264), o erotismo é algo muito peculiar nas lendas, pois a beleza corporal é um imaginário sensual, em que o cabelo pelo seu tamanho representa a imponência da atração, assim como o corpo lindo, que, em uma visão dionisíaca, simbolicamente, causa um impulso de prazer, em que os homens se embebedam e não resistem aos seus mistérios. Contudo, evidencia também uma predileção pela força masculina. Aquele que pode controlar o amor, deixando a mulher em segundo plano.

Na sequência é relatado: *Ela não queria se casar, pois tinha um romance secreto. Toda noite, à luz do luar, se encontrava com Kauá, o seu 'amante'. Ele jurava fugir e casar com ela.* Nesse trecho, é possível invocar Jean Chevalier (2008) quando destaca que é comumente a imagem da Lua participar de um cenário de amor, mesmo recebendo a luz do sol, ela tem suas fases, que apontam para uma transformação no universo feminino, alcançando assim sua plena liberdade em se transformar e se renovar. Quando Tomiyo está com seu amor proibido, sente-se livre naquele clima lunar, pois esse cenário a transforma em mulher, ao passo também que esta luz poderia ofuscar sua visão, já que vive um amor proibido. Não consegue perceber que Kauá não a ama, já que tem outra mulher, conforme veremos no decorrer da narrativa. Consoante as crenças tradicionais, a lua pode interferir no comportamento das pessoas, como ocorreu com Tomiyo.

Nesse contexto, Gaston Bachelard (2019) pondera que as imagens, ao se transformarem em palavras, promovem vida ao mundo literário. O pensamento exprimindo a palavra, dependendo da sua atuação, ganha transformação, enriquecendo a língua. O ser metamorfoseia em palavra, pois ela é a concretização do psiquismo do homem.

No trecho a seguir, a narração apresenta a expulsão de Tomiyo de sua tribo porque estava grávida, encontrando na floresta o refúgio: *saiu correndo em meio as matas, seguindo apenas uma direção só, os céus se fecharam e a chuva logo veio, o tempo foi passando, Tomiyo começou a sobreviver de frutas e banho de rio, assim chegou aos seus 9 meses.* Assim, Tomiyo entrelaça à floresta, pois ali é seu universo, perpassa o microcosmo da tribo. A chuva, frutas e

rios são elementos fundamentais para sua sobrevivência, pois a natureza é a mãe que acolhe, diferente do pai. O morador da floresta, ao contemplar diariamente a floresta com sua abundância de víveres, cria vínculo familiar, uma densidade emocional intensa, na qual chamamos intelecto-emotiva, pois tem conhecimento de seus atributos e, ao mesmo tempo, sensibiliza-se com o cenário verde.

O homem amazônico ao se deparar com este cenário, cria uma forma de contemplação esteitizante, recriando imagem desse ambiente, como narrado na lenda *Acairu, a mãe das entidades*, sua mãe protetora, limite de um ambiente rico em sobrevivência e, ao mesmo tempo, agregando a ele o ato protetivo. Esse *sfumato* pode ser conceituado de trajeto antropológico, ideia concebida por Gilbert Durand, ao endossar a troca existente na imaginação simbólica, ou seja, a permuta de suas pulsões subjetivas, nesse caso, o elemento de proteção com seu meio cósmico e social (Durand, 1995).

O rio é o ponto mais misterioso do mundo amazônico. Liga o indivíduo a outros mundos. Podemos dizer que é nele que os mitos habitam, ressurgem e se transformam, conforme o trecho a seguir da lenda: *Aquele rio era sagrado, os deuses que moravam no rio, comovidos, resolveram trazê-la à vida novamente. Tomiyo acordou com cabelo brancos como a neve, a sua pele tinha marcas como se fossem tatuagem pelo corpo, seus olhos eram vermelhos como fogo, O dom que os deuses a apresentou era de protetora da mata. Ela tinha o poder de criar outras entidades para proteger as matas. Tomiyo ganhou o nome de Acairu, a mãe das entidades. Ela vive nas profundezas do rio. Dizem que quando chove forte na mata, é o choro dela lembrando da perda do filho, da traição de Kauá e do abandono do pai.*

Inicialmente, em *Acairu, a mãe das entidades*, notamos que o termo *sagrado* nos remete à premissa de poder e soberania envolvido ao miraculoso, como percebemos quando Tomiyo volta à vida ou torna à vida, pois o ato de tornar-se relígia a ação emersiva do rio, afinal, desse lugar emerge vidas, que dão ao indivíduo formas de sobrevivência. Nesse sentido, Gaston Bachelard (2018) aponta que o rio é a parte mais vital na narração. O corpo de Tomiyo é feito de água. Há nele elementos que se interpenetram e transfundem em um *sfumato* de planos reais e imaginários.

A figura do *sfumato* mais real que notamos é o encontro do Rio Negro com o Solimões, como já mencionado nessa pesquisa. Águas amareladas se fundem na água escura de outro, porém entre os rios existe uma faixa intersecção indefinida, misturando de forma difusa duas realidades, onde não podemos delimitar, mas temos uma atitude imaginante a esses elementos

quando aplicados a uma ação criadora de mitos, frutos da nossa imaginação simbólica (Loureiro, 2015, p. 96).

Assim, o rio é fruto de encontros que muitas vezes se torna indefinível no mundo real, mas ganha vida em um universo criativo da arte literária. Na lenda, o rio dá vida a nossa protagonista, simbolizando um elemento sagrado e magnífico, uma entidade que se mostra viva. Percebe-se então, a importância do rio em promover a dinâmica no final da lenda, evidenciando para o homem amazônico a vida e a sobrevivência. Por esse caminho aquático mágico deslizaram conquistadores, sonhadores, aventureiros para desbravarem a região, mas no fundo sempre temendo seu poder e sua opulência. É, simbolicamente, a ligação de mundos que guarda mistérios, que religam o homem a um universo imaginário dentro de um *sfumato*, pois no fundo, o rio é um corpo que observa a vida humana e abarca até os céus, enquanto a nossa contemplação ainda é ínfima diante dos inúmeros mistérios que ele apresenta.

É constatado que a produção da lenda pelo discente resgata a memória dos rios e dos lugares por onde certamente a discente vivenciou, já que, segundo ele, no período de férias, vai para a casa dos avós que moram no interior de Manacapuru, município do estado do Amazonas. Assim relata: *Quando escrevi a lenda, lembrei da casa dos meus avós, do rio que é grande, que passa em frente da casa, a casa também é cercada de mata, que às vezes dá medo de entrar nessa mata porque posso me perder de tão grande que é” (sic).*

A narrativa então ganha corpo devido à conexão com o lugar, suscitando na lenda produzida a força representativa da região, o que chamamos de *ethos cultural*¹⁷. Ao se unir às características da região às ações peculiares do ribeirinho, a aluna imprimiu na imaginação simbólica uma forma simplória de obter respostas para determinados fenômenos. Dentro de uma realidade intelectual são complexas e inexplicáveis, porém são ricas para resgates de saberes. Assim como postula que o rio e a floresta são vastos, pode-se notar nessa grandeza, mistérios e elementos simbólicos presentes em tais cenários.

Ao narrar ações míticas eivadas de magias e crenças, mantêm-se vivas entre nós, histórias que outrora eram passadas oralmente e que, com a força da imaginação simbólica, trazem à tona, com o passar dos tempos, valorosas narrativas.

Portanto, o discente Uirapuru, ao elaborar a narrativa, colaborou também com o campo literário, fazendo do lendário um arsenal de metáforas poéticas, estetizando o panorama

¹⁷ De acordo com Dicionário de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, editado sob a coordenação de Benedito Silva, *Ethos cultural* é a relação do lugar e seus costumes, e passou a designar uma espécie de síntese dos costumes de um povo. A natureza de tal síntese depende dos objetivos e das categorias do observador.

amazônico em um campo vasto para a literatura. Em *A Poética do Mito*, Eleazar Mielietinsky (1987, p. 329) afirma que a literatura não existe sem o imaginário poético, e que a metaforicidade lendária, ao ser rememorada, re(descobre) forças fantásticas que com a hibridez do imaginário apontam para uma universalidade e atemporalidade que não esgotam no mundo da literatura.

3.3 A sereia dos mares (de autoria do aluno Mutum)

Um certo dia, piratas que navegavam pelo mar à noite. Estava tudo escuro e só tinham uma luz para saber por onde andavam. Estava tão escuro que, em certo momento, eles se perderam, tanto que cansaram e decidiram ficar por lá mesmo até o amanhecer.

Não demorou muito, eles ouviram barulhos estranhos e assustadores, até que esses barulhos passaram. Então, de repente, uma moça muito bonita pediu ajuda em cima de uma rocha. Os piratas perceberam que a moça era bonita demais e decidiram ajudá-la. Disseram para a moça que iam ajudá-la e que iriam levá-la para onde ela quisesse, aproximando-se com o barco, enquanto outro pirata se aproximava para pegar a mão dela.

De repente o homem caiu e não se sabe o que aconteceu, enquanto os outros piratas estavam sentados à espera, perceberam que o pirata não tinha retornado. Logo, eles sentiram um balanço no barco e tentaram sair de lá, até a moça subiu e pediu ajuda dizendo que se afogou e os piratas mesmo assim ajudaram. Ela ficou com eles, enquanto todos dormiam, ela começou a morder o pescoço de um pirata. Outro acordou, viu a cena e gritou. Todos se assustaram e queriam mata- lá. Então, ela derrubou todos com algo que tinha na mão. Eles não sabiam qual era a arma dela. Na sequência, pulou no mar e todos viram uma calda se formando no lugar das pernas e, assim, "ela" derrubou o barco.

No dia seguinte, o barco amanheceu perto de uma cidade pequena, e moradores ao chegarem perto perceberam sangue e homens no rio, sem nenhuma possibilidade de vida, com os pescoços marcados de mordidas. Até hoje dizem que aquelas mordidas foram feitas por algo maligno ou animalesco, parecido com uma sereia que alguns moradores dizem já ter visto perto da cidade andando e encantando com a sua beleza e fazendo homens perderem a vida.

Tendo em mente a imaginação simbólica, o trecho a seguir: *Um certo dia, piratas que navegavam pelo mar à noite. Estava tudo escuro e só tinham uma luz para saber por onde andavam. Estava tão escuro que, em certo momento, eles se perderam, tanto que cansaram e decidiram ficar por lá mesmo até o amanhecer*, é uma narrativa híbrida com elementos externos

à Amazônia, como por exemplo, a sereia e os piratas, mas se aproxima das lendas amazônicas ao pensar na água do rio, na mãe d'água, no barco. De acordo com Durand, o barco simboliza um elemento protetivo para quem está em busca de algo, sendo a busca uma travessia. O aluno Mutum já utilizou o barco como meio de transporte e a narrativa é da mãe d'água é contada nos beiradões amazônicos.

O espelho menor do barco é a canoa, que também tem esse formato de proteção. Abimael Machado (2013) enfatiza destaca que esse meio de transporte aquático é uma espécie de acolhimento pelo seu formato de concha, como uma mãe carrega os filhos nos braços. De forma análoga, os piratas podem representar alguém que é estranho à comunidade ribeirinha e, por isso, foi atacada pela sereia. Um indivíduo da amazônia não cairia no truque das serias, pois conhece bem os perigos dos beiradões. Assim como Odisseu, no retorno ao reino de Ítaca, após vencer a Guerra de Tróia, que soube driblar o canto divino das serias, o indivíduo ribeirinho conhece os encantos e os remédios dos livramentos das armadilhas, diferentemente dos piratas. Portanto, a canoa aponta para o acolhimento, assim como Moisés sobreviveu a fúria e intempéries do rio Nilo, o caboclo em sua canoa, ao singrar os rios, busca a sua sobrevivência, mas sente-se acolhido pelo transporte que o conduz em inúmeras jornadas diárias. A canoa ou o barco é uma fonte inesgotável de transmissão e de leituras das lendas pela amazônia.

Na produção do discente, o barco está navegando durante à noite, mas há, ainda assim, uma pequena luz que acompanha os piratas. Gilbert Durand, frequentemente, explorava a ideia de dualidades e polaridades na mente humana e na cultura. Assim, a noite é um símbolo da escuridão e do inconsciente, em contraste com o dia, que representa a consciência e a luz. Nesse sentido, a noite pode ser vista como um período de sonhos, mistério e potencialidades ocultas, afinal de contas no barco havia pouca luz para uma amplitude de escuridão.

Cacio Ferreira, em *Fábulas da terra falada*, esclarece-nos que a luz é a sabedoria e pode representar uma força vital, já que na ausência dela surge a escuridão, o desconhecido. Quando os piratas usam a pequena luz para enxergar o lugar em andavam, evocam dentro de um campo simbólico o saber diante de uma adversidade, o qual está sendo representado pela noite. Contudo, a escuridão é maior do que o saber momentâneo, e os devora. Chevalier corrobora com a mesma premissa quando destaca que a luz é o símbolo amplo, que pode ser a fonte de saber.

Na visão de produção do aluno Mutum, o período noturno era o momento de busca, pois presenciou diversas vezes o avô sair para pescar ou caçar algo. O caboclo vê na escuridão da noite a sobrevivência, desbravando o rio, porém conhece bem os entraves e os perigos. Além

disso, conhece as encantarias. Notabilizamos o ato de desbravar as águas no ícone “pirata”, que remete a ideia de explorador, mesmo que venha quebrar qualquer regra que o impeça de avançar. Euclides da Cunha, no prefácio da obra *Inferno Verde*, de Alberto Rangel, pondera a ideia de que o homem amazônico é um intruso impertinente, que almejou entrar em um lugar onde não foi chamado e nem tampouco esperado, talvez esta seja a melhor maneira de classificar de forma simbólica os piratas citados na lenda do discente. Assim, na narrativa lendária, em um processo imaginário, o narrador enxerga a amazônia como vítima da exploração humana.

Ainda, conforme Gondim (2019), as águas sempre fizeram parte do imaginário dos exploradores, já que representa a vida e milagres, podendo ser vista como um palco sagrado. Notamos assim, no campo de produção da lenda, movido pela imaginação simbólica, um explorador desmedido (pirata), dentro de barcos (a força), vencendo as intempéries da vida (noite), mas que necessita de astúcia (luz) para encontrar a sobrevivência no vasto mundo de águas.

Por outro viés, na lenda, os piratas, mesmo com luz; tal claridade não foi suficiente para que eles encontrassem o caminho de volta, ou seja, no imaginário criativo do narrador, a noite os venceu, foram devorados pela escuridão, sendo um elemento vasto nos encantos amazônicos.

Enquanto o dia para Durand (2023) simboliza a luta, o noturno como uma representação de uma descida ou entrega, ou seja, não há um espírito de resistência, já que a luz não foi suficiente para iluminar o percurso dos piratas, por isso resolveram ficar à mercê da noite, ao envolver da escuridão, como forma de espera, mesmo correndo riscos diante do misterioso. Durand associa a esse simbolismo os sentimentos de abatimento, angústia e medo: “símbolo de um temor fundamental do risco natural, acompanhado de um sentimento de culpabilidade, entrega ao pecado, revolta e julgamento” (Durand, 2003, p. 91).

Podemos perceber também que a entrega do sujeito ao noturno pode representar, mesmo diante dos desafios e panorama sombrio, uma forma de entrega para um descanso e renovação. Enquanto o mundo dorme, os corpos se recuperam e os sonhos podem desempenhar um papel na resolução de problemas (Bachelard, 2018, p. 165).

Na lenda, os piratas aguardaram até o amanhecer, talvez tenham usado à noite para uma descida ou entrega de descanso, ação que é comum na vida do ribeirinho. Caso permaneça acordado, é devida a luta a essa noite para sobreviver, não conseguindo entregar-se a ela para um descanso. Tais ações apontam para simbolismos que estão no subconsciente do sujeito amazônico e se manifestam também no ato de narrar, conforme o trecho da lenda a seguir: *Não*

demorou muito, eles ouviram barulhos estranhos e assustadores, até que esses barulhos passaram. Então, de repente, uma moça muito bonita pediu ajuda em cima de uma rocha. Os piratas perceberam que a moça era bonita demais e decidiram ajudá-la. Disseram para a moça que iam ajudá-la e que iriam levá-la para onde ela quisesse, aproximando-se com o barco, enquanto outro pirata se aproximava para pegar a mão dela.

No fragmento mencionado, é possível perceber o papel imaginário da moça que surge sobre a pedra, e a forma como atrai os piratas e como eles a recepcionaram. A mulher e o mundo das águas sempre fizeram parte da mente dos exploradores. Os europeus, conforme aponta Gondin, acreditavam que no mar poderiam encontrar uma espécie de mulher que se constrói em dois mundos, pode trazer segurança e ao mesmo tempo o temor, eis motivo pela qual está assentada na rocha.

A construção da narrativa do discente envolve dois mundos, já que na visão de Chevalier (2008), a mulher do mar é uma criatura mítica que tem sido parte do imaginário humano por séculos, representando diferentes conceitos e significados em várias culturas ao redor do mundo. E nesse caso, como já mencionado, as mulheres são chamadas de sereia, que, diversas muitas vezes combinam elementos de dois mundos - a terra e o mar.

As sereias, nas tradições mitológicas ocidentais, são frequentemente associadas ao mar e à água. Elas são criaturas místicas que têm a parte superior do corpo similar à de uma mulher e a parte inferior do corpo como a de um peixe. Esta dualidade entre o humano e o animal, muitas vezes, expressa significados simbólicos ricos. Essa dualidade pode representar conflitos internos ou a união de opostos, como o equilíbrio entre a razão e a emoção, o consciente e o inconsciente.

Na imaginação simbólica do contexto amazônico, o caboclo metamorfoseia a mulher na famosa *mãe d'água*, personagem de diversas narrativas, como podemos perceber aqui, já que essa figura faz parte do imaginário amazônico. O caboclo sempre tentou a união de seu mundo com o mundo mítico da *mãe d'água*, que está nas profundezas dos rios.

Essa relação só acontece devido à atração que os piratas têm pela sereia, pois são frequentemente retratadas como seres sedutores, capazes de atrair marinheiros para as profundezas do mar com sua beleza e seu canto. Nesse contexto, elas “podem simbolizar desejos sexuais reprimidos, tentações perigosas ou a sedução do desconhecido” (Chevalier, 2008, p. 354). Nesse sentido, em consonância com Loureiro (2015), o caboclo de forma inconsciente retoma os elementos que sempre estiveram presentes no imaginário, envolvidos por

uma densa mitologia relacionando o homem com a natureza. Assim, é evidente experiência do aluno Mutum com os aspectos simbólicos da região.

A relação do homem da Amazônia, do caboclo, é uma relação diretamente sensível. Não é uma relação memorialista de histórias contadas em um tempo passado. Suas histórias mesmo envolvendo elementos míticos, são histórias presentificadas. Elas estão ali. Seu inconsciente é um inconsciente presentificado. O caboclo não conta histórias vividas em um mundo distante, ele conta histórias convividas ou que poderão ser vividas ou reinterpretadas. (Loureiro, 2015, p. 259)

Nesse viés, o nosso aluno narrador, coloca a mulher das águas em processo interpretativo em sua imaginação simbólica, sem perder o estigma do modelo que perdura de forma milenar, associando-a atributos de encantamentos e sedução, pois apesar de apresentar a estranheza, as sereias dos rios também são frequentemente vistas como seres de grande beleza e graça. Elas podem representar a beleza e a harmonia da natureza, assim como a força e imprevisibilidade.

No fragmento a seguir, percebe-se como a imaginação simbólica do narrador B se apropria dos encantados dos rios, imprimindo nesses um viés aviltante, carregado de estranheza e encantaria: *De repente o homem caiu e não se sabe o que aconteceu, enquanto os outros piratas estavam sentados à espera, perceberam que o pirata não tinha retornado. Logo, eles sentiram um balanço no barco e tentaram sair de lá, até a moça subiu e pediu ajuda dizendo que se afogou e os piratas mesmo assim ajudaram. Ela ficou com eles, enquanto todos dormiam, ela começou a morder o pescoço de um pirata. Outro acordou, viu a cena e gritou. Todos se assustaram e queriam mata- lá. Então, ela derrubou todos com algo que tinha na mão. Eles não sabiam qual era a arma dela. Na sequência, pulou no mar e todos viram uma calda se formando no lugar das pernas e, assim, "ela" derrubou o barco.*

Loureiro (2015) considera que a Iara, a mãe dos rios, é um modelo de convergência cultural mítica da Amazônia, onde podemos unir Iara, Sereia, Ondina, Mãe d'água e Iemanjá. Uma síntese que formou da união de várias mulheres do campo mítico. Sendo assim, não podemos esperar apenas um ser encantador disposto a espalhar graça e bondade, mas um ser dual que pode trazer presságios. Diante disso, a Iara, por exemplo, pode encaminhar para um campo simbólico de presságios de morte e desastre, associadas a naufrágios e afogamentos. Isso reflete o aspecto perigoso e desconhecido do mar, bem como a vulnerabilidade dos seres humanos diante das forças da natureza.

Assim como em algumas narrativas, a Iara pode ser vista como um ser dócil, carregada de beleza, mas também pode ser apresentada como um ser danoso, como percebemos na

narrativa produzida, pois aqui ela faz o homem cair do barco e o balança para evidenciar o poder das águas que possui. Contudo, é importante destacar que a maldade ocorre com alguém que invade e destrói o antropoceno, ou seja, a casa do ente sobrenatural.

Krüger (2011), na obra *Amazônia: Mito e Literatura*, denomina o comportamento da sereia de anti-herói, já que na visão dos piratas poderia ser o auxílio de retorno para a casa. Segundo o autor, ao analisar uma lenda do povo Dessana, os indígenas mostram que determinados heróis podem se tornar seres que dificultam nossa vida. Esse processo de caracterização, denomina-se “Trickster”¹⁸, personagem que causa desequilíbrio na sua personalidade, na narrativa, a sereia parecia disposta a ajudar os piratas, porém o comportamento foi substituído por um ser que passou a atacá-los.

Em termos junguianos, diríamos que por detrás da Persona, máscara social, formou-se a sombra da ameaça à coletividade, sendo ambos arquétipos que existem em indivíduos e podem ser reproduzidos e multiplicados por uma comunidade. Esse contexto é reinterpretado pelo aluno narrador B, pondo em evidência a imaginação simbólica, quando mostra o lado antagônico da sereia dos rios, que fascina homens para uma destruição iniciada por encantamento, ocorrendo uma espécie de *mostration*¹⁹. Loureiro (2015,p.266) compara essa ação com o processo do cinema conhecido por *fade out*, a imagem vai surgindo na tela, vindo das sombras ou de uma origem enigmática até tornar-se nítida, mostrando o que realmente é. “É como se a imagem viesse de uma outra realidade interior ou mais profunda, para a superfície do real” (Loureiro, 2015, p. 266).

E é nessa realidade, no plano similar ao *fade out*, que a sereia surgiu na mente de nosso narrador, um rosto que brotou de um grande *sfumato* do rio imaginário, que ao atrair os homens, mostrou a verdadeira intenção, de um ser monstruoso e sanguinário em defesa do espaço em que estava inserida, como aponta o trecho final da lenda: *No dia seguinte, o barco amanheceu perto de uma cidade pequena, e moradores ao chegarem perto perceberam sangue e homens no rio, sem nenhuma possibilidade de vida, com os pescoços marcados de mordidas. Até hoje dizem que aquelas mordidas foram feitas por algo maligno ou animalesco, parecido com uma*

¹⁸ Segundo Jung, O termo ‘Trickster’ refere-se a um arquétipo de personagem encontrado em diversas culturas e mitologias, que é conhecido por sua natureza enganadora, astúcia e travessuras. O Trickster muitas vezes desafia as normas sociais e provoca mudanças e transformações através de suas ações.

¹⁹ Conceito cunhado por Roland Barthes expressando que, por trás de uma fascinação feminina, emerge uma força atrativa e insistente, os quais têm um poder dominante, até mostrar o que realmente é, e qual é seu propósito, em que, na maioria das vezes, encaminha para sanções drásticas.

sereia que alguns moradores dizem já ter visto perto da cidade andando e encantando com a sua beleza e fazendo homens perderem a vida.

Portanto, o belo rosto e o plano ambiental noturno, remete a uma imaginação simbólica de prazer, originado de um campo persuasivo carregado de intenções. Os atos de ajuda do ser encantado, na visão do caboclo, representa um ser auxiliador dos rios, mas também como uma musa que atrai para um certo fim. É importante atentarmos que, no momento que o aluno apresenta a sereia, o seu campo imaginário exhibe um ser híbrido, ou seja, uma mulher transfigurada em peixe. Talvez, a cauda seria a presença do sobrenatural, marca de um ser encantador que habita os rios. Porém, é importante frisar, que o encantamento está atrelado ao rosto, ou seja, a visão esteitizante do narrador lendário, mesmo dando uma cauda ao seu personagem, ele dar ao rosto o maior destaque no jogo de sedução.

Loureiro (2015, p. 267) endossa que as mulheres dos rios, no diagético do imaginário, são comparadas ao espelho, que, ao contemplá-las, podemos ver o nosso próprio rosto. No caso da lenda, a imagem de nossa própria quimera obstinada a nos levar para profundezas de um mundo eterno e encantador universo, o mundo mítico, postulado por Durand como o regime noturno que aponta para entrega ou aceitação diante da morte.

3.4 Aramebá (autoria do aluno Galo-da-Serra)

Na lenda *Aramebá* a seguir, apresentaremos como ponto principal a imaginação simbólica que envolve a árvore e seus atributos, ao ponto de evocar no campo do imaginário encantarias carregadas de mistérios e conhecimentos.

Há muitos séculos, na densa floresta amazônica, existia uma árvore majestosa conhecida como Aramebá. Esta árvore era única em sua essência, com folhas douradas que reluziam ao luar.

Dizia-se que quem a encontrasse, seria agraciado com sorte e sabedoria infinitas. Porém, a lenda também alertava sobre a maldição da avareza: qualquer um que tentasse arrancar suas folhas seria amaldiçoado e condenado a vagar eternamente pela floresta.

Um aventureiro destemido, chamado Miguel, ouviu falar da história e partiu em busca da árvore mítica. Após dias de busca árdua, ele finalmente avistou a Aramebá. Encantado, decidiu colher algumas folhas para levar consigo.

No entanto, ao tocar na árvore, um estrondo ecoou pela floresta, e Miguel foi envolto por uma névoa misteriosa. A Aramebá desapareceu diante de seus olhos e ele se viu preso em

um ciclo sem fim, condenado a vagar pela floresta, buscando incessantemente a árvore que nunca mais encontraria.

A lenda da Aramebá perdura até hoje, alertando os aventureiros sobre os perigos da ganância e da busca desenfreada por tesouros misteriosos escondidos na vastidão da Amazônia.

Aramebá é uma lenda que rebate a ideia de progresso apregoada pela colonização. O devanear pela floresta é o castigo pela falta de respeito à natureza e sua encantarias, conforme enfatiza o trecho a seguir: *Há muitos séculos, na densa floresta amazônica, existia uma árvore majestosa conhecida como Aramebá. Esta árvore era única em sua essência, com folhas douradas que reluziam ao luar. Dizia-se que quem a encontrasse, seria agraciado com sorte e sabedoria infinitas. Porém, a lenda também alertava sobre a maldição da avareza: qualquer um que tentasse arrancar suas folhas seria amaldiçoado e condenado a vagar eternamente pela floresta.*

As árvores, efetivamente em algumas culturas, sempre foram elementos simbólicos voltados para o campo do sagrado. Na cultura cristã, por exemplo, uma árvore peculiar foi posta no paraíso para que o homem trabalhasse sua capacidade de escolha, que sancionava uma questão de vida ou morte, caso esta fosse violada. Nesse sentido, Mircea Eliade (2019b) endossa que os símbolos vegetais estão presentes em algumas religiões ou crenças do mundo inteiro, ou até mesmo na arte popular. Pode ser notada assim como fonte de vida ou regeneração, dando a ideia de que a vida é um ponto do inesgotável, que podemos chamar de imortalidade.

A vegetação amazônica é ampla, quando a contemplamos, podemos ver a imponentia dela por meio das árvores que temos. Essa flora nos dá ideia de que a vida parece inesgotável quando as árvores estão entre nós. Tirá-las de nosso meio nos remete, simbolicamente, à ideia de um lugar sem vida.

Quando o nosso narrador Galo-da-Serra apresenta a árvore como majestade e com uma essência especial, no campo de imaginação simbólica, atribui a esse elemento a vida presente em um terreno sagrado. Para Eliade (2019b, p. 215), representa “quer de maneira ritual ou concreta, de modo mítico ou cosmológico, uma ideologia de um cosmos-vivo, podendo se regenerar incessantemente, caminhando para a premissa de que a vida se renova, passando ser vista como a “árvore-vida”.

Na narrativa, a árvore é revelada como um ser divino que está em comunhão com o universo, destaca que as folhas estão reluzindo ao luar, apresentando a conexão com o astro noturno. Diante desse processo imagético, as árvores, na Amazônia, têm uma importância

profunda e multifacetada, integrada à cultura, crenças e modo de vida. Elas são doadoras de vida, pois fornecem uma variedade de recursos essenciais para a subsistência dos ribeirinhos, incluindo frutas, nozes, raízes e folhas que são consumidas como alimento, além de madeira para construção de moradias e embarcações, fibras para artesanato e medicamentos tradicionais.

Segundo Anervina Souza (2020, p. 62), ao aplicar o ato recreativo das lendas em sala de aula, alguns estudantes reescreveram a Lenda do guaraná, remetendo aqui, ao imaginário de uma planta que se regenera, provinda de uma pessoa, mostrando a relação do homem e as plantas no processo de renovação da vida. Dessa maneira, o sagrado na criação do aluno narrador aponta também para tal questão: os frondosos vegetais que são considerados entidades vivas e espirituais, muitas vezes vistas como guardiãs da floresta e símbolos de conexão com o mundo espiritual. Os ribeirinhos acreditam que as árvores têm alma e que se comunicam entre si e com os indivíduos.

Quando o discente elaborou a lenda, destacou que o lugar onde mora existe uma enorme castanheira. Ao olhar para aquela imponente árvore, consegue ver por detrás de seu troco e folhas um a espécie de poder, ao que transcende o concreto. De acordo com Bachelard (2019, p. 193), o mundo é um grande alambique, pois, ao analisarmos um objeto, podemos beber várias vezes na mesma fonte.

Em certo momento da narrativa do aluno, a árvore apresenta uma ideia positiva, tal como sorte para quem não tem avareza, ou seja, o ser que se aproxima dela deve se apoderar daquilo que é seu limite, pois furtar as folhas da árvore seria arrancar algo que não é proposto àquele que a encontrar.

O pecado apresentado aqui é a avareza, ou seja, o desejo excessivo pela riqueza, em que não basta contar com atributo da sorte, mas possuir a mais, fora da alçada daquilo que a floresta concede. Geralmente, uma ideia pertinente do colonizador. Além de ser fonte de alimento, as espécies arbóreas servem como *habitat* para uma variedade de animais, proporcionando um equilíbrio ecológico que sustenta a vida na floresta. Isso deveria ser visto como um grande atributo de sorte por tê-las por perto.

Mas como está na narrativa, o homem precisa *arrancar* a folha. Ao usar esse verbo na lenda, de forma simbólica, apresenta-se um ato cruel e desmedido por parte de quem enxerga apenas fonte de riqueza nas árvores e quer se apoderar de forma selvagem. Dessa maneira, segundo Gondim (2019) o explorador inventou uma amazônia, que em seu imaginário representava um paraíso que precisa ser explorado, justificados pelos mitos. Os europeus eram

fortalecidos com ideias de encontrar um paraíso ou um inferno, uma fonte de vida ou monstruosidade.

Assim, na lenda *Aramebá* percebemos a imaginação simbólica que foi emergida pelo contador, uma árvore que está dentro de uma dualidade, misturando elementos e sensações. Neide Gondim novamente postula, ao analisar as crônicas dos viajantes, que a Amazônia foi inventada nesse imaginário dual. “Os séculos podem variar e os cronistas serem originários das mais diferentes nacionalidades, no entanto, diante do rio e da mata amazônicas, quase genericamente, nenhum se isentou de externalizar sentimentos que variavam do primitivismo pré-edênico ao infernismo primordial” (Gondim, 2019, p. 77).

De acordo com Krüger (2011), essa imaginação simbólica que já era retrata pelo cronista e padre espanhol Gaspar Carvajal, ainda não terminou, embora ainda com pouca intensidade, pode ser notada quando retratamos em nossas histórias, uma amazônia que sempre foi vítima de desordem por parte de quem a explora, buscando ainda hoje seu elemento mais vivo de riqueza, as árvores.

Relacionando, ainda, com a lenda C, Paes Loureiro (2015) destaca que o ribeirinho usa o imaginário para dialogar com elementos da natureza. Encarnar a imaginação simbólica junto às árvores é atribuir a esses elementos prodígios que somente emergem por parte de transcendência.

As folhas, de forma simbólica, apresentam o poder, assim como o guaraná tem seus atributos energéticos eróticos. Arrancar a folha da árvore é tomar o seu poder, sua beleza e sua razão de existência, já que as folhas são responsáveis pela proteção de um sol causticante. Arelado a esse imaginário de subsistência, os ribeirinhos reconhecem a importância das árvores na manutenção do equilíbrio ambiental e na preservação da biodiversidade. Eles valorizam a floresta como um ecossistema vital que sustenta suas vidas, buscando viver em harmonia com a natureza, utilizando os recursos de forma sustentável.

Percebemos no narrar da lenda apresentada, que as folhas têm um papel importante e tirá-las da árvore é tirar sua energia, podendo levar o indivíduo a um destino cruel. A destruição das árvores, especialmente em ecossistemas como a Amazônia, pode ter uma série de consequências negativas, tanto para o meio ambiente quanto para as comunidades. As árvores são *habitats* para uma variedade de espécies de plantas, animais e micro-organismos. Sua destruição resulta na perda desses *habitats*, levando à extinção de espécies e à redução da biodiversidade.

Em resumo, a destruição das árvores tem consequências profundas e generalizadas para o meio ambiente, a biodiversidade e as comunidades humanas, destacando a importância da conservação e gestão sustentável das florestas. Em *Aramebá*, o explorador Miguel é penalizado por infringir a regra, sofrendo consequências drásticas, viu-se preso pelo seu próprio desejo desmedido em querer possuir algo que não era seu. De forma análoga, a narrativa nos conduz a obter uma consciência de preservação em detrimento do consumo exacerbado.

Afinal, quando o aluno apresenta uma árvore que não pode ser danificada, remete a ideia de algo sagrado. Na sua imaginação simbólica, a árvore é notabilizada como algo sagrado, uma espécie de deusa da floresta que não pode ser violada ou profanada.

O indivíduo, por meio da criatividade do imaginário, é um construtor de deuses, fabrica deuses dentro de um campo fantástico, atribuindo-lhes uma relação de transcendência e os elementos que estão a sua volta. Esse ato construtivo de criar entidades pode ser elaborado por referências que estão inerentes ao nosso consciente, pois a partir de um contexto, recria, dando sentidos e relacionando-o com experiências sociais. Podemos analisar, por exemplo, que a árvore sagrada já esteve presentes em outras religiões. Na cultura judaica, no ato da criação, os primeiros habitantes da terra, segundo a Bíblia Sagrada, não deveriam tocar a árvore que estava no centro do jardim, porém com a ambição em jogo, receberam como consequência a expulsão do paraíso.

Dessa maneira, árvore que é uma espécie de metonímia da floresta amazônica, e representa no conto lendário um elemento sagrado que deve ser preservado dos exploradores que sempre tentam violá-la. Dentro de uma transposição do imaginário, nosso contador Galo-da-serra apresentou-nos a importância da floresta, mostrando que ela é a razão e o ícone do mundo amazônico. Que todos estão entrelaçados ao meio ambiente.

3.5 Os guardiões da serpente (autoria do aluno Tucano)

Há muito tempo, nas profundezas da floresta amazônica, existia uma tribo ancestral conhecida como Os Guardiões da Serpente. Segundo a lenda, eles eram os protetores de uma serpente mística chamada Kiará, cuja pele brilhava como o arco-íris.

Kiará era venerada como a guardiã da harmonia na floresta, e os Guardiões zelavam por seu bem-estar. Dizia-se que, aqueles que encontrassem a serpente, eram abençoados com sabedoria e prosperidade.

No entanto, a tranquilidade foi interrompida, quando uma terrível seca assolou a região. Os rios secaram, as árvores murcharam e a vida na floresta começou a definir. Os Guardiões, desesperados, buscaram a orientação de Kiará, mas a serpente havia desaparecido.

Determinados a salvar sua terra, os Guardiões partiram em uma jornada perigosa pela floresta, enfrentando desafios e superando obstáculos. Com coragem e devoção, encontraram Kiará em uma gruta oculta, enfraquecida pela falta de cuidado com a natureza.

Com lágrimas nos olhos, os Guardiões imploraram por perdão e prometeram proteger a floresta. Em resposta à sinceridade de seu arrependimento, Kiará ressurgiu, sua pele brilhando mais intensamente do que nunca.

A serpente concedeu-lhes uma semente mágica capaz de restaurar a vitalidade da floresta. Os Guardiões plantaram a semente sagrada, e, com a bênção de Kiará, a floresta floresceu novamente, enchendo-se de vida e prosperidade.

Desde então, os Guardiões da Serpente honram seu compromisso, protegendo a floresta e preservando a lenda de Kiará como um lembrete eterno da importância de cuidar da natureza.

A relação da vida e com a destruição da natureza é temática da lenda *Os guardiões da serpente*. Novamente, o antropoceno é maculado devido à falta de preservação do meio ambiente pelos humanos. A imagem da serpente é recorrente como protetora de algo, seja para o bem ou para o mal. Conforme a ideia de Joseph Campbell (2014), a serpente é uma imagem que sempre esteve na mente do homem. Por ser um símbolo primitivo, traz consigo temas míticos que relacionam com ideias maniqueístas, que têm o poder de conservar elementos ricos no espírito do homem. Esse réptil apresenta no contexto simbólico, na maioria das vezes, um ser figurativo de maldade ou lado sombrio do feminino. Portanto, a serpente está ligada ao lado escuro, que representa no modelo cristão o pecado original, trazendo a humanidade consequências danosas e, por carregar veneno, representa também um estigma da traição. Chevalier (2008), em *Dicionário dos Símbolos*, amplia a discussão ao conceituar a serpente como ente que é

é visível em uma hierofania do sagrado natural, não espiritual, mas material. No mundo diurno ela surge como um fantasma palpável, que escorrega por entre os dedos, da mesma forma como desliza através do tempo contável, do espaço mensurável e das regras do razoável para refugiar-se no mundo baixo, de onde vem e onde a imaginamos intemporal, permanente e imóvel na completude. (Chevalier, 2008, p. 614)

Diante do trecho supracitado, nota-se que a simbologia da serpente no imaginário do homem é bastante complexa, mas o fato do animal escorregar de nossas mãos e deslizar em um mundo de devaneios, pode representar mudança, uma força que está presente na vida do ser humano. Nesse sentido, Ana Leal Cardoso (2018) acrescenta que a serpente por representar mudança, encaminha para o processo de renovação. Essa metamorfose, encontramos em *Cobra Norato*, de Raul Bopp, já mencionado, quando o protagonista se reveste da pele da cobra para conseguir seu objetivo.

A serpente então não pode apresentar apenas o lado tenebroso, possui também atributos que apontam para uma certa positividade. Chevalier (2008) endossa a ideia de que a serpente pode tanto cuspir morte, como também a vida. A prova disso, na região amazônica, o veneno da cobra possui grande importância para cura de algumas enfermidades. O ribeirinho usa o veneno para diversos propósitos, embora seja altamente tóxico e letal em grandes doses, também pode ter propriedades medicinais quando usado em doses controladas e em condições adequadas. Certos componentes do veneno de cobra podem ter propriedades analgésicas, o que significa que podem ajudar a aliviar a dor.

Na lenda exposta, a imagem mítica nos aponta para algo positivo, pois no imaginário do nosso contador lendário exala que ela protege a floresta, uma espécie de guardião da mata, mostrando ao leitor que, ao ver a serpente, seria agraciado com sabedoria e prosperidade. Assim, a serpente possui a atribuição, na lenda contada, de um ser sagrado, aquela que protege a floresta, uma espécie de mãe sagrada, a guardiã que proporciona paz e harmonia ao lar-floresta. Nesse sentido, Carl Jung (2016) postula que o imagético do materno estão presentes nos arquétipos da humanidade. A representatividade da mãe encaminha para tributos como proteção, fertilidade, bondade, ou seja, aquela que cuida do nascimento à morte.

Na narrativa, quem protege a serpente são os guardiões, que fazem da floresta uma espécie de recôndito sagrado. Nesse momento, a floresta passa a ser um local sacro, na medida em que guarda um ser carregado de atributos espirituais, pois a mata funciona como um santuário. Conforme Ana Pizarro, “há no meio amazônico, uma espécie de Olimpo, um santuário de coisas sagradas, que se interligam com a floresta e os elementos que fazem parte desse universo, que de algum modo são criados e refeitos em um processo volátil (Pizarro, 2012, p. 188). Dessa maneira, o ribeirinho mergulha em mundo mitopoético, que através do *sfumato*, faz a realidade se misturar com o mundo imaginário e, nesse contexto, se aproxima do sagrado.

No contexto lendário redigido, os guardiões precisam manter o culto do cuidando com a serpente e até mesmo de sua morada; um conjunto de elementos que apontam para um campo sagrado, um local carregado de significações. Mircea Eliade (2019a) corrobora, nesse sentido, destacando que o homem que deseja manter o sagrado, se compromete com sua existência, construindo a ideia de assumir, de forma responsável, seu mundo e manter o ambiente em plena renovação. Assim, é possível vislumbrar esse processo imagético na contação, quando o narrador apresenta a simbiose da serpente, uma espécie de deusa; e a floresta, local sagrado.

No contexto do imaginário amazônico, as serpentes apresentam características simbólicas que entrelaçam ao mito. Embora possa apontar para um viés de algo que representa presságio, ocupam um fator relevante nas ideologias dos ribeirinhos e isso pode desembocar nas narrativas lendárias de forma dinâmica.

Krüger (2011) afirma que as narrativas, mesmo de caráter etiológico, podem fazer alusão a um contexto sagrado. Assim sendo, as serpentes também promovem um caráter carregado de benefícios que auxiliam o homem amazônico a notabilizar nesse ser uma espécie de parceria na manutenção de saberes. Embora a maioria dos ribeirinhos veem na serpente um elemento figurativo do mal, ela pode representar uma concepção de um ser, no nosso imaginário, que traz uma ideologia de conservação, protegendo a floresta de males que comprometem a flora e a fauna.

Invocando novamente Ana Leal Cardoso (2018), é possível perceber essa complexidade entre o bem e o mal quando se nota na serpente sua língua bifurcada, ou seja, um elemento, que em uma via representa a morte, e ao mesmo tempo, em outra, está associado a um ser de proteção. Assim, pode ser vista como um ser que intercede ao nosso favor, pois o nosso narrador Tucano, no seu imaginário, emergiu o réptil dessa maneira, dando ao ser um aspecto positivo. Fonseca corrobora no aprofundamento da discussão da ideia mencionada:

A cobra é vista por alguns povos indígenas e ribeirinhos da floresta amazônica como a própria imagem de um ser perfeito. Tome-se, à guisa de um simples exemplo, a sua capacidade de pertencer ao mundo aquático, de transitar com uma desenvoltura invejável pela terra e conseguir atingir os galhos mais altos das imensas árvores da floresta. Por isso, não é descabido concluir que ela enfrenta todos os reinos da natureza, o da água, o da terra, o do ar [...] o do fogo, uma vez que sua língua se movimenta em forma de chama e o veneno que ela injeta é tão ardente que queima o corpo. (Fonseca, 2013, p. 24)

Portanto, na narrativa em análise, remonta-se a premissa de uma serpente, que por ter atributos de grande dinamicidade, dar ao imaginário amazônico um ser que domina em todos

os reinos ligados à floresta, tais como as águas, às terras e nossa gente. A lenda apresentada ainda apresenta um momento caótico quando a serpente desaparece e os guardiões precisam encontrá-la. Constatase que o sagrado não pode ser perdido, uma vez que floresta padece com a falta de encantaria.

Encontrar Kiará, e ter novamente a proteção, é manter o sagrado por perto, presente em um santuário chamado floresta, que não pode ser violada. E quando mantemos o valor de nossas crenças, estamos em harmonia com a natureza e com os elementos que a compõem. Assim, o reencontro trouxe novamente harmonia ao ambiente, uma cobra que guia os guardiões da floresta. O ribeirão, nessa imaginação simbólica, é um guardião, tanto do seu lar como daquilo que ele denomina de sagrado.

Uma cobra que no meio amazônico apresenta a ideia de imponência e poder é a Boiuna, um ser que encanta, mas também pode causar medo aos pescadores. Paes Loureiro a conceitua como um ser mítico que apresenta um manancial de significações, dando ao ribeirão imaginários de transfigurações, correlacionando sua fisionomia com rios, raízes das árvores e um barco iluminado com seus dois holofotes que podem auxiliar o ribeirão a se situar em algum lugar no universo fluvial.

Portanto, o ser imaginário protegido pelos guardiões da serpente, ao fazer parte do repertório da narrativa, é enriquecido em uma transfiguração positiva, pois o aluno Tucano sempre enxergou a serpente como uma espécie de ser protetivo e, conforme o final da história, não manter o sagrado entre nós, é danificar o nosso ambiente, assim como a floresta foi afetada com a ausência da serpente.

3.6 Tainã, a estrela (autoria do aluno Mergulhão)

Em uma aldeia indígena existia uma bela moça, Tainã. Possuía semblante lindo, olhos brilhantes, pele macia, cabelos pretos como um anjo que enfeita a floresta. Ela tinha conhecimentos médicos, era uma curandeira da aldeia, sabia navegar em todos os rios, sua inteligência era extravagante.

Existia uma aldeia vizinha perto da sua, na qual, um dos seus moradores, por “acidente” acertou uma flecha em um dos integrantes da aldeia de Tainã. Ela, por ser uma curandeira, fez seus devidos curativos, por si só foi a aldeia vizinha tirar suas dúvidas, mas na qual não saberia o que poderia lhe acontecer.

Em direção ao cacique da aldeia vizinha fez suas devidas perguntas do porquê daquilo ter acontecido. Ao chegar em um território que não era seu, o cacique vizinho, por ver sua beleza, seus olhos brilhantes, queria aquela mulher para si.

Em segundos, Tainã foi golpeada pelas costas que a fez desmaiar. A jovem linda foi obrigada a fazer atos tão horríveis, foi tão cruel, foi jogada no rio para morrer fatalmente. Em minutos, seu corpo sumiu. O rio levava o corpo de Tainã, seu corpo “dançava” nas águas, até chegar à beirada de sua aldeia.

Assim, seu corpo foi avistado, imediatamente foram ver o que poderia ser, em meio as dúvidas a viram. Tainã, sua pele pálida, seus olhos brancos, tudo isso lhe aconteceu por causa de um mal-entendido. Seu corpo foi enterrado e sobre sua cova estava a seguinte mensagem “Tainã, a mulher linda e brilhante”. Em meio a tanto sofrimento da aldeia, Tainã já não estava entre eles.

Alguns anos se passaram, a aldeia da linda jovem foi para uma pesca. Nessa pescaria os índios acabaram se afastando muito da aldeia, já estava escuro, não sabiam onde estavam. De repente, um brilho esplendoroso apareceu em um formato de pessoa, mas era semelhante a uma estrela, seu canto era tão belo e um tanto quanto peculiar, e em meio a tantas dúvidas, eles decidiram seguir a “estrela” e ela os guiou de volta a aldeia.

Foi relatado tudo isso ao Cacique da “mulher estrela brilhante”, que poderia ser espírito de Tainã? Seu nome tem seu significado “estrela”. Tainã a estrela que guia os perdidos no rio, a que ajuda quem se perder nos rios e os protege. Tainã, a Estrela mais brilhante do céu.

Na lenda narrada, a violência contra a mulher vem à baila. Ainda que em um contexto indígena, o corpo é violentado e mortificado. O que permanece é a essência. O estupro é metaforizado na lenda. A jovem moça sempre fez parte do imaginário dos povos originários amazônicos. As artes representam as moças e seus atributos com muita frequência. Por exemplo, notamos as mulheres no ápice figurativo da mocidade no Festival Folclórico de Parintins, no qual centraliza o *glamour* da festa para a Cunhã Poranga, Sinhazinha da Fazenda, Rainha do Folclore e outras. Contudo, a violência quase não é destaque nas discussões, apenas os ornamentos atribuídos à beleza jovial.

Todas essas mulheres mencionadas em festivais estão carregadas de significações dentro de um devaneio. Por meio do ato cultural, o simbolismo feminino ganha profundidade para entendermos a origem e lugar. Contudo, destaca sempre a supremacia masculina em

diversas narrativas. Na narração, a Tainã é reconhecida dentro de sua aldeia e profanada por estranhos.

Gilbert Durand, por exemplo, apresenta o feminino em duas óticas principais, o regime diurno, em que esta representa a luz, o sol, que pode lutar contra algo ou iluminar situações contrastantes; já no período noturno, a mulher representa a lua, momento de descanso e entrega. Na imaginação simbólica da narração, percebemos que a personagem Tainã está no campo diurno, a luminosidade dada ao seu rosto pode ter sido elaborada em um viés de um ser que luta, um arquétipo de deusa, por ter uma qualificação de curandeira da aldeia e conhecer os rios, estes que representam os caminhos do povo amazônico. Ainda que a morte a consome, reluz de outra forma.

Paes Loureiro, nesse contexto, destaca que o rosto auratizado, carregado de luminosidade e reflexo, pode representar dentro da cultura amazônica, um simbolismo de que a luz está no campo da divindade, pois em muitas culturas as deusas carregadas de luminosidade desempenharam um grande papel no destino de alguém, tais como Diana, Artemis, Hecates. Contudo, a jovem da lenda E foi golpeada por um destino cruel e seu corpo foi tragado pelas águas. O rio aqui é seu abrigo, seu descanso, seu túmulo. Ao mesmo tempo, regeneração da vida, ainda que de outra maneira. Uma espécie de abrigo para quem cansou de sofrer. O ato de ela ser levada pelo rio, na imaginação simbólica de Durand (2023), é uma espécie de descida, e ao mesmo tempo um encontro com um ser protetor, que é a água, uma espécie de água-mãe.

Assim entendemos que as águas do rio são seu amparo e alívio, pois o discente usa o verbo “dançar” nas águas, apontando para um imaginário de ser que encontra no rio refúgio e passagem para uma nova etapa de vida, caminhos que levam a uma paz da alma. Isso ilustra o rio como fonte de refrigério.

O ribeirão, de certa maneira, também vê o rio como fonte de refrigério e alívio. Essa imaginação simbólica pode perceptível também na narrativa mítica *Ajuricaba*. Nela, o herói é aconselhado pela esposa Maori para se jogar no rio a ser preso, ou seja, encontrar nas águas o seu melhor abrigo.

Aludimos também a simbologia de luta do seringueiro, conforme Euclides da Cunha, em *À margem da História* (2019). Quando estava cansado do trabalho escravo, golpeado pela vida, assim como fizeram com personagem Tainã, resolveu encontrar nos rios uma forma de aliviar seus flagelos, colocando no rio uma canoa que conduzia um boneco, o tal denominado pelo autor de Judas Ahsverus. Assim, os rios são fontes de alívio, carregados de furos que representam braços que protegem, que alimentam o homem amazônico. Lembro-me que quanto

criança ao me sentir chateado com algo, encontrava no rio uma conexão, um caminho para uma transcendentalidade, uma espécie de pequeno curso, como chamam os indígenas, caminhos de canoas (igarapé).

Não são apenas caminhos de canoas, são caminhos de alívio, caminhos de transformações, que levam o homem ribeirinho a não apenas extrair seu alimento para sustentar o corpo, mas dar sustento a uma imaginação simbólica, trabalhando diversos devaneios por caminhos, como se fossem teias e labirintos que nos conduzem a transformações inexplicáveis. Essa premissa é reforçada quando Paes Loureiro (2015) enfatiza que:

O rio governa um labirinto sistema de água, como aranha no centro de uma teia. [...] é um ator que proporciona inúmeras metamorfoses. Prestigiador da realidade, ele transfigura, ele hipnotiza, solapa, restaura, faz aparecer e reaparecer ilhas, esconde embarcações, encantadas nas suas casacas de ondas, devora cidades, alimenta populações, guarda em suas profundezas ricas encantarias habitadas pelos botos, uiaras, anhangás, boiunas, cobras-norato. (Loureiro, 2015, p. 136)

Na conclusão da lenda exposta, percebe-se que a menina Tainã surge das águas, pois o rio, para o narrador, restaura o imaginário de metamorfose e guardador de elementos sobrenaturais. Do mesmo rio que deu descanso a Tainã, também a faz ressurgir como fonte de assistência ao seu povo. Ela é reencarnada em forma de luz, mostra o caminho ao seu povo, sendo assim uma estrela-guia. Além de usar a sua luz estelar para guiar os seus, o ser cintilante também cantava. O canto também faz parte da cultura de deidade, talvez fosse a forma que Tainã usou para não causar medo aos indígenas.

A fusão de luz e som, elementos de imaginação simbólica, direciona-nos para um simbolismo de sedução e receptividade. Melodia de seres naturais é sinônimo de aproximação, pois era assim que Uiara se aproximava de forma amigável dos pescadores, uma simbologia de contemplação muito presente no imaginário amazônico (Loureiro, 2015, p. 266).

O aluno Mergulhão, ao usar esse hibridismo de música e luminosidade, incorpora em seu fazer literário um elemento sinestésico que estão bem presentes na cultura amazônica quando desejam apresentar um ser sobrenatural.

Portanto, na conclusão da narrativa, a personagem-deusa se metamorfoseia em uma estrela, uma espécie de divindade que se faz presente em meio de seu povo, para iluminar seus caminhos, quando necessário. Uma inspiração para sua aldeia. Apesar de ser atirada nas águas de forma violenta pelo algoz, no imaginário poético do narrador, o rio acolhe, purifica, transforma-a em uma estrela. Uma redenção diante da perversidade masculina com a mulher.

Ao apresentar Tainã no início da narrativa como uma menina cheia de luz e conhecimento, o narrador, em seu imaginário, une esses dois elementos que, no final da história, culminam-se em uma divindade, uma espécie de guia para seu povo, um astro que auto se revela no nome da moça.

Em outras lendas, é possível ter o mesmo viés de imaginário, ao se atirar no rio, crianças viram pássaros, estrelas, ou qualquer outro ser encantado. Entende-se que esse fenômeno cheio de transcendentalidade nos revela um poder criativo do que a natureza pode fazer, que por meio da imaginação simbólica, o sujeito amazônico, “mesmo não se apegando a uma base científica, mas por meio de uma observação estetizante, tenta compreender a realidade através do viés empírico” (Loureiro, 2015, p. 230).

Na imaginação simbólica do povo amazônico sempre há o simbolismo de um deus que surge do meio do povo, talvez seja a forma de apresentar um ser divino que entenda a vida do povo, com suas labutas e receios. Krüger (2011) defende essa premissa quando destaca que os povos do alto Rio Negro sempre preferiram um deus que fosse acessível a tribo, que ensinasse algo relevante para eles e a melhor forma de seu surgimento é ver nesse deus uma certa aproximação da humanidade.

Ao tentar entender o imaginário exposto nessa lenda, notamos, dentre outras simbologias citadas, a ideia de que um herói ou heroína precisam passar por uma espécie de caos para chegar ao nível de sobrenaturalidade, talvez essa seja, uma grande relação com o ribeirão, que diante das adversidades e intempéries da vida, atravessa as tempestades, singra os rios desconhecidos, enfrenta os monstros da vida, mas no final de tudo, torna-se estrela de seu próprio palco, palco este que chamamos de universo amazônico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação comprovou a relevância das lendas amazônicas na representação da nossa herança cultural. Ao recriá-las, expande-se o estético-imaginário em consonância com as práticas sociais das comunidades amazônicas. No percurso do texto, presenciou-se a valorização desta estética e do ato de narrar a lenda, pois ao serem recontadas de geração em geração, fortifica a nossa identidade cultural, na qual nos relacionamos com nossas raízes, preservando a narrativa como uma literatura relevante estigmatizada no contexto social do colonizador.

Ao respondermos o questionamento geral, na qual a proposta foi saber, mediante a um estudo investigativo, se as lendas amazônicas podem ser representadas por meio da imaginação simbólica narradas pelos alunos em um ambiente escolar, evidenciou-se que a imaginação é a força motriz para que o ambiente ribeirinho torne-se mais significativo, e por meio dela, o homem amazônico recria e reflete o *ethos* em um valor estético, recriando rios, florestas e costumes, encantamentos, utilizando as narrativas lendárias.

A despeito do cumprimento do objetivo geral, em consonância com a pergunta central, constatamos que ato recreativo lendário, relacionando com o imaginário amazônico, cumpre o papel da literatura na sociedade amazonense e na preservação cultural.

As narrativas elaboradas por 5 (cinco) discentes confirmaram as hipóteses que foram levantadas, ao mostrar que existe uma relação da narrativa lendária e o campo da imaginação simbólica, pois as produções realizadas em sala se relacionam com experiências pessoais, e apresentam a introjeção de elementos que se redimensionam em uma visão carregada de devaneios e esteticismo. Consideramos que a lenda produzida pelos discentes é permeada de subjetividades entrelaçadas à realidade, que no ato da produção acontece um *sfumato*, um a espécie de transcendência, que fazem com que as personagens criadas pelos narradores sejam dotadas de poderes sobrenaturais, frutos de arquétipos que se entrelaçam com os elementos míticos local.

No ato produtivo da pesquisa, tive a oportunidade de também ser um contribuinte no texto, evocando meu imaginário, entrelaçando às minhas experiências que, de alguma maneira, foram responsáveis para que meu interesse tornasse mais significativo no campo do imaginário amazônico, e o que é mais interessante, brotaram de forma livre, na qual encontrei na imaginação simbólica o meu museu de sonhos ao reconstruir histórias ou fatos com dimensão

de valores e herança, que não podem se esvaír, pelo contrário, devem ser atualizados no tempo e no espaço.

As experiências são de relevância significativa para formação de uma natureza criativa e imaginária. Nesse contexto, cada narrador, ao apresentar suas lendas, mantinha certa relação com sua vida, representando o mítico, recriando, quem sabe, valores e conflitos diante de um ambiente carregado de significações. Ao construir a narrativa lendária, é propiciado aos alunos uma espécie de rememoração ou remodelagem do ambiente em que estão inseridos, pois o texto criado, fornece uma capacidade criadora, compreendendo a realidade circundante. Assim, o ato de produzir lendas ajuda a preservar a identidade cultural de uma comunidade ou grupo étnico, pois elas refletem os valores, crenças e tradições únicas de uma cultura e são transmitidas de geração em geração como parte do patrimônio cultural compartilhado.

Produzir lendas é uma atividade comunitária que reforça os laços sociais e fortalece o senso de pertencimento. Ao colaborar na criação e na disseminação das lendas em sala de aula, percebi que as pessoas se conectam com sua herança cultural compartilhada, já que me vi na infância, rememorando minhas experiências que se entrelaçavam com as dos alunos.

Essa pesquisa foi um percurso que outrora poderia estar no mundo real e ao mesmo tempo buscando mais profundamente elementos que se entrelaçam de forma metafórica. Não bastava apenas retomar à foz dos rios, florestas, seres, por onde passei ou ouvi os alunos contarem, mas tentar entrar em sua essência que é carregada de significados. Como uma criança, que esperava o rio secar para conhecer de perto o olho d'água, ou seja, a origem de tudo, o pequeno olho (e essência), que quando cheio o rio, ficava enorme e enxergava o céu.

E quando via que a minha experiência da infância se relacionava com a deles, percebi que os conhecimentos são transmitidos de geração em geração e, que por meio das lendas, enriquecem-se o imaginário coletivo e fortalecem os laços com a terra e a natureza amazônica.

Ouvir a palavra Amazônia, é ecoar em nossa mente uma palavra polifônica, afinal, dependendo de cada um, essa multifacetada visão pode apresentar, para muitos, conquistas colonização, eldorado escondido entre outras, mas para nós, que estamos aqui, vemos mitemas, isto é, elementos associados ao mítico que engloba lendas e personagens fantásticos, um repertório que até hoje encanta pessoas do mundo inteiro.

Essa maneira de perceber a amazônia, é repassada de forma tradicional e inventiva. As narrativas lendárias retomam essa inventividade por meio de uma questão vocacional que o ribeirinho carrega dentro de si. Ele aproxima o real da imaginação simbólica. Essa forma de agir diante de elementos que o cerca, faz do homem amazônico um ser marcado pelo

imaginário, que por meio de metamorfoses faz de suas experiências um resultado de elementos híbridos que o enriquecem culturalmente e resgata saberes.

Assim, a imaginação simbólica desempenha um papel essencial na criação e na interpretação das lendas, enriquecendo seu significado e sua relevância cultural. Por meio dessas histórias, as pessoas exploram questões profundas e complexas, conectam-se com sua herança cultural e encontram significado no mundo ao seu redor, fazendo com que nos tornemos cocriadores do nosso contexto.

Reafirma-se, aqui, que o homem amazônico é uma espécie de criador de seu mundo, pois une seus conhecimentos teogônicos e cosmogônicos a uma primordial credibilidade diante de seu cotidiano em uma forma bem espontânea, que seria por meio da narrativa lendária

No decorrer de todo processo histórico, as encantarias, as entidades sobrenaturais deram ao indivíduo um olhar sensibilizador, que o levou a aprofundar em seu imaginário uma construção estética, a qual insere o ser humano no cosmos cultural amazônica, e faz dessa conjuntura de mitificações, explicações e evocações, uma reflexão em meio a realidade que o encobre.

No espaço amazônico, essas experiências originárias do imaginário estetizador participam em um sentido coletivo que, por sua vez, devem ocupar um especial lugar na produção cultural de nossa região. Dessa forma, as lendas não devem se esvair de nossa identidade, pois elas legitimam o nosso cosmos, sensibilizações e racionalizações que são ornadas e incorporadas com o auxílio do imaginário.

Para os alunos, o ato de produzir as narrativas lendárias retrata um papel central na simbolização da cultura, identidade e cosmovisão dos povos que habitam a região amazônica. Elas são mais do que simples histórias; refletem crenças, valores, relações com a natureza e formas de entender o universo amazônico. Essa compreensão cria uma conexão profunda, a qual simboliza a interdependência entre os povos amazônicos e o meio ambiente. Lendas narradas pelos discentes como *Aramebá* e *Os guardiões da serpente* refletem a reverência e o respeito pelas forças naturais, além da percepção de que a floresta é habitada por espíritos e entidades protetoras. Isso evidencia uma visão de mundo em que a natureza é viva e sagrada.

Na conjuntura dessa pesquisa, os elementos do imaginário narrados não apenas dialogaram com teóricos, mas também me conduziram a ter uma interação com meu eu, objeto de pesquisa também, pois à medida que eu descrevia a paisagem amazônica dentro de uma visão poetizante, meus devaneios se dinamizavam, como um rio que fazia um percurso até uma desembocadura. Acredito que este é o papel da literatura, revelar-nos que os mitos e lendas são

frutos resultantes de uma imaginação que está ligada ao nosso ser por meio de nossas vivências, uma voz que imerge de um desconhecido, mas que traduz o nosso mundo. Espero que o leitor consiga mergulhar também nessas águas míticas e aproveite essa travessia carregada de encantarias.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodoro. W.; HORKHEIMER, Marx. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 7. ed. São Paulo: Scipione, 2018.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2018 .

BACHELARD, Gaston. **A terra e o devaneio do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Trad. Rita Buongiorno e Pedro Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOPP, Raul. **Cobra Norato**. 25. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2015.

BRITTO, Apolonildo Senna. **Lendário Amazônico**. Manaus: Norte Editorial, 2007.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. v. I. Petrópolis: Vozes, 2009.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Atenas, versão atualizada, 2014.

CASCUDO, Luís Câmara. **Antologia do Folclore Brasileiro**. v.I. São Paulo: Global, 2001.

CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 2023.

CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas-Linguagem I**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CARDOSO, Ana Leal. **O imaginário da serpente em Alina Paim: espaço de personagens femininas**. Rio de Janeiro: Revista Travessias interativas, 2018.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário dos símbolos**. Trad. Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

COELHO, Maria do Carmo P. **As narrações da cultura indígena no Brasil: Lendas e Histórias**. Tese Doutoral em Linguística Aplicada – PUC-SP, 2003.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018

CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 4.** Trad.: Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2012.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica.** Versão atualizada. Coimbra: Edições 70, 2023.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese.** Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva Edição revista e atualizada, 2020.

ECO, Umberto. **Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas.** Trad. Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 2015.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** São Paulo: Perspectiva, 2019a.

ELIADE, Mircea. **O mito do retorno eterno.** Coimbra: Edições 70, 2019b.

FERREIRA, Cacio José. **Fábulas da terra falada.** Manaus – AM: EDUA, 2019.

FERREIRA, Cacio José. Psicologia junguiana, mangá e a imigração japonesa na amazônia brasileira. In. MENEZES, Ana Luísa Teixeira de [et al]. **Pesquisa em psicologia junguiana no Brasil.** Porto Alegre: Cirkula, 2023.

FERREIRA, Lourdes Nazaré Souza. **Narrativas Míticas: nas obras “série Lendas Amazônicas, de Waldemar Henrique e Órfãos do Eldorado de Milton Hatoum.** Dissertação de Mestrado em Literatura e crítica literária – PUC-SP, 2012.

FONSECA, Mário Geraldo Rocha da. **A cobra e os poetas: Uma mirada selvagem na literatura brasileira.** 2013. 334 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

GÊNESIS. Antigo Testamento. In: **Bíblia na Linguagem de Hoje.** São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2020. p. 17.

GENNEP, Arnold Van. **Ritos de passagem.** Petrópolis: Vozes, 2013.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2019.

GONDIM, Neide **A invenção da Amazônia.** Manaus: Editora Valer, 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

JUNG, Carl Gustav. Obras completas. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2016.

KAST, Verena. **A dinâmica dos símbolos: fundamentos de psicoterapia junguiana**. Petrópolis: Vozes, 2013.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: um guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

KRÜGER, Marcos Frederico. **Mito e Literatura**. Manaus: Valer, 2011.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “A Eficácia Simbólica”. In **Antropologia Estrutural**. São Paulo: UBU Editora, 2017.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do Imaginário**. São Paulo: Scipione, 2015.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade**. Revista Famecos, Porto Alegre, nº 15 p 74-82, 2001.

MACHADO, Abimael. **Pequeno ensaio sobre lendas e folclores de Rondônia**. Rondônia: Secretaria de Cultura Esportes e Turismo — SECET, 2013.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2017.

MIELIETINSKI, Eleazar **A poética do mito**. Trad. de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MINAYO, M. C. Apresentação. In R. Gome, **Pesquisa qualitativa**. São Paulo: Instituto Sírio Libanês, 2014.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. In: OLIVEIRA, R. C. O trabalho do antropólogo. São Paulo: Unesp/Paralelo 15, 2000. p. 17-36.

PIAGET, J. **Epistemologia Genética**. São Paulo: WMF Martins, 2012.

PIERCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2010.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: CRV Editora, 2020.

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação: O discurso e o excesso de significação**. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2009.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

SANTOS, Robson Caetano dos. **Estória ou história? A dicionarização literária do termo através da concepção de Guimarães Rosa**. MEMENTO - Revista de Linguagem, Cultura e Discurso Mestrado em Letras - UNINCOR - ISSN 1807-9717 V. 06, N. 2, julho-dezembro de 2015. Disponível em: http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no1/5mito_formacao.pdf. Acesso em: 14 de junho de 2024.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Do pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e outro**. Faculdade de Economia de Coimbra, Coimbra / Portugal, Conferência de abertura do VIII Congresso de Ciências Sociais, realizado em Coimbra, de 16 a 18 de setembro de 2004. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/misc/Do_pos-moderno_ao_poscolonial.pdf>. Acesso em: 13 set. 2024.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democratização**. 44.ed. Campinas: Editora Autores associados, 2021.

SOUZA, Anervina. **As lendas amazônicas em sala de aula**. Manaus: Valer, 2020.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

VIGOTSKI, L.S., **Imaginação e criatividade na infância**. Tradução: João Pedro Fróis. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2014.

APÊNDICES

LENDAS PRODUZIDAS PELOS ALUNOS

PRODUÇÃO DE TEXTO

Título da Lenda:	
Cacairu, a mãe das entidades	
1.	A lenda conta que em uma tribo morava Teniye,
2.	com um corpo lindo, cabelos grandes. Com apenas 15
3.	anos, seu pai Yorichi, que era o líder da tribo, pre-
4.	cisava casar Teniye quando Yorichi era velho, e sabia
5.	que não tinha muito tempo de vida.
6.	Ela não queria se casar, pois tinha um romance
7.	secreto. Toda noite a luz de luar, se encontrava com
8.	Kauá, o seu "amante", ele jurava fugir e casar com ela
9.	Um dia, seu pai apresentou Iliu, um cara lindo e
10.	bonito, mas a menina estava realmente apaixonada
11.	por Kauá, porém o líder insistia para que ela ficasse com
12.	Iliu.
13.	Logo lhe chatava, até que foi correndo encontrar
14.	Kauá, chegando lá, viu seu amigo com outra mulher,
15.	gritou batendo o amante, mas ele reagiu a espancan-
16.	do muito e depois fugiu. Ao chegar de rosto inchado na
17.	tribo, explicou ao pai que tinha visto um índio de outra
18.	tribo "roubando" as coisas e foi enfrentá-lo
19.	Na tribo, havia uma anciã, e descobriu que Teniye car-
20.	regava uma peça dos deuses no corpo. Despeitada que
21.	ela estava grávida, casou com Iliu, mas o marido era rude.
22.	A barriga cresceu, e o esposo suspeitava que o filho não
23.	era dele. Iliu contou ao sogro que a filha carregava um
24.	bebê que era dele. O pai mandou ela embora antes que

da mata.

Tomio saiu correndo em meio as matas, seguindo apenas uma direção só, os raios se aclararam e a chuva logo veio, o tempo foi passando, Tomio começou a recolher frutos e banho de rio, assim chegou aos seus Irmãos. Enquanto Tomio estava tomando banho, sentiu uma dor no pé da bota, ela sabia que tinha chegado a hora, e logo entrou em trabalho de parto, Tomio sobeu no porto, a criança não queria sair.

O bebê nasceu, mas ele morreu pela demora do nascimento, e Tomio dormiu, porém veio uma chuva forte, e provocou uma enchente que arrastou seu corpo para o rio Marangatu.

Aquele rio era sagrado, os deuses que moravam no rio, comovidos, resolveram trazê-la a vida novamente.

Tomio acordou com cabelos brancos como a neve, a sua pele tinha marcas, como se fosse uma tatuagem pelo corpo, seus olhos eram vermelhos como fogo. O dem que os deuses deram era de protetora da mata, ela tinha o poder de criar outras entidades para proteger as matas.

Tomio ganhou o nome de Licairu, a mãe das entidades. Ela vive nas profundezas do rio. Dizem que quando chove forte na mata é o choro dela lembrando da perda do filho da traição de Kuvá e do abandono de seu pai.

PRODUÇÃO DE TEXTO

Título da Lenda:

CA. Doreia dos anjos

1.	um certo dia, piratas que andavam pelo mar
2.	com o branco à noite, onde estava muito escuro e não
3.	tinham uma luz para saber por onde andavam,
4.	estava tão escuro que neste momento, eles se
5.	perderam, tanto que começaram a decidir ficar por lá
6.	mesmo até o amanhecer.
7.	Não demorou muito, eles ouviram barulhos estran-
8.	hos e assustados, até que esses barulhos pararam. Então,
9.	de repente, uma moça muito bonita pediu ajuda com uma
10.	de uma rocha, os piratas perceberam que a moça era bonita
11.	de mais, e decidiram ajudá-la, disseram para ela que
12.	que iam ajudá-la e que iam levá-la para onde ela
13.	quisesse, e se aproximaram com o barco enquanto
14.	um dos piratas se aproximava para pegar a moça
15.	dela.
16.	Mas de repente a barreira caiu e não houve
17.	o que aconteceu, enquanto os outros piratas estavam
18.	sentados à espera, perceberam que o pirata mais
19.	forte apareceu. Logo eles sentiram um barulho que
20.	barco e tentaram sair dele até o barco virar e
21.	pedir ajuda dizendo que se ajudou, e os piratas
22.	mesmo foram ajudados, e ela ficou com eles enquanto
23.	um guarda viu e pegou, todos se assustaram
24.	e queriam matá-la, ela chorou e todos se calaram.

25. que tinha na mão, e não sabiam o que tinha, tão
 26. to que dizem, que ela pulou no mar e viram
 27. uma colcha de formoso de uma perna dela, e
 28. assim "da" demonstrou a coisa.
29. No dia seguinte, era hora
 30. amanhecer perto de uma cidade pequena,
 31. e meradores ao chegarem perto perceberam
 32. sangue e homens no rio sem nenhuma possi-
 33. bilidade de vida, com os corpos marcados
 34. de mordidas, até hoje dizem que aquelas
 35. mordidas foram feitas por algo maligno
 36. ou animal, pois de comum se via que
 37. alguns moradores dizem foi des visto
 38. perto da cidade andando e encontrando
 39. com a sua beleza e fazendo homens perde-
 40. rem a vida.
41.
 42.
 43.
 44.
 45.
 46.
 47.

PRODUÇÃO DE TEXTO

Título da Lenda:

A Lenda de Aramelô

1. Há muitos séculos, na densa floresta amazônica,
2. Existia uma árvore majestosa conhecida como "Aramelô".
3. Esta árvore era única em sua espécie, com folhas
4. douradas que reluziam ao luar.
5. Diziam-se que quem encontrasse a Aramelô seria
6. Agraciado com sorte e sabedoria infinitas. Porém,
7. A lenda também alertava sobre a maldição da árvore:
8. Reza: qualquer um que tentasse arrancar suas fo-
9. lhas seria amaldiçoado e condenado a vagar eternamente
10. pela floresta.
11. Um aventureiro destemido, chamado Miguel, ouviu
12. falar da lenda e partiu em busca da árvore mítica.
13. Após dias de busca árdua, ele finalmente avistou a
14. Aramelô. Encantado, decidiu colher algumas folhas
15. para levar consigo.
16. No entanto, ao tocar na árvore, um estranho som
17. pela floresta, e Miguel foi envolto por uma névoa misteriosa.
18. A Aramelô desapareceu diante de seus olhos,
19. e ele se viu preso em um ciclo sem fim, condenado
20. a vagar pela floresta, buscando incessantemente a árvore
21. que nunca mais encontraria.
22. A lenda da Aramelô perdura até hoje, alertando
23. os aventureiros sobre os perigos da ganância e da
24. busca desenfreada por tesouros misteriosos e escondidos.

PRODUÇÃO DE TEXTO

Título da Lenda:

Os guardiões da serpente

1. Há muito tempo, nas profundezas da floresta amazônica, existia
2. uma tribo ancestral conhecida como "os guardiões da serpente".
3. Segundo a lenda, eles eram os protetores de uma serpente mística
4. chamada Kiorá, cuja pele brilhava como arco-íris.
5. Kiorá era venerada como guardiã da harmonia na floresta, e os
6. guardiões zelavam por seu bem-estar. Dizia-se que aqueles que encontravam
7. a serpente eram abençoados com sabedoria e prosperidade.
8. No entanto, a tranquilidade foi interrompida, quando uma terrível
9. seca assolou a região. Os rios secaram, os animais morreram
10. e a vida florestal começou a desaparecer. Os guardiões, desespera-
11. dos, buscaram a orientação de Kiorá, mas a serpente havia desapare-
12. cido.
13. Determinados a salvar sua terra, os guardiões partiram em
14. uma jornada perigosa pela floresta, enfrentando desafios e superando
15. obstáculos. Com coragem e direção, encontraram Kiorá em uma
16. gruta oculta, enfraquecida pela falta de cuidado com a natureza.
17. Com lágrimas nos olhos, os guardiões imploraram por perdão
18. e prometeram proteger a floresta, em resposta à sinceridade
19. de seu arrependimento. Kiorá ressurciu, sua pele brilhando mais
20. intensamente do que nunca.
21. A serpente concedeu-lhes uma semente mágica capaz de restaurar
22. a vitalidade da floresta. Os guardiões plantaram a semente na
23. grama, e com a bênção de Kiorá, a floresta floresceu novamente
24. e, enchendo-se de vida e prosperidade.

PRODUÇÃO DE TEXTO

Título da Lenda:

Tainã, a Estrela

1. Em uma aldeia existia uma bela moça, Tainã, realmente linda,
2. olhos brilhantes, pele tão macia, cabelos pretos sedosos e lisos que
3. que se parecia um rosto de anjo com sua beleza. Ela tinha conhe-
4. cimentos médicos, uma curandeira da aldeia, sabia navegar em
5. todas as rios, era tão extraordinária sua inteligência.
6. Existia uma aldeia vizinha perto da sua, na qual, um dos
7. seus moradores, por "acidente" acertou uma flecha em um dos inte-
8. grantes de sua aldeia, ele por ser uma curandeira fez sua divi-
9. das curativas, por se só foi a aldeia vizinha ter um cura-
10. ndeira fez suas dividas curativas, por se só foi a aldeia vizinha
11. tirar suas dividas, mas na qual não valeria o que poderia
12. lhe acontecer. Em direção ao cacique da aldeia vizinha fez
13. suas devidas perguntas do porque aquilo ter acontecido,
14. chegou perto de um temilário que não era seu, o cacique
15. por ser sua beleza, seus olhos brilhantes, quis aquela mulher
16. para si.
17. Em segundos, Tainã foi agredida pelas costas com golpe
18. que a fez desmaiar, uma jovem linda foi derrecho e fazer
19. até tão horríveis, foi tão cruel, foi jogada no rio para
20. morrer fatalmente, em minutos seu corpo sumiu, o rio
21. levou o corpo de Tainã, seu corpo "desapareceu" nas águas
22. e rio levou o corpo da sua aldeia.
23. Assim, seu corpo foi curado, imediatamente foram
24. por o que poderia ser em meio as dividas a viram, Tainã.

25. que pelo pedido seus filhos também tudo isso lhe aconteceu
 26. por causa de um mal-entendido. Seu corpo foi enterrado e sobre ele
 27. sua cora estava a seguinte mensagem "Tairã, a mulher linda e
 28. brilhante", em meio a tanto respeito de sua aldeia. Tairã já nos estava
 29. e como não sabiam onde estavam, de repente, um brilho esplendoroso
 30. novo apareceu em um formato de pessoa, mas era semelhante a uma
 31. estrela, seu corpo era tão belo quanto tanto quanto peculiar, em
 32. meio a tantos dúvidas eles decidiram seguir a "estrela" e
 33. ela os guiou de volta a aldeia.
 34. Foi relatado tudo isso ao cacique da "mulher estrela brilhante"
 35. "podem ser parentes de Tairã? seu nome tem esse significado
 36. "estrela" e Tairã a estrela que guia os perdidos ao rio, a que ajuda
 37. quem se perdem nos rios e os protege. Tairã, a estrela mais
 38. brilhante de lá.
 39.
 40.
 41.
 42.
 43.
 44.
 45.
 46.

ANEXO PLANO DE AULA

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO SUBSECRETARIA DE GESTÃO EDUCACIONAL DEPARTAMENTO DE GESTÃO EDUCACIONAL DIVISÃO DE ENSINO FUNDAMENTAL									
PLANEJAMENTO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS									
IDENTIFICAÇÃO									
UNIDADE DE ENSINO: ESCOLA MUNICIPAL CAROLINA PEROLINA RAIMUNDA ALMEIDA							DATA DO PLANEJAMENTO: 05/02/2024		
PROFESSOR(A): WASHINGTON DA SILVA BASTOS							ANO DE ENSINO/TURMA: 9º ANO A		
COMPONENTE CURRICULAR:	LINGUA PORTUGUESA						TURNO:	VESPERTINO	
			PERÍODO : 19 /03/2024	A	21/03/2024				
TEMAS INTEGRADORES E CONTEMPORÂNEOS – TICs									
*Direitos da Criança e do Adolescente ☐ Educação para o Trânsito ☐ Educação Ambiental ☐ Educação Alimentar e Nutricional ☐ Diversidade Cultural e Cultura Local/Regional			☐ Processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso ☐ Educação em Direitos Humanos ☐ Educação para o Consumo e Educação Financeira e Fiscal ☐ Trabalho, Ciência, Tecnologia e Cultura ☐ Diversidade Religiosa			Educação para as Relações Étnico-raciais: ☐ O Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira ☐ O Ensino de História e Cultura Indígena ☐ Educação Quilombola			
DATA	*Nº AULA	UNIDADE TEMÁTICA/PRÁTICA DE LINGUAGEM	HABILIDADES			OBJETOS DE CONHECIMENTO			
19/03	02	Leitura	EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infantojuvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.			Gênero textual : Lendas Amazônicas e sua importância das lendas na cultura local e sua relação com a identidade regional. Leitura das Lendas : Vitória-Régia , Boitatá , Peixe-boi e Boto para compreensão do mítico			
20/03	02	Produção de Texto	EF67LP30) Criar narrativas ficcionais, tais como lendas populares, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador			Construção da textualidade : Lendas Amazônicas			
21/03	02	Produção textual e Oralidade	(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/ manifestações artísticas,, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações.			Reconstrução das condições de produção, circulação e recepção; Apreciação e contação das lendas amazônicas			

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS		RECURSOS DIDÁTICOS		INSTRUMENTOS AVALIATIVOS
*Aula expositiva ☐ Músicas ☐ Palestras ☐ Dinâmicas *Hora da Leitura	*Exercício em grupo *Exercício individual *Exercício oral *Produção textual ☐ Roda de conversa	*Livro didático ☐ TV/DVD ☐ Jogos didáticos ☐ Jornais ☐ Biblioteca	☐ Cartaz *Quadro branco ☐ Sites ☐ Telocentro/ lab. Informática	☐ Trabalho em grupo ☐ Seminário ☐ Debate *Avaliação escrita *Avaliação oral
ASSINATURAS				
Professor (a): <i>Washington da Silva Bastos</i>	Pedagogo (a):	Diretor (a):		